

a



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

PEDRO OLIVIERI FONSECA

**Psicanálise e Fenomenologia nos dois eixos do pensamento de Gaston
Bachelard:
Diurno-Epistemológico e Noturno-Poético.**

Londrina

2024

PEDRO OLIVIERI FONSECA

**Psicanálise e Fenomenologia nos dois eixos do pensamento de Gaston
Bachelard:
Diurno-Epistemológico e Noturno-Poético.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Londrina, para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Orientador: Prof. Dr. Eder Soares Santos.

Londrina

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

P372 olivieri fonseca, pedro.
Psicanálise e Fenomenologia nos dois eixos do pensamento de Gaston Bachelard : Diurno-Epistemológico e Noturno-Poético. / pedro olivieri fonseca. - Londrina, 2024.
143 f.

Orientador: Eder Soares Santos.
Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2024.
Inclui bibliografia.

1. Bachelard - Tese. 2. Fenomenologia - Tese. 3. Estética - Tese. 4. Psicanálise - Tese. I. Soares Santos, Eder. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título.

CDU 1

PEDRO OLIVIERI FONSECA

Psicanálise e Fenomenologia nos dois eixos do pensamento de Gaston

Bachelard:

Diurno-Epistemológico e Noturno-Poético.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Londrina, para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador: Prof. Dr. Eder Soares Santos
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Marcos Alexandre Gomes Nalli
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Gabriel Kafure da Rocha
Instituto Federal do Sertão de Pernambuco –
IFSertãoPE

Londrina, ____ de _____ de _____.

Agradecimentos

Agradeço muitíssimo ao Programa de Pós-Graduação de Filosofia da UEL que possibilitou a experiência de realização de um sonho particular que parecia tão distante, mas que se concretizou como uma mudança em minha vida. Deixo minha gratidão a todos os professores de Filosofia da UEL que participam do curso e que participaram da minha formação.

Em especial, gostaria de ressaltar meus agradecimentos a presença do prof. Dr. Eder Soares Santos em minha formação que, aceitou me orientar desde minha primeira pesquisa de iniciação científica ainda na graduação e que até hoje se dispõem em seguir me orientando sob o mesmo eixo temático.

Agradeço ao prof. Dr. Gabriel Kafure da Rocha pela significativa transformação que realizou na minha pesquisa por meio da sua ajuda, disponibilidade e acessibilidade, não somente pela gentileza de compartilhar diversos textos que foram essenciais para construção deste trabalho, como também de incentivo ao estudo da língua francesa, à produção de traduções, juntamente ao seu esforço de leitura, correções, colaborações em meus textos visando a sua publicação em formato de artigos.

Agradeço ao prof. Dr. Marcos Alexandre Gomes Nalli pelo cuidado que teve com meu texto, pontuando questões muito pertinentes, trazendo reflexões interessantíssimas e contribuindo de forma significativa para a conclusão deste trabalho. Não esquecendo também de seu aceite em me orientar em minha segunda atividade de iniciação científica realizada na graduação.

Deixo meus agradecimentos mais profundos aos meus familiares que não só possibilitaram minha formação, como também me incentivaram a prosseguir-la, me dando todo suporte, afeto, animo e fôlego que foi possível para prosseguir este caminho acadêmico.

Agradeço a minha namorada e companheira que muito me ajudou e acolheu independente das dificuldades e dos momentos a serem enfrentados, me mostrando como é possível enfrentar de modo muito mais ameno as situações desesperadoras quando se pode contar com a plenitude de um apoio e de uma companhia.

Agradeço aos meus amigos e companheiros de curso que me puxaram cada vez mais para avançar minhas pesquisas, através de boas conversas e da gentileza de disporem do seu tempo para discutirmos nossas pesquisas e os conteúdos de nossas disciplinas.

FONSECA, Pedro Olivieri. **Psicanálise e Fenomenologia nos dois eixos do pensamento de Gaston Bachelard**: Diurno-Epistemológico e Noturno-Poético. 2024. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual de Londrina, 2024.

Resumo

Dentro dessa pesquisa, foi adotado um recorte temático para que se pudesse trabalhar com os dois polos que marcam toda extensão filosófica das obras do autor Gaston Bachelard, e investigando a partir delas a possibilidade de uma interpretação da complementaridade entre os dois núcleos de produção do autor. Para isso, foram selecionados temas não só que estão presentes dentro das duas estruturas de produção do autor, como também elementos externos à filosofia dele, mas que pudessem nos ajudar a reunir estas duas partes constituintes do pensamento bachelardiano através da psicanálise e da fenomenologia. Portanto, a problemática está assentada, sobretudo, nessa dualidade de suas obras, mas também na procura das ligações existentes entre elas como complementares. Estes dois lados que compõem a completude do pensamento são formados por um pensamento *diurno*, claro e objetivo que é estipulado para a atividade científica e por isso caracteriza-se como epistemológico, e outro lado do pensamento *noturno*, onírico e imagético, que se destina a devanear sobre as imagens poéticas. A despeito da metodologia deste trabalho, foi elaborada uma dupla investigação bibliográfica que pudessem respeitar as idiosincrasias de cada um dos eixos temáticos de produção do autor, respeitando as particularidades específicas de cada área dentro de nossa reconstrução teórica dos pontos principais que decidimos abordar tanto no período diurno como também no noturno. Mas, não deixando obstatante nossa busca em reunir aspectos que se entrecruzam dentro de uma dinâmica de alternância para com a variação das atividades dos dois períodos, e que se conectam numa interligação que atravessa os dois eixos por algum vínculo temático filosófico que, em nossa opinião, provoca uma espécie de retroalimentação entre os polos, em sentido de fomentar, enriquecer e ampliar uma mútua influência entre os lados da ciência e da poesia e constituir a noção antropológica do homem das 24 horas.

Palavras-Chave: Bachelard; Epistemologia; Estética; Diurno-Noturno.

Résumé

Dans le cadre de cette recherche, un découpage thématique a été adopté afin de travailler avec les deux pôles qui marquent toute l'extension philosophique des œuvres de l'auteur Gaston Bachelard, et d'étudier à partir d'eux la possibilité d'une interprétation de la complémentarité entre les deux noyaux de la production de l'auteur. Pour cela, on a choisi des thèmes qui ne sont pas seulement présents dans les deux structures de la production de l'auteur, mais aussi des éléments extérieurs à sa philosophie, mais qui pourraient nous aider à réunir ces deux parties constitutives de la pensée de Bachelard à travers la psychanalyse et la phénoménologie. La problématique se fonde donc avant tout sur cette dualité de ses œuvres, mais aussi sur la recherche des liens qui les unissent en tant que complémentaires. Ces deux côtés qui composent la complétude de la pensée sont formés par une pensée *diurne*, claire et objective qui est stipulée pour l'activité scientifique et se caractérise donc comme épistémologique, et un autre côté de la pensée *nocturne*, onirique et imagé, il est destiné à rêver sur les images poétiques. Malgré la méthodologie de ce travail, une double investigation bibliographique a été menée afin de respecter les idiosyncrasies de chacun des axes thématiques de la production de l'auteur, en respectant les particularités spécifiques de chaque domaine au sein de notre reconstruction théorique des points principaux que nous avons décidé d'aborder à la fois dans la période diurne et dans la période nocturne. Cependant, nous avons cherché à rassembler les aspects qui se croisent dans une dynamique d'alternance avec la variation des activités dans les deux périodes, et qui sont reliés dans une interconnexion qui traverse les deux axes par un lien thématique philosophique qui, à notre avis, provoque une sorte de rétroaction entre les pôles, afin de favoriser, d'enrichir et d'étendre une influence mutuelle entre les côtés de la science et de la poésie et de constituer la notion anthropologique de l'homme de 24 heures.

Mots-clés: Bachelard ; Épistémologie ; Esthétique ; Jour-Nuit.

Sumário

Introdução.....	8
1- A presença da Psicanálise na Filosofia de Bachelard	18
● 1.1 Premissas Epistemológicas para a Psicanálise do Conhecimento Objetivo: Obstáculo Epistemológico, Ruptura, Retificação e Descontinuidade.	20
● 1.2 A Psicanálise na Vertente Diurna de Bachelard: <i>Psicanálise do Conhecimento Objetivo</i>	29
● 1.3 Inconsciente Científico e Inconsciente Estético.....	40
2- A Construção do Pensamento Noturno.....	49
● 2.1 <i>Psicanálise do Fogo e Formação do Espírito Científico</i> : as duas obras de 1938 e Uma Dinâmica de Publicações entre Epistemologia e Poética	51
● 2.2 A Psicanálise como Solo Comum aos Dois Polos: A Janela de Abertura para a Vertente Noturna.....	60
● 2.3 Bachelard e os Complexos da Imaginação Poética: Metáforas e Mitos.....	74
3- Fenomenologia do Devaneio.....	86
● 3.1 A Teoria Fenomenológica da Autonomia da Imaginação.	88
● 3.2 Devaneio: O Sonhar Acordado e Os Sonhos da Noite.	100
● 3.3 Conceito Antropológico do Homem das 24h.....	112
Conclusão.....	122
Referências Bibliográficas.....	135

Introdução

Acreditamos que no conjunto da obra de Gaston Bachelard (1884-1962) e em todo seu pensamento, existe um aspecto principal e fundamental que se destaca justamente por atravessar e ser parte constituinte de toda a sua filosofia, sendo este aspecto a peculiaridade de ter desdobrado as suas contribuições intelectuais sobre dois núcleos de interesses diferentes.

Um núcleo teórico científico a respeito dos conceitos e do conhecimento objetivo, caracterizado como sua vertente *diurna-epistemológica*, e seu outro núcleo que se desvela numa investigação e análise fenomenológica sobre os processos de imaginação, da imagem poética e literária, bem como do devaneio, sendo esta fase conhecida como sua vertente *noturna-poética*.

Conjuntamente a outros pensadores¹ brasileiros que além de terem estudado e se especializado na filosofia bachelardiana, por mais extensa, múltipla, variável e densa que seja a construção da dimensão filosófica no pensamento do autor, reconhecem e corroboram dentro de suas pesquisa para dar destaque a este fator muito significativo a despeito da questão da existência de um duplo núcleo de atenção e de concentração dentro da filosofia bachelardiana, visto que ela se desdobra hora sobre as questões da ciência e hora sobre as questões da imagem e da poesia. Portanto, aparece como um ponto chave das ideias e do pensamento do autor a função destes dois lados de sua pesquisa, sobretudo, levando em conta que a atitude filosófica marcante que Bachelard teve por excelência, foi a de ter consagrado seus livros numa espécie de dupla abertura temática entre as duas vertentes. Isto já diz muito sobre o papel que o autor atribui a própria filosofia, dentro da crença de que o estatuto de sua criação filosófica reside na mediação entre esses dois lados do conhecimento, o conhecimento do objeto e da realidade (externa) e o conhecimento subjetivo da realidade (interna) íntima do indivíduo.

Os eixos da poesia e da ciência são a princípios inversos. *Tudo que a filosofia pode esperar é tornar a poesia e a ciência complementares*, uni-las como dois contrários benfeitos [...] é agora, o eixo inverso - não mais o da objetivação, mas o da subjetividade - que gostaríamos de explorar para dar um exemplo

¹ Dentre nossos referenciais destacamos: Constança Marcondes Cesar, Marly Bulcão, Marcelo de Carvalho, André Campelo, que recentemente publicaram juntos *A Poética de Gaston Bachelard* (2021). E também grandes pesquisadores e comentadores internacionais, como por exemplo Gilbert Durand, Jean Libis, Georges Canguilhem, Dominique Lecourt, François Dagognet e Jean-Jacques Wunenburger.

das duplas perspectivas que se poderiam atribuir a todos os problemas colocados pelo conhecimento (Bachelard, 2012, p. 2-4, grifos nossos).

Ao utilizarmos bibliografias complementares para a produção deste trabalho, não ignoramos outras perspectivas de leitura, as quais fazem uma diferenciação excludente entre os dois eixos da filosofia bachelardiana, e que assim, produzem, fazem e compartilham uma interpretação da filosofia bachelardiana diferente da nossa.

Porém, é justamente na complementaridade e nas ligações existentes entre esses dois eixos, que acreditamos encontrar, em Bachelard, o lugar revolucionário que reside na possibilidade de aberturas para interpretação e desenvolvimento do conhecimento produzido pela humanidade.

Sabemos, pois, que existem pontos de vista e interpretações diferentes que divergem entre si num debate argumentativo sobre a filosofia do autor, linhas que defendem a completa exclusão e desvinculamento absoluto de uma vertente para com a outra, ou seja, autores e pesquisadores que enxergam um incompatibilismo entre estas duas esferas das obras de Bachelard. O que é exatamente o contrário do que se pretende defender aqui no presente trabalho, uma vez que nos esforçamos em procurar relações, aproximações, convergências e *complementaridades* de uma vertente para outra.

Entretanto, para dar conta de apontarmos para estas confluências entre as duas áreas de atenção da filosofia de Bachelard (ciência/epistemologia & arte/poesia), optamos por não adentrar, nem nos inserir diretamente dentro desse debate que discorre sobre uma concepção de antagonismo excludentes. Mas, concentraremos nossas investigações, não em sua contraposição excludente, mas em defesa de uma concepção que interpreta as suas duas vertentes como *complementares* e buscaremos traçar linhas que corroborem para a sua aproximação.

Por conseguinte, trabalharemos sobre a base argumentativa da complementaridade, aceitando que dentre as leituras e interpretações feitas a respeito dos constructos de Bachelard, nenhuma delas são totalitárias, nem absolutas, mas que se legitimam mutuamente nesse espaço aberto de debates, estudos e pesquisas.

O argumento que colocamos de antemão é que em boa parte, se não na maioria dos casos de produções acadêmicas a respeito do autor, se coloca como tema central, ou, pelo menos como nota introdutória primordial, essa problemática bachelardiana singular de apoiar a sua filosofia sobre dois edifícios de construção do conhecimento, o diurno com o

conhecimento objetivo e científico, e o noturno com o conhecimento subjetivo e poético-artístico².

É exatamente neste aspecto da complementaridade e da aproximação de suas vertentes, que pretendemos nos aprofundar dentro desta dissertação. Sendo que, este aspecto de complementaridade entre ciência e poesia acaba gerando e criando uma multiplicidade, um enriquecimento, bem como uma ampliação de horizontes para a pesquisa bachelardiana dentro de seu arcabouço teórico duplo.

Os pesquisadores que decidirem se aprofundar no pensamento bachelardiano, podem seguir tanto o ramo da epistemologia e da pesquisa sobre a cientificidade dos conceitos, quanto a vertente da arte, do teor estético das imagens poéticas. Pode-se ainda, optar por trabalhar, assim como o autor fez, numa espécie de alternância entre os dois âmbitos, pesquisando de maneira simultânea sobre estes dois polos. Assim pretendemos seguir com a pesquisa deste trabalho.

Esta possibilidade de dois sentidos e encaminhamentos diferentes dentro da produção de pesquisas na filosofia de Bachelard, apresenta um traço de singularidade da própria filosofia do autor, uma vez que em suas obras e na elaboração de seu pensamento, ele foi capaz não só de atingir e alcançar esses âmbitos, como foi capaz de produzir considerações filosóficas relevantes sobre estes dois níveis de estudos, pois, se não fosse esse o caso, não ocorreria de suas obras e ideias serem investigadas até hoje.

O que se pretende desenvolver nesta pesquisa, é exatamente uma investigação sobre as consequências desse desdobramento de um pensamento filosófico que nasceu sobre base de discussões epistemológicas, tornando-se diurno pela sua clarificação e elaboração de critérios de demarcação para o avanço e o crescimento do conhecimento científico. Bem como passando a iluminar sugestivamente um trajeto em que a ciência poderia se apoiar para garantir seu contínuo desenvolvimento, sendo este um trajeto de constante superação dos Obstáculos Epistemológicos³.

Posteriormente, acompanharemos o pensamento do autor que se aventurou sobre um desdobramento teórico num novo horizonte da imaginação, das imagens, da poética, do devaneio em considerações que formam um conjunto voltado para a estética, o qual foi denominado como período noturno.

² O primeiro ponto de reconhecimento do próprio autor sobre esses dois eixos constituintes de sua filosofia pode ser encontrado no conceito do homem das 24 horas, o qual trabalharemos em nosso último capítulo, além disso, também aparece mais nitidamente e reconhecidamente em seus escritos póstumos contidos na obra *Fragments para uma Poética do Fogo* (1990).

³ Conceito que será analisado mais profundamente no primeiro capítulo.

Sendo assim, investigaremos no período noturno o momento em que Bachelard se envolveu com discussões estéticas sobre o papel das imagens poéticas e as funções do imaginário. Sobretudo, tratou da leitura literária de poemas, também cunhando o conceito de *imaginação material*⁴, sob o prisma dos 4 elementos fundamentais da matéria interpretados como fontes inspiradoras de potências de criação artística.

Por fim e não menos importante, também tratou das viagens oníricas do imaginário, da importância dos sonhos, colocando em jogo dentro do seu debate os estudos psicanalíticos e psicológicos sobre este tema. Mais tarde criou uma contraposição à metodologia de estudo das imagens feita pela psicanálise, para então criar um método próprio de investigação das imagens, denominado de: *fenomenologia da imaginação*.

Neste sentido, o autor construiu um estudo fenomenológico e filosófico das imagens oníricas pelo viés de acesso não único e exclusivamente dos sonhos, criando, principalmente o acesso privilegiado às imagens oníricas que é encontrado através dos *devaneios* (sonhos acordados) e dos poemas.

Correlativamente, ao empregar o método fenomenológico no exame das imagens poéticas, parecia-nos que éramos automaticamente psicanalisados, que podíamos, com uma consciência clara, recalcar nossas antigas preocupações de cultura psicanalítica. Sentíamos-nos, como fenomenólogo, liberados de nossas preferências — essas preferências que transformam o gosto literário em hábitos. Estávamos, em virtude do privilégio dado à atualidade pela fenomenologia, prontos a acolher imagens novas que nos oferece o poeta [...] (Bachelard, 2018, p. 3).

Assim, percebemos em nossos estudos que sua vasta obra filosófica traz intrinsecamente à tona a questão de uma valorização pela ambiguidade⁵ como um motor dinâmico de suas reflexões, visto que em horas ela se preocupa com condições objetivas das investigações científicas, e outras horas ela se atém às disposições psicológicas adequadas para a tomada de consciência da imagem poética.

Por isso, um dos pontos chaves que investigaremos será a questão da *complementaridade* entre essas duas vertentes da sua filosofia, como bem sugere o filósofo Georges Canguilhem (1904-1995):

Gaston Bachelard surge, agora, duplo e completo. Sua vida de filósofo vai realizar-se num labor unido por duas temporalidades distintas: o tempo acelerado da impaciência epistemológica, aflita com a ideia de ficar defasada

⁴ Bachelard, escreveu pelo menos uma obra dedicada a cada um dos elementos (fogo, água, ar e terra). Sobre o conceito de imaginação material, consultar o artigo *Bachelard: a noção de imaginação* (Bulcão, 2003).

⁵ O tema da ambiguidade e do dinamismo aparece destacadamente dentro da tese defendida pelo Prof. Marcelo José de Carvalho, intitulada de: *Por uma Filosofia do Inexato: dinamismo de polaridades e método em Gaston Bachelard* (2013).

da renovação dialética do saber, e o tempo preguiçoso do sonho, ‘não atormentado por censuras’. Era preciso inventar em filosofia o dualismo sem excomunhão mútua entre real e imaginário. Gaston Bachelard é o autor dessa invenção, pela aplicação ousada de um novo princípio de *complementaridade* (Canguilhem, 2012, p. 10, grifo nosso).

Portanto, tomaremos como uma premissa fundamental e chave de leitura deste trabalho uma valorização da ambiguidade e da reunião dos opostos como o ponto de maior importância e mais indispensável para os estudos que tangenciam e que pretendem se concentrar na abordagem da duplicidade da filosofia bachelardiana. Encarando-a enquanto uma demanda estrutural de compreender o ser humano como um ser criativo, e como um ser que está entre a arte e a ciência, criando-as constantemente e também por elas sendo criado.

Apresentando novamente a ambiguidade do autor pela reunião dos opostos (ciência e poesia), ao inserir o ser humano em sua pesquisa, tendo por característica esta mistura entre criatura e criador. Uma vez que, por suas potências de criação, se desdobra sobre a ciência e a arte como formas de criar, as quais, por conseguinte, tornam-se também criadoras da identidade da humanidade. Defendendo como característica fundamental da humanidade o seu traço de *homo faber*, isto é, de homem criador, tendo o mundo como natureza inspiradora (cosmologia poética).

O homem dispõe inteiramente de dois e não de apenas um meio de “transformar” o mundo, de duas “numerotécnicas”: de um lado a objetificação da ciência, que pouco a pouco domina a natureza; de outro a subjetivação da poesia que, através do poema, do mito, da religião, acomoda o mundo ideal humano [...] (Durand, 1988, p. 66).

Podemos sintetizar que o ponto principal deste trabalho está postulado naquilo que vem sendo descrito como duas esferas fundamentais da atividade do pensamento para Bachelard (pensamento diurno e noturno), o pensamento do dia que trabalha sobre a razão, e outra forma de pensamento, da noite, o qual trabalha sobre a imaginação onírica.

O que investigaremos será esta dinâmica própria do pensamento humano defendida por Bachelard, que é a da alternância entre a racionalidade e a imaginação, entre o conceito e a imagem, entre a ciência e a arte, entre o teorema e poesia, entre as proposições e os versos, e assim segue-se os exemplos ao infinito.

Também poderíamos definir o ponto que pretendemos nos concentrar dentro da filosofia de Bachelard, através das duas estruturas (do dia e da noite) que proporcionam duas diferentes organizações, duas diferentes configurações dinâmicas para o próprio ato de pensar, ou ato do pensamento.

Por conseguinte, este trabalho se assenta sobre a intenção de traçar caminhos, construir pontes e aproximar estas duas esferas. Seguindo a metáfora proposta pelo próprio autor, temos

um pensamento diurno que se configura pelo símbolo solar da claridade, envolvendo a racionalidade e atividade rigorosa da consciência e, por complementaridade, o pensamento noturno, simbolizado pela atividade de imaginação onírica do devaneio, pela fonte de criação e recepção de imagens sonhadas e pela atividade artística e menos racional.

Cabe ressaltar que pela presença, ainda que flexível da consciência no processo de devaneio, está presente no seu período noturno não uma claridade solar e radical, mas sim uma iluminação mais propícia ao sonho acordado (devaneio) que se concentra não na escuridão da noite, mas se guia pela luz das estrelas: “O sonho avança linearmente, esquecendo seu caminho à medida que avança. O devaneio opera como estrela. Retorna a seu centro para emitir novos raios” (Bachelard, 2012, p. 22).

Poderíamos desdobrar a partir dessa citação uma das grandes questões que são colocadas pelo autor no período noturno, sendo esta a sua divisão feita entre os *sonhos noturnos*, que seriam os sonhos regidos por uma total inconsciência sem nenhum direcionamento feito intencionalmente pela consciência imaginária do sonhador, em contraponto ao que seria o *devaneio*, uma espécie de sonho acordado, ou, sonho diurno, no qual o sonhador tem participação ativa na conjuntura das imagens oníricas e, portanto, trata-se de uma imaginação ativa sobre seus sonhos, num limiar entre consciência e onirismo, aonde ainda restam resquícios de consciência dentro do oceano onírico que é de domínio completo do inconsciente: “[...] O devaneio é então um pouco de matéria noturna esquecida na claridade do dia. Se a matéria onírica se condensa um pouco na alma do sonhador, o devaneio cai no sonho [...]” (BACHELARD, 2018, p.10).

Entretanto, esta problemática será elaborada mais profunda e pontualmente dentro do segundo capítulo deste trabalho, pois acreditamos que deve-se ser feita primeiramente uma exposição geral sobre cada um dos perfis intelectuais do nosso autor antes de entrarmos em problemas específicos de seus respectivos interesses em cada período. Isto quer dizer que, pretendemos apontar inicialmente para onde desdobrou-se o seu pensamento diurno e seu pensamento noturno, quais foram suas questões sobre a ciência e quais foram seus estudos sobre a arte, para depois mencionarmos as especificidades que podem interligá-las.

Diante disso, no primeiro capítulo, iniciaremos a exposição deste trabalho pela ordem cronológica dos estudos e produções textuais do autor, sendo assim passaremos primeiramente pela apresentação do seu lado diurno epistemológico e científico, para posteriormente podermos observar o nascimento da noite dentro do seu pensamento, isto é, no momento em que começam a surgir e aparecer questões sobre as imagens, o imaginário, as imagens oníricas.

imagens literárias, o devaneio, a poesia, assim como demais temas que foram cercados por uma perspectiva sobre a arte e a estética.

Uma destas esferas indispensáveis para a formulação de seu pensamento e para a sua produção filosófica foi justamente a ciência, a história da ciência, a epistemologia e a própria teoria do conhecimento (científico). Tal parcela da sua teoria filosófica sobre a epistemologia foi considerada como a sua vertente *diurna*, onde inaugurou grandes conceitos filosóficos, tais como o conceito de *obstáculo epistemológico*, *ruptura / descontinuidade* e *retificação*⁶, em oposição à concepção positivista de ciência empregada na época por autores como Augusto Comte, na qual o movimento da ciência era defendido enquanto um avanço linear, gradual e progressivo dentro da atividade de produção de conhecimento.

Bachelard, em oposição ao pensamento positivista, emprega não só a ideia de obstáculo epistemológico como algo que se apresenta de modo intrínseco à prática científica, como uma espécie de entrave e de dificuldade que se manifesta contrariamente perante o próprio movimento de produção de conhecimento científico, isto é, como condição de possibilidade para a configuração de construção do conhecimento. Como também, inaugura a ideia de ruptura dentro da história das ciências, propondo a concepção de um desenvolvimento científico que não fosse linear nem gradual, mas que partisse de constantes quebras e retificações de erros anteriores que produzem saltos no avanço e no desenvolvimento das teorias científicas, para que elas pudessem nessa espécie de saltos, que representam sua constante superação, irem se sobrepondo e ultrapassando os obstáculos epistemológicos, se desligando e rompendo com teorias anteriores que já não dariam conta de explicar a realidade do mesmo modo como atuais teorias possibilitam a explicação do real.

A partir daí, como resposta a essa dificuldade inerente a qualquer pretensão de formulação de conhecimento científico, Bachelard, apresenta não só uma concepção epistemológica que parte da ruptura entre os conhecimentos anteriores em relação ao conhecimento atual, através da ideia de superação e ultrapassagem dos conhecimentos estagnados e que ao decorrer do tempo passam a ficar obsoletos. Sendo essas questões fundamentais que aparecem de modo ressaltado dentro de obras importantes do período diurno, como: *O Novo Espírito Científico* (1934), na qual o autor faz uma exemplificação histórica de substituições de teorias no âmbito da física, que representam rupturas entre si, como foi o caso da teoria da relatividade einsteiniana que rompeu com a concepção newtoniana.

Bachelard reconhece no pensamento de Einstein um dos momentos fundamentais da revolução científica do século XX, a exigir dos filósofos a

⁶ Conceitos que serão apresentados no primeiro capítulo.

construção de uma nova epistemologia: ‘Com a ciência einsteiniana começa uma sistemática revolução das noções de base. É no próprio detalhe das noções que se estabelece um relativismo do racional e do empírico’ (Pessanha, 1994, p. 10).

Chegando à obra que talvez seja sua obra epistemológica mais famosa: *A Formação do Espírito Científico*: contribuições para uma psicanálise do conhecimento objetivo (1938). Dentro da qual, além de toda essa elaboração de um movimento científico permeado de rupturas e de descontinuidade, ou, conjuntamente a essa contribuição que já não seria pequena, Bachelard ainda propõe, apropriando-se da psicanálise, uma ressignificação para atividade de recalque e sua função no aparelho psíquico, e então, cria um novo sentido para as discussões epistemológicas ao interligar a psicanálise com a sua compreensão epistemológica, utilizando da psicanálise como um método de leitura a atividade científica, dando origem ao que chamou de *psicanálise do conhecimento objetivo*.

[...] pela aplicação dos métodos psicanalíticos na atividade do conhecimento objetivo chegamos à conclusão de que o recalque era uma atividade normal, uma atividade útil e, mais ainda, uma atividade alegre. Não há pensamento científico sem recalque. O recalque está na origem do pensamento atento, reflexivo, abstrato (Bachelard, 2012, p. 146).

Será melhor investigada a relação com a psicanálise na parcela diurna do seu pensamento, isto é, a relação de aplicação de uma psicanálise do conhecimento objetivo dentro da sua epistemologia na segunda parte do primeiro capítulo desta dissertação.

Agora, tratando da fase noturna, podemos afirmar que ela não é como a primeira ligada à ciência, mas vincula-se a arte, a literatura e a poesia, bem como demonstra um interesse por estudar a potência da criatividade das imagens em seu valor psicológico. Desenvolvendo nesta vertente uma perspectiva de filosofia da arte, assentada sobre uma estética da *poética*, privilegiando um estudo, como mencionado, sobre o *devaneio* ao invés dos sonhos noturnos investigado pelas psicanálises, e assim formulando uma *fenomenologia da imagem* a partir de uma estetização poética.

Seus estudos sobre o efeito psicológico das imagens poéticas, passa por uma fase voltada à construção coletânea de imagens literárias dos quatro elementos, formulando assim, uma verdadeira cosmologia poética ao encarar os quatro elementos como partes constitutivas da composição do universo, ao mesmo tempo que como fontes de potência criativa. Estudou as forças criativas de cada elemento como disposições de temperamentos criativos:

[...] Se nosso presente trabalho pudesse ter uma utilidade, deveria sugerir uma classificação dos temperamentos poéticos. Ainda não chegamos a elaborar em detalhe uma doutrina de conjunto, mas pensamos que há uma relação entre a doutrina dos quatro elementos físicos e a doutrina dos quatro temperamentos (Bachelard, 2012, p. 132).

Escreve Bachelard na obra *Psicanálise do Fogo*, obra que inaugura sua composição de uma cosmologia poética apoiada sobre o princípio dos quatro elementos materiais (fogo, água, ar e terra), os quais dedica posteriormente pelo menos uma obra a cada elemento poético, reunindo poemas desde poetas pouco conhecidos até grandes escritores renomados da literatura universal, como: Rainer Maria Rilke, Edgar Allan Poe, Novalis, Balzac, Holderlin, Baudelaire, Goethe, Hoffmann, Victor Hugo, entre outros⁷, para demonstrar como a imaginação material dos quatro elementos pode servir como uma potência e uma fonte criativa da qual a literatura bebe e faz uso, fazendo uma análise dos elementos a partir da imagem literária que eles podem apresentar.

É interessante já notarmos de início como Bachelard faz uma espécie de alternância de referências entre o movimento literário do romantismo alemão e a literatura poética de seu próprio país (França). Esta temática também se apresenta de maneira muito mais profunda e bem explorada num artigo escrito pelo Dr. Wunenburger, traduzido por Sueli Ratto, intitulado de: *O pensamento renano de Gaston Bachelard: conflito ou aliança da razão e da imaginação?*. Dentro do qual essa questão entre a diferença filosófica de duas culturas (alemã e francesa), nas quais acabam sendo praticamente opostas e a princípio antagônicas, mas que na verdade dependendo da perspectiva que forem observadas podem ser assimiladas dentro de uma dinâmica que as tornam opostos não excludentes, mas sim, “complementares”.

Os capítulos desta dissertação foram articulados pensando a partir dos aspectos de ligação existente entre os dois eixos, como por exemplo a questão da psicanálise que aparece dentro da epistemologia e posteriormente também no início das considerações sobre a análise das imagens no campo estético. Também utilizamos o tema do devaneio, tão fundamental para a filosofia do autor, como um eixo que une ambos os lados das pesquisas do autor, e que apesar de separar entre dois tratamentos para essa atividade psicológica, tendo um valor negativo para a ciência e extremamente positivo para as artes, ainda compõe certo ponto de ligação entre as duas.

Seguindo uma ordem cronológica da vida do autor, dedicamos o primeiro capítulo exatamente a sua primeira vertente que é a diurna-epistemológica, mencionando e trazendo conceitos fundamentais para sua epistemologia, sendo estes os conceitos de: ruptura, descontinuidade, retificação e dando um maior enfoque aos obstáculos epistemológicos. Conceitos fundamentais para conseguirmos chegar a uma análise do uso que o autor faz da psicanálise nesse período diurno voltado às questões da ciência.

⁷ Conforme aponta J. Libis no seu livro que pontua a menção que Bachelard faz a todos os outros autores em suas obras, intitulado: *Les Lectures de Gaston Bachelard* (2009).

No segundo capítulo, nos debruçamos sobre um momento único na filosofia de Bachelard, na qual ele não só publica duas obras sobre a psicanálise no ano de 1938, como também inaugura as suas questões sobre a investigação das imagens na segunda obra desse ano, e além disso, nos apresenta um vínculo temático entre estas duas obras. Por isso, tornou-se de suma importância para nossa pesquisa nos determos nas duas obras publicadas neste ano, para que pudéssemos ressaltar o fato dessa dinâmica de publicações exatamente quando ela foi inaugurada e que, pelos motivos mencionados, naquele momento teve uma maior intensidade de ligação conectiva.

Por fim, no terceiro capítulo nos colocamos sobre uma espécie de maturidade do pensamento noturno do autor, onde surgiram novas questões sobre o estudo das imagens. Cabe destacarmos o papel autônomo da imaginação enquanto faculdade de pensamento, ou psicológica, tão fundamental para os seres humanos quanto a própria racionalidade. Ocorrendo também uma mudança metodológica no desenvolvimento das noções estéticas de Bachelard, tendo em vista que a sua base para investigação das imagens se desvincula das influências da psicanálise e passa a trabalhar no desenvolvimento próprio de uma fenomenologia da imaginação. Não menos importante, foi realizada uma retomada ao conceito do homem das 24 horas, conceito que acreditamos simbolizar todo o caminho de aproximação que nossa pesquisa veio fazendo em direção a reunir os dois eixos.

1. A Presença da Psicanálise no Pensamento de Bachelard

toda valorização na ordem do conhecimento objetivo deve dar lugar a uma psicanálise (Bachelard , 2005, p. 67).

Neste primeiro capítulo faremos uma análise dos principais pontos de diálogo entre a psicanálise e a teoria do conhecimento desenvolvida por Bachelard. Isto é, pretende-se aqui apontar para aspectos que compõem a sua fase diurna epistemológica, onde o autor recebeu forte influência, e mais ainda, bebeu da fonte da psicanálise freudiana para refletir a partir dela sobre questões de elaboração do conhecimento científico.

Isto quer dizer que partiremos da perspectiva de que Bachelard não faz somente uma reprodução dos conceitos freudianos pertencentes à própria psicanálise, mas que, ele começa um movimento epistemológico que propõe uma nova ordem do pensamento sobre a psicanálise, no qual não restringe mais sua utilização teórica para uma clínica (psico)terapêutica, mas, coloca e amplia seu horizonte de atuação da atividade psicoanalítica, isto é, propõe e elabora uma prática de análise psicológica para dentro do âmbito de debate científico e de produção de conhecimento objetivo, uma psicanálise que pretende alcançar níveis cada vez maiores de precisão para o conhecimento objetivo: “A psicanálise, cuja intervenção propomos numa cultura objetiva [...]” (Bachelard , 2013, p.12).

Utilizaremos para este primeiro passo do trabalho teórico da dissertação, referências bibliográficas de textos auxiliares pontuais que se concentraram exatamente sobre este tema dentro do pensamento do autor. Sobretudo recorreremos aqui ao artigo *Bachelard e Freud: fenomenotécnica e psicanálise* (Sisson, N. & Winograd, 2012), bem como a extensão do primeiro capítulo intitulado “O Conceito”, dentro da obra *Entre o Conceito e a Imagem: o lugar da psicanálise na obra de Gaston Bachelard* (Gaspar, 2010). Conjuntamente com o artigo *Para uma Psicanálise, Fenomenologia e História das Ciências em Gaston Bachelard* (Almeida & Machado, 2017), e com a dissertação do mesmo coautor: Fernando Silva Machado (2017), especialmente no capítulo “Psicanálise do conhecimento objetivo e Psicanálise dos elementos materiais”.

Já na bibliografia principal recorreremos à tese de doutorado do autor defendida no ano de 1927, intitulada: *Ensaio Sobre o Conhecimento Aproximado*⁸, para nos ajudar a observar como já em seu primeiro contato com a reflexão filosófica a respeito das questões científicas,

⁸ Mais especificamente nos concentrarmos no denominado *Livro Quatro* desta obra, nos capítulos 14 “Objetividade e retificação. O papel do detalhe no que é objetivo” e 17 “Retificação e realidade”.

tais como o funcionamento das atividades científicas, os limites entre ciência e não-ciência, como acontece o desenvolvimento científico, as organizações de comunidades científicas, entre outros temas, são questões proporcionadas pelo campo de estudo da epistemologia, em sentido de possibilitar a atividade reflexiva sobre os próprios critérios da ciência.

Cabe perguntarmos como esses conhecimentos vão progredindo em graus de objetividade, quais métodos e quais instrumentos possibilitam esse refinamento criterioso para que as ciências possam continuar a progredir, e por fim, quais são os processos que acontecem dentro do conhecimento científico para que se possa falar em um avanço nesses níveis de objetividade.

Antes de tentarmos estabelecer possibilidades e encaminhamentos de respostas e justificativas para pontuar essas questões, cabe mencionarmos que o conjunto teórico denominado como período diurno no pensamento do autor (aquele que diz respeito às questões filosóficas sobre as ciências e a epistemologia), embora seja amplamente sistematizado e cuidadoso com a minuciosidade dos pontos que almeja tratar em seu pensamento, ainda sim, suas teses epistemológicas são construídas sob uma sequência lógica de um determinado encaminhamento, isto é, numa espécie de constructo que estabelece uma série de ligações em que um conceito se aproxima do outro e se apoia sobre ele para legitimar a sua pertença nessa teoria, bem como para fundamentar a própria teoria.

Dito isso, nesse primeiro capítulo, iremos trabalhar com a epistemologia de Bachelard, começando a formular seu posicionamento epistemológico através das relações que existem entre seus conceitos, entretanto, pontuando especificamente os conceitos de: *ruptura*, *descontinuidade*, *obstáculo epistemológico* e de *retificação*. São estes quatro conceitos chaves que pretendemos analisar em sua fase diurna e observar como eles aparecem posteriormente na obra: *A Formação do Espírito Científico: contribuições à psicanálise do conhecimento*, porém, sobre influência de reformulações feitas a partir da incorporação da psicanálise dentro do pensamento diurno epistemológico do autor.

Na segunda parte deste capítulo nos concentramos em uma investigação a despeito da presença da psicanálise no pensamento de Bachelard, como ele insere a sua versão de uma *psicanálise do conhecimento objetivo* dentro de sua epistemologia. Sobretudo, sabendo que o uso que realizou das estruturas e dos conceitos da psicanálise não foi somente reprodutivo e replicado para dentro da sua teoria epistemológica, mas também foi inserida com modificações originárias que exerceram um papel de retificação dos conceitos psicanalíticos para se incorporarem e se destinarem dentro do constructo filosófico de Bachelard.

No último tópico, aproveitando ter explicado a relação criativa que Bachelard estabeleceu em sua filosofia diurna para com a psicanálise, desenvolvemos um diálogo entre duas possíveis faces de vieses interpretativos sobre a psicanálise, sendo estas estritamente relacionadas com os dois polos temáticos de toda a filosofia de Bachelard (diurna e noturna). Com isso, foi construída e tecida duas linhas interpretativas para a psicanálise, uma pautada no movimento de intercooperação feito por Bachelard em sua teoria epistemológica, e por isso é pensado a parcela de cientificidade que a psicanálise pode ter. E outro lado, baseado na leitura que o filósofo Rancière apresenta em sua obra (2009), colocando a psicanálise em relação direta com o campo estético das obras de arte e mais ainda, sustentando que a noção de inconsciente só foi possível a psicanálise por determinado regime estético das obras de artes já ter apresentado e se utilizando anteriormente desse terreno psíquico do inconsciente.

1.1 Premissas Epistemológicas para a Psicanálise do Conhecimento **Objetivo: Obstáculo Epistemológico, Ruptura, Retificação e Descontinuidade**

Um obstáculo epistemológico se incrusta no conhecimento não questionado. Hábitos intelectuais que foram úteis e sadios podem, com o tempo, entrar a pesquisa (Bachelard, 2005, p. 27).

Pretendemos realizar, ainda que em formato esboçado, uma análise explanatória sobre a Epistemologia de Bachelard, entendendo epistemologia enquanto corrente de estudos que debate a estrutura, os princípios e a organização das teorias científicas que produzem conhecimento objetivo:

A epistemologia deve mostrar basicamente a região em que se dá a justificação e a objetividade do conhecimento científico, a qual Bachelard vai considerar como direcionamento fundamental para a ciência (Rocha & Sousa, 2018, p. 35).

A origem etimológica da palavra epistemologia, vem do grego com a junção de duas palavras, *episteme* - conhecimento, o que podemos aplicar em sentido moderno e contemporâneo para conhecimento científico. Bem como, a segunda parte da palavra “logia”, vindo da palavra grega *logos*, uma palavra muito rica em significados, mas que neste contexto podemos apreender por - pensamento, ou, discurso.

Destacamos em nosso estudo, a epistemologia desenvolvida por Gaston Bachelard (1884-1962), embora não descartando a importância de áreas que se relacionam a ela, como a teoria do conhecimento e também a filosofia da ciência. Isso, porque procurando seguir o sentido colocado pelo autor dentro do ponto que nos interessa, que é justamente a análise das condições de objetividade para a produção do conhecimento científico.

Apesar de reconhecermos que essas três áreas se encontram reunidas de certa forma, sendo elas, a epistemologia, a filosofia da ciência e a teoria do conhecimento, ocorre que ainda sim, elas encontram especificidades em seus ramos de pesquisa. A epistemologia, como foi explicado, trabalha como um campo de reflexão sobre a dinâmica de produção de conhecimento e a organização que é feita para que seja possível o desenvolvimento daquilo que afirmamos ser o próprio conhecimento e de sua articulação dentro de determinada teoria.

Enquanto a filosofia da ciência, nascida na modernidade, se estabelece como um ramo independente de análise sobre as já estabelecidas ciências naturais e exatas, sendo possível nomeá-la de uma ciência das ciências, e tendo como grande característica a lógica. E, por fim, a teoria do conhecimento, que é mais geral do que as duas anteriores, pois ela trata do conhecimento de maneira mais geral, isto é, das próprias formas em que se possibilita a produção dos conhecimentos, incluindo o debate sobre a condição gnosiológica dos seres humanos, ou seja, das estruturas cognoscentes que o sujeito tem, bem como da relevância que essas estruturas devem ter dentro da relação do sujeito do conhecimento para com o objeto de conhecimento: “Já a teoria do conhecimento se valerá da discussão dos aspectos que são considerados a base da realidade desvendada pela ciência, ou seja os métodos racionais e experimentais pelos quais o conhecimento se dá (Rocha & Sousa, 2018, p.35).

Nesse sentido, devemos deixar claro que neste texto nos detemos no apontamento e na indicação de aspectos que compõem a fase comumente conhecida como fase “diurna” do autor, isto é, o período de produção em que se concentrava em criar respostas para as questões epistemológicas de ordem do conhecimento científico.

Podemos afirmar, a partir de seus textos, que as grandes questões epistemológicas nas quais Bachelard decidiu se inserir, faziam parte de um grande contexto de revoluções do séc. XX, dentro da qual muitas mudanças já estavam se tornando nítidas dentro do campo do conhecimento científico, e que Bachelard, por já ter estudos nas áreas de química, física e matemática, conhecia com certa intimidade e fazia questão de pontuar essas revoluções em sua teoria epistemológica.

Por exemplo, na área da matemática, Bachelard destaca a importância da geometria não-euclidiana mencionando-a diretamente na obra de 1940, denominada de *A Filosofia do*

Não: “Foi no aspecto geométrico, pela via da geometria não-euclidiana, que surgiram as primeiras dialéticas científicas.” (Bachelard, 1978, p. 74).

Na química contemporânea também podemos encontrar esse salto de precisão nos conhecimentos se comparado a conhecimentos anteriores construídos ao longo da história, visto que a experiência da qual se produz o conhecimento passou por modificações de níveis instrumentais, e com isso também as teorias científicas utilizadas na química foram substituídas e revisadas.

Ora, a coerência do saber provoca um aprofundamento da experiência a ponto de se poder dizer que há mais possibilidades na organização racional que na organização natural. Há mais substâncias químicas no laboratório que na natureza. Certos corpos químicos criados pelo homem são tão reais quanto a *Eneida* ou a *Divina comédia*. Sob certos aspectos, falar das fronteiras da Química é tão inútil quanto falar das fronteiras da Poesia (Bachelard, 2004, p. 74).

Mas, é na física que nosso autor encontra o seu maior exemplo, sobretudo, na física einsteiniana que acredita encontrar um exemplo claro que pudesse contemplar e condensar o surgimento de um *novo espírito* para o desenvolvimento dos conhecimentos científicos, isto é, para exemplificar a substituição teórica que ocorre no âmbito científico e que transforma a própria lógica da atividade científica.

Bachelard afirma que dentro do sec. XX aconteceram mudanças tão acentuadas dentro do conhecimento científico que seria necessária uma investigação sobre a formação de um *Novo Espírito Científico*⁹, no qual a ciência de sua época estaria entrando, tendo em vista a superação de obstáculos que pode ser observada na história das ciências graças a estas rupturas teóricas que mudam e transformam a concepção de ciência. “Consideraríamos o ano de 1905 como início da era do *novo espírito científico*, momento em que a Relatividade de Einstein deforma conceitos primordiais que eram tidos como fixados para sempre” (Bachelard, 2013, p. 9).

Por isso, a revolução situada entre a física newtoniana e a teoria da relatividade, ou, física einsteiniana, é o caso que mais chama atenção do autor, e que ele utiliza para corroborar em favor da sua formulação epistemológica, pelo postulado de que existe algo completamente inédito, um episódio jamais visto, nas contribuições que Einstein fez para o conhecimento científico tornando agora a concepção de produção de conhecimento científico outra, e conseqüentemente colocando a atividade num patamar completamente diferente do qual ele

⁹ Título de uma das obras epistemológicas publicada em 1934, e temática que reaparece dentro da obra *A Formação do Espírito Científico*.

estava até então, conforme podemos observar abaixo no trecho escrito por José Américo Motta Pessanha:

Na física, reconhece que "com a ciência einsteiniana começa uma sistemática revolução das noções de base". E acrescenta: "A ciência experimenta então aquilo que Nietzsche chama de 'tremor de conceitos' como se a Terra, o Mundo, as coisas adquirissem uma outra estrutura desde que se coloca a explicação sobre novas bases". No mesmo texto (*La Dialectique Philosophique des Notions de la Relativité*, in *L'Engagement Rationaliste*), Bachelard esclarece que o que ocorre, a partir das teorias de Einstein, é que "no detalhe mesmo das noções estabelece-se um relativismo do racional e do empírico (Pessanha, 1978, p.8).

Bachelard encara a atividade científica tanto dentro da atividade racional e conceitual de produção e retificação de teoremas, como também tratando de problemas empíricos na prática de experimentações, tais como o de observação e de interpretação dos fenômenos. Por essa espécie de equilíbrio entre o Racional e o Empírico, Bachelard cria conceitos científicos como os de Racionalismo Aplicado¹⁰ e Materialismo Técnico¹¹ que são títulos de duas de suas obras.

Agora cabe perguntarmos como esses conhecimentos vão progredindo em graus de objetividade, quais métodos e quais instrumentos possibilitam esse refinamento criterioso para que as ciências possam continuar a progredir, e por fim, quais são os processos que acontecem dentro do conhecimento científico para que se possa falar em um avanço nesses níveis de objetividade.

Antes de tentarmos estabelecer possibilidades e encaminhamentos de respostas e justificativas para a colocação dessas questões apresentadas no parágrafo anterior, cabe mencionarmos que o conjunto teórico denominado como período diurno do pensamento do autor (aquele que diz respeito às questões filosóficas sobre as ciências e a epistemologia), embora seja amplamente sistematizado com minuciosidades e pormenores, o ponto que almejamos tratar em seu pensamento são suas teses epistemológicas e, observando como elas são construídas sob uma sequência lógica que seguem um determinado encaminhamento.

Existe uma espécie de constructo que estabelece uma série de ligações em que um conceito se aproxima do outro e se apoia sobre ele para legitimar a sua pertença nessa teoria, bem como para fundamentar a própria teoria.

Nesse sentido, adentrando a concepção epistemológica de Bachelard, poderemos encontrar a ciência ou o desenvolvimento científico, como parte de um movimento dinâmico de construção do conhecimento, assim como no ponto de vista de seu espírito, está sempre em

¹⁰ *Le Rationalisme Appliqué*, obra publicada em 1951.

¹¹ *Le Matérialisme Rationnel*, obra publicada em 1953.

construção, nunca é fechada, mas sim de um espírito aberto em formação, dinâmico, que seja passível de rupturas e críticas.

Pretende-se aqui nesta parte do trabalho realizar uma exposição de seu posicionamento epistemológico através da reconstrução de quatro conceitos pontuais que interpretamos como os pilares principais que sustentam sua teoria, sendo estes: o de *ruptura* e *descontinuidade*, o de *obstáculo epistemológico* e o de *retificação*. Sendo que dentro da nossa perspectiva interpretativa estes conceitos servem como uma chave de leitura para criar uma abertura de compreensão direta para com os objetivos da epistemologia bachelardiana, e por isso, pretendemos analisá-los e ver como eles, em sua relação, compõem a fase diurna do autor.

Como o conceito principal que gostaríamos de nos aprofundar mais detidamente é o de Obstáculo Epistemológico, pela crença de que ele é o mais valioso dentro da sua vertente epistemológica pois é o que une os demais conceitos entre si, cabe pontuarmos que nossas observações sobre ele são feitas em grande parte a partir de uma de suas obras mais famosas e renomadas, intitulada de: *A Formação do Espírito Científico: contribuições à psicanálise do conhecimento* (1938).

Os obstáculos epistemológicos dentro da obra citada, ganham sete exemplificações que recebem um capítulo para cada, sendo elas: 1° “Experiência Primeira”, 2° “Conhecimento Geral”, 3° “Conhecimento Unitário e Pragmático”, 4° “Obstáculo Substancialista”. 5° “Obstáculo Animista”, 6° “Libido”, 7° “Conhecimento Quantitativo”. Entretanto, não pretendemos adentrar na especificidade de nenhum dos exemplos, apenas nos deter em como essa ideia geral de Obstáculo Epistemológico, serve como pano de fundo para toda a constituição da formulação desta parte do seu pensamento, e esperamos de algum modo estar sendo fiel ao que ele mesmo propôs em sua obra:

[...] é próprio do obstáculo epistemológico ser confuso e polimorfo [...] Vamos pois expor em bloco nosso museu de horrores, deixando ao leitor o cuidado de abandonar os exemplos cansativos, assim que tenha entendido o sentido de nossas teses [...] (Bachelard, 2013, p. 26).

De modo simplificado, pode-se dizer que o obstáculo epistemológico é mais do que um entrave para o avanço e o desenvolvimento do conhecimento científico, como sugere a própria etimologia da raiz palavra, do latim *obstaculum*, estorvo, empecilho, algo que impede, de *ob*, 'à frente', mais *stare*, 'estar, ficar'. Vale notar o prefixo “ob”, que significa aquilo que vem de encontro, ou, aquilo que vem contra, também é o mesmo prefixo da palavra “objeto”.

Após apresentar o sentido da palavra “obstáculo”, nota-se que Bachelard, no seu conceito de obstáculo epistemológico, não quer apenas ressaltar os obstáculos que as ciências têm de enfrentar para produção de conhecimento científico. Mas que além disso, pretende

também apontar que são estes obstáculos que possibilitam o desenvolvimento de uma objetividade maior, através de um reconhecimento de sua existência e em seguida aplicando um esforço psicanalítico para realizar a sua superação.

Então, podendo denunciar tudo aquilo que funciona contra a própria dinâmica de evolução do conhecimento em seus níveis de objetividade, Bachelard, insere a noção de obstáculo para representar os aspectos que precisam ser superados dentro do âmbito da pesquisas científicas (como a opinião do senso comum, a ilusão, a imediatividade dos resultados e conclusões obtidos a partir da experiência primeira, etc.) para dar condições ao estabelecimento e desenvolvimento de níveis de objetividade cada vez maiores dentro dos conhecimentos científicos.

[...] obstáculos epistemológicos são intrínsecos ao próprio acto de conhecer
[...] Não é a falta de conhecimento que se constitui como obstáculo ao crescimento do conhecimento científico. Pelo contrário, é o conhecimento já adquirido que se opõe ao conhecimento novo [...] Obstáculo não é ignorância. É o conhecimento que já está lá, e o saber antigo que bloqueia o saber novo (Gaspar, 2010, p. 46).

Bachelard fala em uma “sonolência do saber” (2013, p. 10), tendo em vista que o obstáculo epistemológico é uma condição eminente para a produção de conhecimento científico, isto é, ele faz-se presente intrinsecamente no próprio processo de construção do saber, seria impossível para a ciência livrar-se completamente dele.

Pois é exatamente a partir dos cortes e das rupturas que a ciência pode se desvincular dos seus obstáculos estagnadores que se apresentavam de maneira contrária ao seu desenvolvimento naquele período, como as concepções teóricas que vão se tornando ultrapassadas e que não dão mais conta de explicar alguns fenômenos observados na realidade, ou, de explicar determinadas experiências novas, criadas artificialmente.

Assim, também existe dentro da produção de conhecimento na atividade científica, aspectos que prejudicam o avanço do conhecimento objetivo. Um desses aspectos foi chamado e nomeado pelo autor como “hábitos intelectuais”, vejamos o que o próprio Bachelard disse sobre esta noção dentro do campo da construção de conhecimento objetivo: “Hábitos intelectuais que foram úteis e sadios podem, com o tempo, entrar a pesquisa” (BACHELARD, 2013, p.19).

Forma-se uma certa ligação entre os hábitos intelectuais e os obstáculos epistemológicos, visto que, com o tempo, os hábitos deixam de possibilitar novas perspectivas para evolução do conhecimento científico e aos poucos vão assumindo papel de pressupostos, ou dogmas a serem seguidos dentro da produção de conhecimento objetivo. Portanto, tornando-se obstáculo para da própria objetividade buscada nos estudos e pesquisas científicas. Por isso

é importante e indispensável os papéis da ruptura e o da retificação dentro da atividade científica, para garantir que os saberes não se cristalizem, nem estagnem diante da construção de conhecimento, e que os obstáculos não sejam intransponíveis mediante uma busca de objetividade que deve ser preservada nas ciências.

Então, para abrir espaço para a conquista do desenvolvimento científico num sentido dinâmico e admitindo ser um campo permeado de conflitos e erros que, se forem reconhecidos e corrigidos, ou abandonados, podem ir proporcionando avanços e conseqüentemente expansões aos níveis de objetividade do conhecimento.

Por isso, dentro da escolha temática deste trabalho de analisar sobretudo o conceito de Obstáculo Epistemológico, seguiremos a premissa epistemológica postulada por Bachelard, a qual se constitui justamente pela perspectiva de que dentro da história do desenvolvimento científico os obstáculos são superados quando a ciência consegue se reorganizar, proporcionando o alcance de níveis mais objetivos para a formulação dos conhecimentos, encarando a possibilidade de que ela não só pode como deve estar em constante estado de reformulação de seus conhecimentos.

Portanto, a ciência estaria dentro da atividade de construção de um conhecimento aberto, dinâmico:

A organização sistemática do domínio de explicação e a contínua retificação que a aplicação dos meios de explicação assim coordenados supõe são os dois momentos do conhecimento verdadeiramente dinâmico (Bachelard, 2004, p. 245).

O conhecimento científico jamais poderia ser algo fechado e cristalizado em si mesmo, como uma verdade última dos fatos, ele deveria antes passar pela constante dinâmica de evolução, na qual seus critérios de objetividade avançariam à medida que se retificassem pelo reconhecimento de seus erros: “Por isso o problema do erro nos parece mais importante que o problema da verdade; ou melhor, só encontramos uma solução possível para o problema da verdade quando afastamos erros cada vez mais refinados” (Bachelard, 2004, p. 246). Nas palavras de Saito:

Para Bachelard, o instrumento de análise privilegiado da epistemologia não era a lógica, mas a história da ciência, concebida como área de conhecimento que investiga e identifica as fases efetivas atravessadas pelo desenvolvimento do saber científico (Saito, 2013, p. 185).

Com isso, Bachelard cria uma noção chamada de *Epistemologia Histórica*, na qual privilegia uma investigação histórica para exemplificar como o conhecimento científico passa por mudanças e transformações que geraram avanços em sentido de precisão e refinamento dentro de seus respectivos sistemas, portanto, ele faz uma investigação através de

acontecimentos ao longo da história que corroboram para sua teoria de que o conhecimento progride pela superação de seus obstáculos, pela retificação dos seus erros e por rupturas que deixam formas antigas de conhecimento de lado para propor novas formas e com isso geram descontinuidades dentro da história das ciências.

Embora a retificação seja um dos meios que Bachelard propõe para a superação dos obstáculos epistemológicos, ela não é a única, pois na atividade científica e na sua especificidade de objetivação existe uma dinâmica que se reveza entre esse movimento de retificação dos erros e também a ruptura entre teorias. Portanto, a construção científica é composta por uma dinâmica entre as retificações dos erros e as descontinuidades, revoluções e saltos que avançam de uma teoria para outra e representam cortes nas respectivas linhas de construção do saber.

É importante deixar sublinhado que a preocupação de Bachelard a respeito de todas as suas reflexões epistemológicas é de garantir níveis e graus de objetividade cada vez maiores e mais seguros, para que a produção de conhecimento científico consiga avançar cada vez mais precisamente na descrição e explicação que faz dos objetos e fenômenos do mundo, corroborando assim para uma compreensão mais fidedigna e ampliada da própria realidade através das bases científicas.

Ao falarmos em instâncias cada vez mais objetivas da explicação sobre a realidade, torna-se conseqüentemente lógico encararmos que Bachelard está propondo uma condição aberta para a constituição do conhecimento científico, isto quer dizer que o conhecimento objetivo vai se construindo ao passo que os seus conhecimentos vão atingindo níveis maiores de objetividade, e que portanto, a formação desses conhecimentos é caracterizada por um movimento dinâmico que não se finaliza, mas que pelo contrário, deve buscar avançar cada vez mais.

Em 1934, Bachelard publica um artigo intitulado de *Crítica Preliminar do Conceito de Fronteira Epistemológica*, dentro do qual está contida uma nítida noção de perspectiva que interpreta o avanço das ciências¹² como algo que se apresenta numa construção aberta e em constante desenvolvimento e evolução, que progride pelo ato de ultrapassar suas próprias fronteiras e produzir algo novo, onde os critérios vão se tornando cada vez mais rigorosos e críticos para que aconteça um movimento crescente de precisão nos conceitos e teorias científicas.

¹² Sobretudo as ciências naturais, tendo em vista que deu aulas de química e física durante sua vida antes de adentrar no campo de pesquisa da filosofia, bem como concluiu um doutorado em física no ano de 1927: *Estudo sobre a evolução de um problema de física: a propagação térmica nos sólidos*.

Só a ciência está habilitada a traçar suas próprias fronteiras, Ora para o espírito científico, *traçar nitidamente uma fronteira já equivale a ultrapassá-la*. A fronteira científica não é só limite: é uma zona de ideias particularmente ativas, um domínio de assimilação (Bachelard, 2012, p.71, grifo do autor)

Assim, o avanço das ciências passa a ser algo não mais mensurável pela epistemologia e só pode ser conhecido pela própria ciência que está produzindo conhecimento sobre a realidade. A própria concepção de *fronteira* passa a ser compreendida como um componente fértil e proveitoso para a atividade científica, como uma ponte na qual a ciência pode passar a trabalhar almejando a sua própria superação e conseqüentemente a ultrapassagem de suas fronteiras, encontrando outros novos obstáculos, e assim, tornando esse movimento contínuo e incessante, para que a ciência continue a avançar e permaneça com a sua característica de mobilidade.

Dentro deste prisma e panorama teórico que estamos apresentando, Bachelard assume uma posição nada usual comparado aos demais autores que trabalham sobre problemáticas parecidas no campo de discussão filosófico sobre a teoria do conhecimento e a filosofia da ciência. Bachelard, coloca a epistemologia enquanto corrente filosófica que não seria capaz por si só de delimitar e traçar os limites para a produção do conhecimento objetivo produzido pela ciência, chegando a nível radical de afirmar: *La science n'a pas la philosophie qu'elle mérite* (Bachelard, 1972, p.28)¹³. Portanto, cabe a epistemologia um lugar de suporte, de auxílio na ajuda da superação dos obstáculos que surgem dentro do avanço no conhecimento científico, sendo a sua tarefa fundamental a ampliação das possibilidades de superação destes obstáculos, a ruptura necessária para com teorias que vão engessando e estagnando a produção de conhecimento, bem como a retificação dos erros que a ciência está sujeita a cometer. Por conclusão, gostaríamos de destacar novamente a inseparabilidade dos quatro conceitos que aparecem na epistemologia bachelardiana. Primeiramente o de *Obstáculo Epistemológico*, com o qual a ciência depara constantemente e que se apresenta como um horizonte intrínseco de seu próprio desenvolvimento e crescimento: “A noção de obstáculos epistemológicos é apresentada por Bachelard como uma espécie de imperativo funcional, lentidões e conflitos que causam inércia ao conhecimento científico” (Velanes, 2017, p.43).

É pelo caráter inerente dos obstáculos epistemológicos que eles tendem a se colocarem como um entrave à atividade científica, por isso, podemos chegar à identificação de que o esforço do pensamento científico deve se concentrar sobre a superação desses obstáculos. Assim, chegamos a uma ideia de que a *Ruptura* é necessária para garantir o crescimento no

¹³ A ciência não tem a filosofia que ela merece”. Trad. Nossa.

âmbito do conhecimento científico. “Daí a importância do conceito de obstáculo epistemológico que está ligado à noção de ‘ruptura’, como acabamos de ver, noção esta que é fundamental no pensamento de Bachelard” (Bulcão, 2021, p.388). Por conseguinte, as rupturas necessárias que fazem a ciência saltar de uma teoria para outra em busca do seu progresso, surge dentro da sua investigação histórica a respeito da formação do conhecimento objetivo, a noção de que essas rupturas representam uma *Descontinuidade* dentro do caminho trilhado pelas ciências na construção dos seus saberes.

Pela proposta de assentar a base científica num movimento dinâmico, admitindo que a possibilidade de erro permanece sobre toda a estrutura de formação do conhecimento científico, também observamos a importância do conceito de *Retificação* dentro da teoria epistemológica: “O conhecimento consiste precisamente em regular essa deformação de modo a transformá-la em retificação” (Bachelard, 2004, p. 248).

Por fim, através principalmente dos obstáculos e das rupturas, Bachelard assenta o avanço conquistado dentro do âmbito científico, sobre uma leitura de *descontinuidades* que permeiam a história das ciências, visto que, identifica nesse avanços, não continuidades progressivas e cumulativas, mas sim saltos que se deslocam do pensamento vigente em sentido anterior e provocam deslocamentos entre as premissas e a perspectiva vigente nas teorias anteriores em relação a que se apresenta como nova e que transforma a noção tanto do objetivo, quanto do sujeito dentro da relação de construção de conhecimento.

1.2 A psicanálise na vertente diurna de Bachelard: *Psicanálise do Conhecimento Objetivo.*

O amor pela ciência deve ser um dinamismo psíquico autógeno. No estado de pureza alcançado por uma psicanálise do conhecimento objetivo, *a ciência é a estética da inteligência.* (Bachelard, 2013, p. 13)

De antemão, é importante ressaltar que Bachelard em suas reflexões epistemológicas, procurava atingir uma estrutura teórica no campo da epistemologia filosófica em que ajudasse a ciência a alcançar níveis e graus maiores de objetividade, cada vez maiores e mais seguros, numa constante evolução dos seus métodos e teorias. Isso por ter observado que o contrário é também possível, ou seja, que a produção do conhecimento científico objetivo estando sujeita a seus obstáculos, poderia retroceder os seus níveis de objetividade do conhecimento, ou então deixá-los estagnar ao invés de garantir seu avanço.

Desta premissa epistemológica, a qual se constitui justamente pela busca de níveis mais objetivos dentro da produção de conhecimento científico, poderemos aos poucos ir tangenciando os seus desdobramentos sobre a psicanálise.

Sobretudo, a ideia que gostaríamos de deixar destacada neste capítulo, e que acreditamos que o próprio autor dê muita ênfase em toda sua vertente epistemológica, é a ideia de *Obstáculo Epistemológico*, a qual se acentua dentro da obra: *A Formação do Espírito Científico*.

Para que esta razão chegue à objectividade e se entregue à sua viagem criadora no universo da abstracção, terá que rejeitar, não só, os instintos, como todos os valores subjectivos. *Bachelard identifica estes valores como obstáculos impeditivos do avanço da ciência. Designa-os de obstáculos epistemológicos* (Gaspar, 2010, p. 44, grifos nossos).

Na obra de 1938, que recebe o subtítulo de *contribuição para um psicanálise do conhecimento*, Bachelard apresenta a sua interpretação do movimento que é trilhado dentro do avanço científico que aconteceu ao longo da história, encarando este movimento de evolução e desenvolvimento das ciências como movimentos de superação, de ruptura e de retificações necessárias para romper com os entraves e dificuldades que se manifestam contrariamente ao avanço do conhecimento, seja em sentido de retrocesso dos saberes, ou, de estagnação: “É aí que mostraremos causas de estagnação e até de regressão, detectaremos causas de inércia às quais daremos o nome de obstáculos epistemológicos” (Bachelard, 2013, p. 17).

Elaborando uma análise dos conhecimentos científicos ao longo da história, Bachelard desenvolve a chamada *Epistemologia Histórica*, vertente que não é nem puramente a da epistemologia, enquanto corrente filosófica que se propõe a pensar as questões de legitimidade dos conhecimentos, nem puramente a história das ciências, que pretende fazer uma reconstrução cronológica dos acontecimentos, mas sim, estas duas coisas juntas.

Por essa ação de reunir os fatos e analisar historicamente a evolução do conhecimento científico, Bachelard, ao enxergar essa dinâmica constituinte entre as retificações e as rupturas na história dos avanços científicos, lança mão da psicanálise do conhecimento objetivo, para que ela possa fundamentar epistemologicamente a atividade científica nas constantes evoluções de objetividade do conhecimento, bem como uma forma de analisar o próprio inconsciente científico que pode ser então encarado como um dos obstáculos que a ciência deve enfrentar.

Dentro desta análise epistemológica que Bachelard investigando sobre os desenvolvimentos da ciência e dos critérios de cientificidade criados ao longo da história, apresenta-se a conclusão de que dentro da atividade científica os avanços mais significativos

podem ser constatados quando surgem novas formas de pensamento¹⁴, que rompem e se distinguem do modelo de pensamento anterior, pois, algumas formas de pensamento repetitivas, alguns métodos antigos que não se renovaram, passam a não mais corroborar para a formação do conhecimento científico, mas que na verdade acabam por interromper seu avanço.

Chega o momento em que o espírito prefere o que confirma seu saber àquilo que o contradiz, em que gosta mais de respostas do que de perguntas. O instinto conservativo passa então a dominar, e cessa o crescimento espiritual. (Bachelard, 2013, p. 19, grifos nossos).

Enxergando na própria constituição dos conhecimentos científicos estes entraves e dificuldades que se manifestam perante essa atividade, Bachelard, dentro da sua busca epistemológica por graus mais objetivos no conhecimento, coloca o conceito de Obstáculo Epistemológico como condição intrínseca ao ato de conhecer e como paralelo a sua psicanálise do conhecimento. Visto que, a ciência jamais estará livre por completo de seus obstáculos, assim, faz-se necessário uma constante análise dos imperativos científicos que podem acabar regendo a mentalidade das ciências, e desta forma, através destas análises a ciência pode constantemente vislumbrar a superação desses obstáculos, e pensá-los como um ponto de crescimento constante para os seus conhecimentos.

Quando se procuram as condições psicológicas do progresso da ciência, logo se chega à convicção de que é em termos de obstáculos que o problema do conhecimento científico deve ser colocado. E não se trata de considerar obstáculos externos, como a complexidade e a fugacidade dos fenômenos, nem de incriminar a fragilidade dos sentidos e do espírito humano: é no âmago do próprio ato de conhecer que aparecem, por uma espécie de imperativo funcional, lentsidões e conflitos (Bachelard, 2013, p. 17).

Na citação acima, fica muito claro como Bachelard coloca a fundamentação do seu grande problema epistemológico, que é a garantia do conhecimento objetivo, sobre uma investigação psicológica a ser feita, sobre uma análise da mentalidade vigente de uma comunidade científica, uma mentalidade científica que pode vir a estabelecer padrões desatualizados e ultrapassados, que, por sua vez, interrompem, atrapalham, obstruem o crescimento do conhecimento e o desenvolvimento da ciência. Trata-se de uma busca de objetividade dentro do próprio ato de conhecimento, e não das dificuldades de objetividade externa do objeto, mas sim, da atividade humana de produção de conhecimento sobre este objeto.

¹⁴ Pensamento como principal atividade do “homem-diurno”, do sujeito epistemológico em sua atividade de elaboração e articulação de conceitos.

Portanto, a ciência estaria dentro da atividade de construção de um conhecimento aberto, dinâmico: “todo saber científico deve ser construído a cada momento” (Bachelard, 2013, p. 10).

Entendemos até aqui que a atividade científica é variacional, ela muda de acordo com as suas condições de objetividade, bem como pode produzir conhecimentos errados sobre os fatos, os quais por sua vez podem ser retificados ou então recusados em sentido de ruptura para com eles. Por conseguinte, a ciência para Bachelard, é sujeita e não isenta de cometer erros, mesmo sendo este o caso, ainda com os erros sendo intrínsecos a atividade científica de formação do conhecimento, eles representam um papel importantíssimo para a ciência, sendo esta a abertura de possibilidade para a superação deles. Para ajudar a ciência a superar seus erros e transpor seus obstáculos que Bachelard fundamenta sua filosofia epistemológica, bem como a sua psicanálise do conhecimento objetivo.

A organização do conhecimento científico, bem como a ordenação da sua evolução, são processos dinâmicos que a ciência deve constantemente repensar e revisar, para que não se ancore e deixe de expandir seus conhecimentos, bem como, para que não se contamine sobre valores subjetivos, essa revisão de seus preceitos organizacionais deve passar pela psicanálise do conhecimento para que não ceda aos hábitos intelectuais.

Logo, toda cultura científica deve começar, como será longamente explicado, por uma *catarse* intelectual e afetiva. Resta, então, a tarefa mais difícil: colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um *conhecimento aberto e dinâmico*, dialetizar todas as variáveis experimentais, oferecer enfim à razão razões para evoluir (Bachelard, 2005, p. 24, grifos nossos).

Já aqui, na passagem acima, nota-se um dos termos muito utilizados dentro da fase pré- interpretação dos sonhos na psicanálise tradicional freudiana: *catarse*. Termo que também é destacado e recebeu uma atenção pontual pela Marly Bulcão em um subcapítulo denominado *Obstáculo Epistemológico* de seus capítulos contidos na obra *A Poética de Bachelard*: “Toda cultura científica deve começar por uma *catarse* dos obstáculos para alcançar sua objetividade. *Bachelard denomina esta catarse de psicanálise do conhecimento objetivo*” (Bulcão, 2021, p. 391, grifos nossos).

Este conceito de *catarse*, portanto, se vincula na epistemologia do autor, dentro daquilo que é estipulado como a tarefa fundamental de produção de conhecimento científico, isto é, a atividade de Retificação e de Ruptura “essa perspectiva de erros retificados que caracteriza, a nosso ver, o pensamento científico”(Bachelard, 2013, p. 14). Atividades que devem servir como ferramenta permanente para o desenvolvimento da ciência. Por isso, vemos nosso autor recorrer a uma “*catarse intelectual e afetiva*” para explicar a evolução do conhecimento

científico ao longo da história, dado que em sua leitura, o conhecimento objetivo se desenvolve por processos de rupturas e retificações que fazem com que ele avance em termos de precisão e rigor objetivo.

A catarse, se presentifica dentro de duas funções determinadas por Bachelard para a atividade científica. A primeira é a superação dos Obstáculos Epistemológicos, através de Rupturas, pois a ciência deve constantemente estar apurando seus conceitos, E a segunda, que é a tarefa de Retificação, para que partindo do reconhecimento de que os erros são intrínsecos à própria atividade científica na produção de conhecimento, o cientistas não deixem o saber estagnar em determinados problemas, ou, até mesmo retroceder dentro do encaminhamento da pesquisa científica: “No fundo, o ato de conhecer dá-se contra um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos, superando o que, no próprio espírito, é obstáculo” (Bachelard, 2005, p. 17).

Esses quatro conceitos foram explicitados no subcapítulo anterior, e agora cabe aqui demonstrar a relação deles para com a psicanálise do conhecimento objetivo. Sobre esta relação de utilização de alguns conceitos psicanalíticos feita por Bachelard, cabe mencionarmos como ele, situado em sua época, era um dos poucos a receber com bons olhos na França a recém-chegada psicanálise.

Os trabalhos de Bachelard reflectem um estudo atento dos textos freudianos que acabavam de ser traduzidos em França. Sabemos que, neste país, a psicanálise começou por ser vista como uma intrusão nos círculos intelectuais. Segundo Lecourt (1974), o acolhimento da maioria dos filósofos franceses às ideias psicanalíticas foi de indiferença ou sarcasmo. Mesmo assim, Bachelard terá sido um dos primeiros simpatizantes com a teoria que Freud estava a lançar para o mundo. Poirier (2004), diz mesmo que Bachelard foi o primeiro pensador francês a ter em conta essa nova doutrina, ou pelo menos, a adoptar o seu vocabulário (Gaspar, 2010, p. 25).

É preciso salientar que, em grande parte, os conceitos psicanalíticos do qual Bachelard fez uso, passaram por uma espécie de apropriação para introduzi-los em sua filosofia, e também por isso acreditamos que os conceitos apresentados anteriormente servem como um tipo de base que sustenta essa adesão e introdução da psicanálise em suas teorias epistemológicas.

Por isso, frisamos o fato de que Bachelard, acabou levando esses conceitos da psicanálise freudiana por um novo caminho de interpretação, o qual se difere da utilização feita dentro dos interesses clínicos e médicos de saúde abarcados pela psicanálise tradicional.

Neste sentido, o autor oferece um novo uso para com os conceitos psicanalíticos, visto que os coloca num outro âmbito, interessado a uma nova aplicação deles em um outro lugar, não mais o de sua origem, com ênfase sobre o *sujeito* psicológico em seus traumas (paciente clínico), mas sim, em um *sujeito* que é sobretudo epistemológico, aquele que está produzindo

conhecimento científico, empregando assim conceitos da psicanálise tradicional e os aplicando sobre uma racionalidade científica.

Consequentemente, acaba criando um novo significado para os conceitos desta análise, por se tratar de duas atividades de análise diferentes, os conceitos que se propõe nesta análise têm sentidos diferentes. Assim, cria algo diferente do que a psicanálise freudiana havia criado, sendo então denominada de: *psicanálise do conhecimento objetivo*.

Na realidade, Bachelard, depois de utilizar os conceitos freudianos, vai questionar a fundo a psicanálise freudiana e vai deixar muito claro que a psicanálise do conhecimento objetivo não deve ser vista nem como um mero desenvolvimento, nem como uma simples repetição das teses freudianas ao novo objecto de análise. O conceito que será tratado da forma mais irreverente para com as doutrinas de Freud é o de recalamento. Bachelard vai basear-se nele para desenhar, desde logo, um programa bem distinto da psicanálise freudiana (Gaspar, 2010, p. 63).

Outros pesquisadores, filósofos e comentadores, como Dominique Lecourt (1974), José Américo Motta Pessanha (1994) Ana Gaspar (2010), Fernando Machado (2017), também ressaltam a forma com que Bachelard empregou os conceitos da psicanálise em seus textos a partir da sua leitura de Freud, e ressaltam um movimento de descolamento dos conceitos psicanalíticos em relação a sua origem, pois passam a ser utilizados sob um novo corpo teórico e assim recebem outros significados.

De modo que, nos sentimos legitimados bibliograficamente a formular uma interpretação que nos permite, não só acentuar o lugar que a psicanálise do conhecimento objetivo ocupa, isto é, no âmbito da epistemologia científica e da teoria do conhecimento, como também nos permite dizer que se trata de uma nova forma de psicanálise, diferentes da psicanálise em sua origem tradicional freudiana. Portanto, existe uma espécie de não passividade de Bachelard perante os conceitos da psicanálise, sobretudo, porque a sua utilização lhe permitiu aplicá-los dentro um novo espaço de discussão sobre o conhecimento a partir de sua filosofia epistemológica.

Em *A Psicanálise do Fogo*, Bachelard havia introduzido audaciosamente a psicanálise no campo da epistemologia, em uma época em que a maioria dos filósofos franceses ignoravam a contribuição dos escritos de Freud. (apud Lecourt, 1974, p. 121) expõe que jamais ele usufruiu dos postulados freudianos de forma passiva, pelo contrário, bastaria lermos sua obra *La Formation de l'esprit scientifique* para nos depararmos com a extrema liberdade com que ele havia desfrutado de determinados conceitos psicanalíticos (Almeida & Machado, 2017, p. 179).

Dito de outro modo, deve-se ressaltar como Bachelard, não executou uma mera reprodução destes conceitos da psicanálise tradicional, tais como de: *Inconsciente*, que passa a ser pensado no âmbito científico por Bachelard. O de *Recalque*, que se aproxima da ideia

epistemológica de retificação em Bachelard. E outros que não trabalharemos tão detidamente como o de *repetição* e de *sublimação*.

Todos estes conceitos da psicanálise: *repetição*, *recalque* e *sublimação*, aparecem dentro da filosofia de Bachelard, entretanto, como estamos tratando da sua teoria epistemológica, optamos por trazer detalhadamente em nosso texto apenas a noção de recalque, a qual ao longo do mesmo, pretendemos demonstrar a relação que Bachelard construiu sobre ele e o conceito de retificação na ciência.

Então, nos interessamos observar a aplicação de Bachelard sobre determinadas noções e conceitos da psicanálise dentro do campo de suas reflexões sobre conhecimento científico, onde conseguiu criar um espaço para pensar a objetividade epistemológica através de uma (psico)análise¹⁵ voltada para o sujeito do conhecimento e a sua atividade racional. Esta que foi denominada de psicanálise do conhecimento objetivo.

Dentro da discussão sobre a elaboração de conhecimento objetivo, Bachelard nos leva a pensar sobre a existência de um *Inconsciente do Espírito Científico*, conforme ele mesmo nos aponta: “*inconsciente do espírito científico* que, mais tarde, vai exigir uma lenta e difícil psicanálise para ser exorcizado” (Bachelard, 2005, p. 51, grifos nossos).

De antemão, neste primeiro conceito apropriado da psicanálise, o do Inconsciente, podemos observar como é feita essa modificação do conceito entendido na sua estrutura original (psicanálise freudiana), para com o seu sentido dentro da filosofia bachelardiana. Sobretudo, a ideia de inconsciente não é mais trabalhada sob a investigação do contexto da saúde psicológica e das doenças mentais. Mas, é colocado sobre o cânone da cientificidade, encarado dentro dos problemas psicológicos que estão implicados na formação e construção da objetividade dentro do conhecimento científico. Por isso, o inconsciente que se procura investigar dentro das teorias epistemológicas de Bachelard, é o inconsciente do espírito científico.

Quando se procuram as condições psicológicas do progresso da ciência, logo se chega à convicção de que é em termos de obstáculos que o problema do conhecimento científico deve ser colocado. E não se trata de considerar obstáculos externos, como a complexidade e a fugacidade dos fenômenos, nem de incriminar a fragilidade dos sentidos e do espírito humano: é no âmago do próprio ato de conhecer que aparecem, por uma espécie de imperativo funcional, lentsidões e conflitos. É aí que mostraremos causas de estagnação e até de regressão, detectaremos causas de inércia às quais daremos o nome de obstáculos epistemológicos (Bachelard, 2005, p. 17).

¹⁵ Opta-se aqui pela divisão da palavra entre parênteses para diferenciar a construção realizada na filosofia bachelardiana sobre esse tema do contexto geral de sentidos e significados contidos no termo “psicanálise”.

Deste modo, pode-se dizer que ele pretendeu efetuar uma verdadeira terapia para a atividade racional de produção de conhecimento, uma terapia para o Espírito Científico, que fosse capaz de levá-lo ao desligamento completo de qualquer nível de subjetividade, “purificando” a atividade de conhecimento de qualquer interferência que o sujeito possa causar, para então garantir o maior grau possível de objetividade em seu conhecimento.

Assim, aos olhos do nosso autor, existe uma tarefa de terapia obrigatória para se alcançar os maiores níveis de objetividade na produção de saberes científicos.

Talvez se possa perceber aqui um exemplo do método que pretendemos seguir para uma psicanálise do conhecimento objetivo. Trata-se, com efeito, de encontrar a ação dos valores inconscientes na própria base do conhecimento empírico e científico... Deste modo estaremos autorizados a falar de um inconsciente do espírito científico (Bachelard, 2012, p. 15).

A noção de inconsciente, tão cara para o método clínico da psicanálise, sobretudo a partir das contribuições de Freud, passa a ser investigada e compreendida de um outro modo dentro da epistemologia bachelardiana, o inconsciente a ser investigado nela, faz parte estritamente da conjectura de formação e construção de conhecimento científico.

Para Bachelard, é o inconsciente do espírito científico que interessa, pois a sua psicanálise está voltada a um avanço dos níveis de objetividade dos conhecimentos produzidos pela metodologia científica.

A psicanálise do conhecimento objetivo pretende possibilitar uma superação dos obstáculos epistemológicos a níveis psicológicos, isto é, libertar o pensamento científico dos entraves que se apresentam ao seu desenvolvimento.

Isto porque: “Bachelard havia percebido que há uma tendência clara ao esgotamento, à acomodação e à inércia da razão.” (Almeida & Machado, 2017, p. 179). Mediante esse movimento de estagnação do saber que, segundo nosso autor, é um risco constante que permeia a ciência na sua produção de conhecimento objetivo. Uma vez que esse risco é encarado como parte inerente e inevitável da própria atividade da razão na construção dos conhecimentos científicos, os cientistas deveriam se atentar para que não cedessem a estas inclinações de estagnação e inércia, a qual colocariam o conhecimento que está sendo produzido em xeque.

Mediante esse pensamento, Bachelard, enxergou a necessidade de criar uma psicanálise que eliminasse os degraus subjetivos dos níveis de discussão do debate científico, isto é, que retirasse qualquer valor subjetivo para assegurar as bases da ciência sob os valores da objetividade.

O que interessava à Bachelard era uma terapêutica do espírito científico. A verdadeira contribuição do pensamento de Freud nessa fase da reflexão

bachelardiana se dá por meio de uma psicanálise que ambiciona livrar a razão de seus traumas, ou seja, livrar o sujeito da ciência (Machado, 2017, p. 19).

É numa espécie de terapia psicológica que Bachelard coloca os seus esforços em alcançar níveis de objetividade cada vez maiores para dentro do conhecimento científico. Levando em consideração que, estes níveis de objetividade se consolidam enquanto o próprio avanço do conhecimento científico, não podemos deixar de apontar que este avanço é possibilitado pela superação de um obstáculo epistemológico e que, é próprio dessa dinâmica de avanço da ciência e da edificação dos saberes objetivos, uma inclinação à paralisação e ao congelamento desse avanço.

Por ser constituinte da dinâmica de avanço da ciência:

o espírito científico... determina um novo condicionamento do homem, se a si mesmo se designa como uma incessante ultrapassagem do saber já realizado, torna-se então indispensável que o dogmatismo do conhecimento vulgar seja denunciado, passe a ser vigiado. Quer se queira quer não, o saber humano encontra-se presente submetido a uma dinâmica de auto-ultrapassagem. A ciência... apresenta-se como um campo de retificações, encontra-se em permanente estado de revolução epistemológica (Bachelard, 1965, p. 23).

As retificações dos erros, conjuntamente a denúncias e rupturas feitas para com o dogmatismo científico fixante de formas de pensar e fixador de teorias, acabaria por livrar o espírito científico deste movimento de lentidão, inércia, estagnação que são intrínsecos a atividade científica de produção do conhecimento objetivo. É neste âmbito de discussões epistemológicas que Bachelard, construiu sua psicanálise do conhecimento objetivo pautado numa tentativa de lidar com o pressuposto desse obstáculo epistemológico de estagnação.

Bachelard, elabora sua psicanálise como uma terapia que consiga superar a própria condição em que a dinâmica de evolução dos conhecimentos da ciência está inserida, isto é, sua psicanálise do conhecimento objetivo tem a função não só de estabelecer níveis maiores de objetividade para o conhecimento científico, como também tem a proposta de ultrapassar o obstáculo inerente à essa mesma produção de conhecimento científico, no caso, a sua disposição e inclinação à fixação dos saberes e das teorias que não se retificam e não permitem uma ruptura, e assim, geram uma estagnação dentro da dinâmica de avanço dos saberes.

Então, a ideia principal, nesta parte do presente texto, consiste também em apontar que no que tange a temática da psicanálise do conhecimento científico, o conteúdo dessa psicanálise se resvala e se apresenta não somente na obra epistemológica de 1938 *A Formação do Espírito Científico*, mas também em outra obra do mesmo ano *A Psicanálise do Fogo*.

Constituindo, um momento muito específico e importante dentro da filosofia de Bachelard ela aparece dentro de uma obra poética, intitulada de: *A Psicanálise do Fogo*. É nesta

obra que o autor inaugura toda uma série de estudos sobre os quatro elementos fundamentais da matéria¹⁶ (Fogo, Água, Ar e Terra) e que se desdobra numa noção de imaginação material que, Bachelard, reivindica uma função ativa e consciente para um dos conceitos psicanalíticos mencionados anteriormente, sendo este, o conceito de: Recalque.

Com isso, o conceito psicanalítico de recalque recebe uma nova significação, ao ser retirado do seu uso tradicional dentro da psicanálise e ser inserido dentro da teoria bachelardiana, percebemos que também muda o sentido que a palavra é trabalhada e aplicada no conjunto da obra.

Bachelard, ao pensar a ideia de recalque, acaba descolando o sentido de recalque da noção utilizada pela psicanálise, em sentido de “material neurótico sobre o qual fundou-se a Psicanálise passional clássica” (Bachelard, 2012, p. 146). E acaba por atribuir um novo sentido para atividade de recalque, aproximando essa ideia da sua noção epistemológica de retificação: “[...] a explicação psicanalítica retifica tudo” (Bachelard, 2012, p. 39).

Fazendo uso da ideia de recalque, não como lia a psicanálise tradicional, que defendia este conceito como uma atividade psicológica inconsciente e involuntária, isto é, como um processo inconsciente de bloqueio de conteúdos psicológicos que são retirados da consciência e enviados em direção ao inconsciente.

Mas, o filósofo francês, propõe exatamente um sentido contrário para esse movimento psicológico do recalque, não mais inconsciente e involuntário, mas sim consciente e voluntário. Então, a psicanálise do conhecimento objetivo não é só sobre o inconsciente, porque propõe e coloca exatamente como proposta a atividade plena da consciência que se direciona em recalcar os obstáculos que comprometem os níveis de objetividade do conhecimento a ser produzido.

Entretanto, Bachelard não pode deixar de perceber que aspectos inconscientes poderiam atrapalhar e influenciar a objetividade da ciência:

Como se percebe, é o homem inteiro, com sua pesada carga de ancestralidade e de inconsciência, com toda a sua juventude confusa e contingente, que teria de ser levado em conta se quiséssemos medir os obstáculos que se opõem ao conhecimento objetivo, ao conhecimento tranquilo (Bachelard, 2005, p. 258).

É com essa carga de ancestralidade e inconsciente que a psicanálise do conhecimento objetivo deve atingir se quiser transpor este obstáculo epistemológicos, para superá-lo em sua psicanálise, Bachelard se apropriou do conceito de recalque da psicanálise tradicional, e o inseriu na epistemologia para poder observar como a sua participação do recalque no avanço

¹⁶Investigaremos posteriormente esse arco de produções de 1938 até 1948 voltado aos quatro elementos da matéria, como abertura e nascimento da sua vertente noturna-poética, visto que se trata de uma coletânea de imagens literárias (poéticas) vinculadas a cada um dos elementos.

das ciências também era condicionado pelo inconsciente, e existindo uma parcela inconsciente do pensamento na produção de conhecimento objetivo, logo esta parcela atrapalha a objetividade da pesquisa e portanto, é encarada por Bachelard, como um obstáculo epistemológico.

O conceito de recalque para Bachelard, pode ser compreendido analogamente como uma ferramenta epistemológica que é inserido na psicanálise do conhecimento objetivo, primeira por ter notado como essa ferramenta já estava presente e não era utilizada de maneira consciente para garantir a maior objetividade possível para o conhecimento. Antes disso, ela funcionava como um entrave para própria objetividade científica: “Toda descrição também é circunscrita em torno de núcleos muito luminosos. O pensamento inconsciente se concentra em torno desses núcleos e, assim, o espírito se volta para si mesmo e se imobiliza” (Bachelard, 2005, p. 56).

Por isso, Bachelard pretendeu transformar o recalque em uma ferramenta ativa, capaz de ser usada pela consciência do espírito científico, e dentro da sua psicanálise epistemológica abre a possibilidade para que a consciência escolha os conteúdos psicológicos a serem recalcados, que eles sejam escolhidos voluntariamente pela racionalidade científica, num esforço feito pela consciência para que se possa subtrair os entraves psicológicos subjetivos nos momentos de produção de conhecimento científico.

[...] naquilo que nos concerne, pela aplicação dos métodos psicanalíticos na atividade do *conhecimento objetivo* chegamos à conclusão de que o *recalque* era uma atividade normal, uma atividade útil e, mais ainda, uma atividade alegre. O recalque está na origem do pensamento atento, reflexivo, abstrato... O recalque bem conduzido é dinâmico e útil na medida em que é alegre... substituir o recalque inconsciente por um recalque consciente... Essa transformação é bem visível na retificação de um erro objetivo ou racional (Bachelard, 2012, p. 146-147, grifos do autor).

Ao pensar a noção de recalque esquematizada sobre uma análise da produção de conhecimento objetivo, Bachelard, coloca o recalque tão próximo da atividade de retificação que passa a considerar o recalque enquanto uma atividade racional e não inconsciente, uma atividade psicológica “saudável” para o conhecimento, e não patológica em aspectos de saúde mental.

Por conseguinte, o recalque passa a ser uma ferramenta à disposição da psicanálise do conhecimento objetivo, uma ferramenta que pode ajudar no avanço dos níveis de objetividade do conhecimento, pelo fato de que, o conteúdo recalcado pode ser escolhido dentro da atividade racional e científica de produção de conhecimento objetivo.

O seu conteúdo de recalque não só pode, como deve ser estipulado. Isso pode ser feito através da psicanálise do conhecimento objetivo, para que seja possível a eliminação dos conteúdos que impossibilitaram o avanço da objetividade do conhecimento científico.

Ao passo que, o recalque, também oferece a subtração dos conteúdos psicológicos de subjetividade dos cientistas, para que a análise das experiências sejam o mais objetivas possível. É justamente nessa escolha do que será retirado do pensamento, do que será subtraído da teoria, que reside o lado vantajoso do recalque para a atividade científica.

1.3 Inconsciente Científico e Inconsciente Estético

Podemos dizê-lo de outro modo: a teoria psicanalítica do inconsciente é formulável porque já existe, fora do terreno propriamente clínico, certa identificação de uma modalidade inconsciente do pensamento, e porque o terreno das obras de arte e da literatura se definem como o âmbito de efetivação privilegiada desse ‘inconsciente’ (Rancière, 2009, p. 11).

O último tópico a ser trabalhado dentro deste primeiro capítulo da dissertação, pretende se concentrar sobre o conceito de inconsciente científico, cunhado e empregado dentro das duas obras bachelardianas que foram publicadas no ano de 1938. Conceito e obras que já foram mencionadas nos dois subcapítulos anteriores, de maneira expositiva e mais pontualmente trabalhadas e detalhadas em formato de reconstrução teórica.

Agora, pretendemos analisar tal conceito de inconsciente científico, juntamente com a ideia de obstáculo epistemológico, a qual também foi abordada anteriormente dentro deste trabalho, para pensá-las e elaborá-las em paralelo com uma nova referência bibliográfica que será acrescentada dentro da atual pesquisa. Portanto, trata-se do esforço de trazer uma nova referência para pensar essas questões bachelardianas de uma psicologia epistemológica, bem como de observar as relações desse interesse dessa psicologia de conhecimento para com o seu desdobramento em interesse sobre as imagens psicológicas de ordem da poesia e da arte.

Pois, nota-se que esse interesse pelos conteúdos do inconsciente surge em um segmento da ciência, mas que desembocam numa análise de imagens poéticas e dos processos imaginários, tal qual o devaneio. O devaneio¹⁷, não como compreendido na linguagem comum,

¹⁷ Aprofundaremos a noção de devaneio no capítulo voltado à vertente noturna de Bachelard, e sobretudo ele pode ser investigado em especial na obra *A Poética do Devaneio* (1960).

sendo como uma expressão de algo desconexo, sem sentido e vazio, mas como um processo psicológico fundamental para a interconexão entre os conteúdos da consciência e do inconsciente, como um estágio de flexibilidade da vigília racional para o acesso aos conteúdos oníricos latentes da psique.

Cabe destacar que Gaspar (2010) considera Bachelard o filósofo do devaneio, já que ele se dedicou em eliminar esse estágio da consciência da prática científica, em busca de níveis de maior objetividade no conhecimento e em sentido de evitar os erros de interpretações subjetivas. Como também, se debruçou sobre o devaneio para falar sobre as imagens poéticas em seu valor estético e as imagens psicológicas que formam o conteúdo do imaginário e riqueza do processo de imaginação.

Para acrescentarmos referências bibliográficas, ainda que não propriamente do autor, a respeito dessa dupla vertente de estudos que tangenciam os conteúdos inconscientes, adicionaremos ao debate, uma obra específica também de origem francesa que, então, será somada com as reflexões de Bachelard sobre a psicanálise tradicional e a sua psicanálise do conhecimento objetivo.

Contudo, trata-se do acréscimo de uma leitura francesa da psicanálise freudiana ainda mais contemporânea que a de Bachelard e, tão original quanto a própria utilização que Bachelard fez da psicanálise, foi a leitura que o filósofo Jacques Rancière propôs a respeito dela e é com ela que desejamos trabalhar.

A obra que utilizaremos é: *O Inconsciente Estético* (2001). Livro escrito pelo filósofo Jacques Rancière, dentro do qual buscaremos entender duas noções básicas.

Primeiramente, aprofundaremos a interpretação do conceito de inconsciente apresentado na obra mencionada de Rancière e veremos como tal noção assume um papel importantíssimo e fundamental dentro da obra. Principalmente quando o inconsciente passa a ser encarado enquanto uma presença de “não-pensamento”. Sendo exatamente este ponto que pretendemos analisar e articular dentro do pensamento diurno de Bachelard.

[...] são os testemunhos da existência de *certa relação do pensamento com o não-pensamento*, de certa presença do pensamento na materialidade sensível, do involuntário no pensamento consciente e do sentido no insignificante (Rancière, 2009, p. 10-11, grifos nossos).

Este aspecto do “não-pensamento” que pretendemos compreender e esmiuçar, tendo em vista que ele não só existe, como também exerce uma relação direta de influência para com o próprio pensamento, a ponto de manifestar-se presente na atividade do pensar. Consequentemente, gostaríamos de investigar como o pensamento e o não-pensamento acabam gerando um efeito mútuo um sobre o outro. Por isso, nos concentramos em entender esta

influência dos aspectos deste não-pensamento (inconsciente) sobre o ato intelectual do pensar (consciente). Em outras palavras, pretendemos analisar como essa parcela não percebida e não voluntária que se faz presente dentro do pensamento, pode alterar, modificar, conduzir, ou até mesmo determinar, o próprio movimento deste ato voluntário do pensar.

É sobretudo, essa investigação entre a relação do pensamento com o não-pensamento, apresentada por Rancière na obra já mencionada, que gostaríamos de tomar emprestado para colocá-la sob o panorama da filosofia de Bachelard sobre a psicanálise do conhecimento objetivo, em aproximação e conexão para com os obstáculos epistemológicos. Pretendem-se aqui, elaborar uma espécie de paralelo e de interconexão entre a noção de não-pensamento apresentada Rancière, acrescida e somada ao conceito de obstáculo epistemológico empregado por Bachelard.

A partir da pretensão de mobilizar e da tentativa de aglomerar um conceito sobre o outro, embora tenham sido construídos em contextos diferentes, acreditamos poder compreendê-los e interpretá-los como pares, porque assumem sentidos similares.

Se fizermos o exercício de interpretar o não-pensamento como um dos obstáculos epistemológicos, e mais especificamente, sendo o não-pensamento aquilo que configura um obstáculo psicológico para a atividade científica de produção de conhecimento objetivo.

O pensamento científico moderno exige que se resista à primeira reflexão. É, portanto, o uso do cérebro que está em discussão. Doravante o cérebro já não é o instrumento absolutamente adequado do pensamento científico, ou seja, o cérebro é obstáculo para o pensamento científico. Obstáculo, no sentido de ser um coordenador de gestos e de apetites. É preciso pensar contra o cérebro (Bachelard, 2005, p. 308).

Seguindo esse exercício proposto, conseguiremos não só entender como Bachelard faz uso da ideia de inconsciente para buscar uma precisão de maior objetividade na produção do conhecimento da ciência, como também entendemos que Rancière está se referindo a impossibilidade de eliminação completa desse não-pensamento dentro da ação do pensar, mas na verdade, está afirmando a mútua influência dos conteúdos não pensados sobre o pensamento e dos conteúdos pensados sobre as faces daquilo que é próprio da atividade do não-pensamento.

Assim, quando Bachelard faz, dentro da sua epistemologia, uma proposta para os problemas de níveis psicológicos que são encontrados no desenvolvimento do conhecimento científico, em outras palavras, no seu tratamento para com os obstáculos epistemológicos, ele atinge uma camada que seria exatamente esta do inconsciente, ou, do não pensamento, e pretende através de sua psicanálise do conhecimento, minimizar e amenizar o máximo possível esta camada psicológica, para que ela não interfira totalmente no produto final dos estudos científicos.

Os obstáculos como a parte sombria do pensamento, aquela que não pode nunca estar plenamente presente à consciência, que não consegue esclarecer todos os seus pressupostos. Essa parte sombria remete para uma área essencial da natureza humana que se reporta aos instintos, desejos, na sua maioria, inconscientes. Investidos de energia psíquica os obstáculos existem no interior do pensamento e nas profundezas do inconsciente (Gaspar, 2010, p. 48).

Essa articulação que aqui se pretende fazer entre os autores franceses: Gaston Bachelard e Jacques Rancière, parte não só de um solo comum que seria o da filosofia francesa, mas também do fato de que ambos os autores compartilharam um mesmo tema, sendo este, o da psicanálise freudiana.

Ainda que tomada enquanto objeto de reflexão filosófica, a psicanálise se sustenta enquanto horizonte comum de debate em que ambos os autores se colocam e se posicionam. Podemos afirmar que ambos tomaram a psicanálise como um base de construção teórica, seja elaborando críticas, realocando suas questões em outros âmbitos, ou, até mesmo concordando com seu sentido legítimo de origem. Também podemos dizer, que dentro da *A Formação do Espírito Científico* e do *Inconsciente Estético*, os autores colocam a psicanálise tradicional como um ponto chave e principal para seu desdobramento conceitual, na qual utilizaram da psicanálise como objeto central para sustentação das suas discussões e para o embasamento dos seus respectivos posicionamentos filosóficos.

Sabemos que a psicanálise é uma psicologia das profundezas porque está ligada aos processos mentais que escapam à consciência... E tanto Bachelard, como Freud, procuram trazer à consciência essas determinações inconscientes. Baseando-se no inconsciente freudiano, Bachelard viu no inconsciente do espírito científico uma fonte de pensamentos... É aqui que o obstáculo epistemológico ganha uma significação psicanalítica (Gaspar, 2010, p. 54-56).

A partir da citação feita acima, fica ainda mais nítido a relação que Bachelard estabelece para com Freud, no que tange à psicanálise, bem como o que se exprime na noção de inconsciente para Rancière, através da noção de que existem conteúdos do não-pensamento incrustados dentro do pensamento objetivo da ciência, o que foi nomeado e chamado por Bachelard de inconsciente científico.

Bachelard enxergou dentro das ciências uma camada de pensamentos encontrados no conhecimento científico produzidos não pela racionalidade nem pela consciência, mas pelo próprio conteúdo inconsciente, e disso surge a sua psicanálise do conhecimento objetivo, para ajudar e alavancar os graus de objetividade do conhecimento científico, justamente na superação dessa participação de um inconsciente dentro das atividades científicas. Nesse sentido, em nossa interpretação, essa noção de inconsciente científico que se vincula a um

obstáculo epistemológico serve como demonstração dos conteúdos de um não-pensamento presentes no pensar.

Bachelard é então produtor de um novo sentido para o termo psicanálise dentro de sua filosofia, com isso, faz-se necessário frisar, como dissemos e destacamos no subcapítulo anterior, que Bachelard desloca alguns conceitos psicanalíticos de Freud, para colocá-los dentro das suas reflexões epistemológicas sobre conhecimento objetivo. Com isso, gera uma nova utilização e um novo significado para esses conceitos e conseqüentemente uma noção e concepção de psicanálise nova.

O que interessa aqui é pontuar que ao pensarmos a noção de obstáculo epistemológico, sobretudo, num sentido psicológico desse obstáculo, poderíamos identificar que a própria *psicanálise do conhecimento* objetivo serve como uma espécie de filtragem sobre os conteúdos subjetivos e objetivos, tendo em vista que dentro da atividade científica somente devem ser tratados os conteúdos objetivos, e deve-se buscar cada vez mais níveis maiores de objetivação, para garantia da objetividade e precisão dos conhecimentos que forem sendo elaborados e construídos sobre a realidade através das ciências.

Uma das formas de focarmos o problema da presença do sujeito individual na epistemologia bachelardiana é a da objectividade científica. A objectividade científica requer o afastamento de toda a subjectividade... não se trata de eliminar a presença do sujeito no conhecimento científico, pois sem sujeito não há conhecimento. Trata-se sim, de proceder a uma “dessubjectivação” permanente desse sujeito... O pensamento que conduz ao conhecimento científico tem como fio condutor a objectividade. Esse fio será tanto mais emaranhado quanto mais se enrolar na subjectividade (Gaspar, 2010, p. 51).

Subseqüente a isto, acreditamos que a noção, apresentada por Rancière, de relação existente entre pensamento e não-pensamento, pode muito bem exemplificar e reforçar aquilo que Bachelard pretendia combater e eliminar dentro do âmbito epistemológico através da sua psicanálise do conhecimento objetivo.

Neste sentido, torna-se muito relevante para esta pesquisa os diferentes caminhos, tanto de entrada, quanto de saída, que estes dois autores chegaram a partir de considerações que fizeram sobre os estudos e as teorias da psicanálise.

Se por um lado, podemos observar dentro da filosofia dualística de Bachelard, um momento marcante no ano de 1938, de ambivalência dinâmica e de simultaneidade entre as suas vertentes de seus estudos, pelo fato de que, apresenta uma obra para cada uma sendo: *A Formação do Espírito Científico* para a epistemologia e, *A Psicanálise do Fogo* para a imaginação poética.

Consequentemente a esse fator de encontro, tão significativo e pontual, entre suas duas vertentes através destas duas obras, observamos o nascimento de algo inédito em sua filosofia, que é uma continuidade temática entre as obras de diferentes vertentes (uma ciência e outra da poética). Apresenta assim, pela primeira vez, não só publicações simultâneas e paralelas entre uma vertente e outra, mas realiza também uma continuidade de assuntos e conteúdos entre elas, numa espécie de fio condutor que o leva numa travessia temática, que vai da epistemologia que trata da dinâmica de avanço no conhecimento científico, para poética que se encanta e é atraída para as fontes das imagens e que explora os fenômenos da imaginação.

Por isso, sugerimos aqui que o fio condutor dessa travessia bachelardiana possa ter sido constituído sob o seu próprio interesse pela psicanálise, tendo em vista que foi durante o momento citado que ele a tomou com a maior parte de sua atenção e esforço de produção criativa sobre ela. Enquadrada no período diurno dentro do funcionamento da estrutura epistemológica, enquanto ferramenta para a ciência se livrar dos obstáculos psicológicos e garantir níveis de maior objetividade, e também, sublinhada no período noturno como viés e fonte de articulação para questões sobre a análise de imagens e de investigação para os processos imaginários.

Além disso, podemos observar também como a psicanálise aparece presente tanto no subtítulo da primeira obra, quanto no título da segunda. Possibilitando encarar a psicanálise como um fio condutor que atravessa seu conjunto filosófico tanto no lado diurno da epistemologia, quanto no lado noturno da poesia.

[...] uma ideia central para a nossa investigação - a de que a psicanálise tem um papel primordial na dualidade do pensamento do autor entre a epistemologia - o conceito, e a filosofia poética - a imagem. É este o lugar da psicanálise (Gaspar, 2010, p.29).

Por estes pontos apresentados, consideramos uma linha de leitura das obras bachelardianas que, de certa maneira, contorna, abrange e cerca uma possível aproximação entre seus dois lados filosóficos através da psicanálise.

Enquanto conclusão do presente capítulo, gostaríamos de aproveitar a presença da psicanálise para já a elegermos, enquanto responsável pelo encaminhamento, ou pelo menos o abrir de olhos de Bachelard, para a questão da imaginação, e a significação das imagens, que se apresenta enquanto um ponto tão importante quanto a criação de conceitos, e quiçá ainda mais importante e fundamental, que é justamente o debate de sua vertente noturna. Assim, tomando vazão temas que discutiremos posteriormente dentro da dissertação, tais como o devaneio, inserido no debate sobre as imagens oníricas, e que pouco a pouco compõem uma

estética vinculada a importância das imagens poéticas para esses dois exercícios do pensamento (razão e imaginação).

Por conseguinte, a partir dessa leitura podemos indicar que a psicanálise aparece na filosofia do autor enquanto uma dupla influência, uma que se instaurou sobre o terreno epistemológico e possibilitou o autor elaborar seu próprio conceito de psicanálise, sendo esta ligada ao conhecimento objetivo. Em conjunto com a existência dessa mesma influência, mas de outro lado de sua filosofia, aquela que se direciona a investigação das imagens, das análises estéticas e vínculo entre as obras de arte e os estudos sobre a imaginação.

Neste caso, também faz-se de muita utilidade aproximar novamente Bachelard e seu contato com a psicanálise, para com a obra de Rancière *Inconsciente Estético* que, indica e demonstra, como uma das interpretações possíveis para a psicanálise freudiana, que em sua leitura, a psicanálise se serviu de um “fundo” para sustentar seus argumentos que visavam atingir níveis de conhecimento tal qual os das ciências naturais, que já vinha sendo construídos, elaborados, e até mesmo explorados enquanto fonte de criatividade, para dentro das produções de arte.

Não cabe aqui, acrescentar ao nosso debate a discussão sobre a possibilidade de sucesso ou fracasso de Freud em sua pretensão de inserir a psicanálise sob as estruturas do conhecimento objetivo, e portanto, científicas, ou, então não científicas por não respeitarem alguns parâmetros epistemológicos.¹⁸

Nesta conclusão de capítulo, nosso objetivo é utilizar a leitura que Rancière fez da psicanálise, colocando a sua sustentação teórica a ser pensada sob o terreno da estética, como uma chave ilustrativa e sugestiva para nosso entendimento diante do movimento que Bachelard fez em sua trajetória de produção filosófica, precisamente considerando que o momento em que se utilizou da psicanálise no campo das ciências, foi também o momento em que despertou seu interesse sobre as imagens, as metáforas e a imaginação.

Com isso colocado, nos sentimos assegurados em eleger a ideia que Rancière apresenta para a teoria psicanalítica para pensarmos a influência da psicanálise também no terreno da estética e do pensamento noturno de Bachelard, permitindo o encontro confluências e relações dentro da elaboração filosófica de Bachelard para com as ideias de Rancière.

¹⁸ Essa discussão pode ser encontrada dentro do artigo: “Bachelard e Freud: fenomenotécnica e psicanálise”, onde as autoras pretendem a partir de uma reconstrução dos critérios epistemológicos de Bachelard, demonstrar um aspecto de concordância entre seus próprios critérios científicos e os critérios estipulado por Freud (SISSON, N. & WINOGRAD, M, 2012).

A premissa que Rancière aponta na obra já mencionada, e que gostaríamos de destacar aqui, servindo também enquanto aponta para o próximo capítulo da presente dissertação, é exatamente a de que a psicanálise se serviu de um traço que já era muito presente e utilizado não nos meios científicos, mas nos meios arte, e no próprio pensamento que é elaborado no domínio da estética. Rancière, aponta que a psicanálise de Freud acabou se utilizando daquilo que já era uma espécie de referencial de inspirações artísticas, para então, formular a sua própria teoria de análise dos processos psíquicos e, sobretudo, do inconsciente.

Minha hipótese é que o pensamento freudiano do inconsciente só é possível com base nesse regime do pensamento da arte e da ideia do pensamento que lhe é imanente. Ou ainda, o pensamento freudiano, para além de qualquer classicismo das referências artísticas de Freud, só se torna possível com base na revolução que opera a passagem do domínio das artes do reino da poética para o da estética (Rancière, 2009, p. 13-14).

É este argumento que se torna essencial, para reforçarmos a ideia de que a psicanálise operou dentro da filosofia bachelardiana, uma posição de destaque não só dentro da fase diurna na elaboração de sua psicanálise do conhecimento, como também abriu caminho para o segmento da vertente noturna que se manifesta mais próximo da arte, do que da ciência, e assim sugere uma investigação sobre aquilo que não cabia nos moldes da ciência, como por exemplo a imaginação, a interpretação subjetiva dos fenômenos a partir do deslumbre estético e da criatividade artística.

Pretendemos por fim, acenar que ao investigar o argumento de Rancière, que defende as bases da psicanálise dentro do âmbito da arte e não da ciência. Na verdade, estamos também fazendo menção a própria dinâmica que permeia os dois lados de interesse de nosso autor principal, que é Bachelard.

Este argumento de Rancière, que consiste em sugerir uma interpretação da psicanálise freudiana, que a coloca muito mais sustentada por noções estéticas e artísticas, do que sobre as premissas científicas de produção de conhecimento:

[...] a teoria psicanalítica do inconsciente é formulável porque já existe, fora do terreno propriamente clínico, certa identificação de uma modalidade inconsciente do pensamento, e porque o terreno das obras de arte e da literatura se define como o âmbito de efetivação privilegiada desse "inconsciente". Meu questionamento será direcionado à ancoragem da teoria freudiana nessa configuração já existente do "pensamento inconsciente", nessa ideia da relação do pensamento e do não-pensamento que se formou e desenvolveu de modo predominante no terreno do que se chama estética (Rancière, 2009, p. 11)

Após mencionar todos aqueles pontos no ano de 1938 que aproximam os dois lados do conjunto das obras bachelardianas, tendo como ponto de encontro a psicanálise freudiana. Acreditamos que o argumento da obra de Rancière, poderá nos servir como ponte de conexão

para esta conclusão do atual capítulo, pois, se neste primeiro capítulo abordamos a psicanálise a partir do lado da filosofia diurna de Bachelard, agora teremos ainda mais ferramentas para pensar a psicanálise como um ponto de transição entre o pensamento diurno (epistemológico) e o pensamento noturno (poético).

A seguir, no segundo capítulo, nos concentraremos no lado noturno da filosofia de Bachelard, onde serão desenvolvidas considerações a respeito das imagens poéticas enquanto a construção de uma categoria estética feita pelo autor, e em diálogo com estudos que também tangenciam a psicologia e uma fenomenologia da imaginação através de recortes e ópticas de expressão artística.

2. A Construção do Pensamento Noturno

aprisco poético onde os devaneios substituem o pensamento, onde os poemas ocultam os teoremas (Bachelard, 1990, p. 25).

Se por um lado, no capítulo anterior desta dissertação pudemos investigar o desempenho de uma nova função de ornamento da psicanálise dentro do conhecimento científico, onde conceitos como recalque e retificação, entre outros, trabalham de certa forma em conjunto, pensando na aplicação da psicanálise que Bachelard faz dentro de sua epistemologia. Por outro lado, a psicanálise nos parece ser fundamental para pensar o movimento de desdobramento que acontece dentro das ideias e pesquisas do autor, isto é, daquilo que resultou quando ele estende seu interesse para as questões das imagens poéticas-literárias. Assim como ele mesmo indaga ao final da vida investigando seu trajeto filosófico sob ótica de dois eixos principais: “pois onde começam, na vida de um intelectual, os desvios que duram? - comecei, à margem de meu trabalho regular de professor de filosofia da ciência a me interessar pelos problemas das imagens literárias” (Bachelard, 1990, p. 25).

Gostaríamos de neste segundo capítulo, percorrer esses “desvios que duram” dentro da filosofia do autor. Em outras palavras, pretendemos investigar a parcela da sua filosofia que incorre sobre as questões da imagem.

Percorremos aqui, o seu interesse que, apesar de em primeira instância parecer somente um desvio em sua carreira, por ter aparecido de modo paralelo, comparado ao meio do desenvolvimento da sua atividade de ensino de filosofia da ciência. No fundo, acabou se tornando algo mais profundo do que um breve desvio, e na verdade foi algo que perdurou e permaneceu com o autor até o final de sua vida, deixando um instigante conjunto de obras que se desdobram em temas voltados a imaginação literária, a imagem poética, a fonte onírica dos sonhos, bem como ao devaneio e, posteriormente, uma fenomenologia da imaginação.

Então, existe todo um conjunto dentro das obras do autor, que é denominado de *vertente noturna* e se volta para esse interesse pelo processo de imaginação. Compondo assim, o outro lado da metáfora entre dia e noite, das características diurnas e noturnas, no formato de um par que sustenta uma dinâmica de alternância e complementaridade entre a produção de conhecimento e a atividade imaginária: “E as palavras das grandes coisas, como a noite e o dia, o sono e a morte, o céu e a terra, só assumem o seu sentido designando-se como ‘pares’. Um par domina outro par, um par engendra outro par” (Bachelard, 2018, p. 34).

Sendo essa nova vertente, a da imaginação, uma abertura de horizonte para aquilo que o autor coloca, e que já nos referenciamos anteriormente, como a vertente noturna. É a partir desse surgimento do pensamento noturno que nos concentramos no presente capítulo.

Podemos afirmar, com base tanto nas obras de Bachelard, quanto no trabalho dos comentadores de sua obra, que o pensamento do autor passa por uma mudança de direção, uma transição de sentido e de posicionamento teórico no que se refere ao cerne das suas produções intelectuais. Esta transição de foco e de interesse filosófico do autor, que acontece primeiramente dentro das duas obras do ano de 1938, mas que se reflete em um desdobramento chave que irá marcar significativamente suas produções seguintes, pois, se trata do início de um processo de alternância entre dois campos de produção teórica e imaginante, conceitual e imagética, nos quais o autor deixou seu legado filosófico.

Nesta segunda parte da dissertação, iremos realizar o trabalho de investigação sobre essa fase noturna, fase na qual Bachelard volta sua atenção aos processos dinâmicos de imaginação, as questões de atribuição de sentido e significado para as imagens enquanto processo psíquico fundamental para os seres humanos. Sendo essa parte, tão importante e relevante quanto o trabalho sobre os conceitos que demos atenção anteriormente através da vertente epistemológica.

Traremos uma ênfase, dentro da primeira parte deste capítulo, para as obras bachelardianas publicadas no ano de 1938. Acreditamos que existem argumentos suficientes para dar destaque a este ano, dentro da nossa proposta de pesquisa que, se sustenta em seu cerne, sob a completude de uma *dinâmica de alternância* entre estas duas áreas de estudos do autor, como também a *complementaridade* entre as questões da ciência e do conceito, bem como da poética e das imagens.

Assim, abordaremos em início, aspectos que corroboram para uma concentração de eventos no ano de 1938, e que em nossa leitura, se apresentam como férteis e enriquecedores dentro de uma investigação sobre a própria inauguração da vertente noturna no pensamento de Bachelard. Veremos através das considerações do autor, como serão realizados seus estudos em direção a poesia e as imagens poéticas.

Sobretudo, encarando o nascimento da vertente noturna, dentro do pensamento de Bachelard, pela publicação de uma obra específica, intitulada de “*La Psychanalyse du Feu*¹⁹”. Está será nossa fresta de abertura para investigação desse período, pois é uma obra reconhecida como fundamental dentro das leituras da corrente de estudos bachelardiana, visto que é

¹⁹ Título da obra traduzida: A Psicanálise do Fogo (2012).

exatamente nessa obra que Bachelard toma como premissa não mais a pura produção de conhecimento objetivo, mas passa a valorizar a relação interna do sujeito com as imagens, favorecendo uma análise das imagens (do fogo), através de aspectos subjetivos.

Depois disso, na segunda parte deste segundo capítulo, refletimos sobre a presença da psicanálise, como um canal que perpassa os dois lados dessa dinâmica bachelardiana. Tornando a psicanálise também importante para o reconhecimento da relevância que um núcleo exerce sobre o crescimento e desenvolvimento do outro, isto é, como a faceta epistemológica-diurna pode fomentar a vertente noturna-poética, e vice-versa.

Optamos pela leitura que sustenta a psicanálise como um ponto chave da filosofia de Bachelard, e utilizaremos dela tanto como janela para desdobramento no pensamento noturno, como para tratá-la enquanto aspecto fundamental numa análise da dinâmica de alterações entre as áreas de produções do autor.

Como laço para amarrar a psicanálise à vertente poética bachelardiana, recorreremos ao pensamento de Jacques Rancière na obra *Inconsciente Estético* (2009), a fim de construir uma possibilidade de leitura da psicanálise, dentro da filosofia de Bachelard que, trabalha sobre as questões estéticas, que inaugura o pensamento sobre a arte e que envolve, finalmente, considerações sobre os estudos das imagens.

Com isso, vamos reunindo aspectos e dando força ao nosso argumento que consiste em apontar para uma aproximação entre as duas estruturas em debate (ciência e poética), através da dinâmica de complementaridade que existe entre os dois eixos da filosofia de Bachelard.

E por fim, a última parte do atual capítulo, trabalhará a proximidade que existe dentro da filosofia noturna de Bachelard sobre o conceito de complexo colocado em relação com as imagens poéticas, e também a relação existente entre os complexos de imagens poéticas e os símbolos da mitologia. Utilizaremos um texto ainda pouco explorado pela comunidade bachelardiana que se encontra publicado enquanto um prefácio para a obra de Paul Diel, intitulada: “O Simbolismo na Mitologia Grega”.

2.1 *Psicanálise do Fogo e Formação do Espírito Científico*: as duas obras de 1938 e a dinâmica de publicações entre epistemologia e poética.

Permaneci ávido por conhecer, cada vez em maior número as construções conceituais e, como nunca, igualmente as belezas da imaginação poética; não conheci o trabalho tranquilo a não ser após ter cortado minha vida de trabalho em duas partes

quase independentes, uma colocada sob o signo do conceito a outra, sob o signo da imagem. (Bachelard, 1990, p. 25).

Iniciaremos este subcapítulo com uma breve explanação bibliográfica contextual da vida do autor. Observando que, desde sua tese de doutorado em filosofia: *Essai sur la Connaissance Approchée*, defendida em 1927, até o ano de 1938 com a obra: *La formation de l'esprit scientifique*, Bachelard se manteve dentro do campo filosófico da Epistemologia.

Já, a partir deste mesmo ano de 1938, com a seguinte publicação: *La psychanalyse du feu*, Bachelard, inaugura sua contribuição dentro do campo filosófico da Poética, bem como apresenta pela primeira vez duas novas abordagens sobre as imagens. Sendo a primeira ligada ao conteúdo onírico das imagens, através do devaneio, e a segunda que complementa a primeira, marcando um arco de produção intelectual que vai do ano de 1938 até 1948, sobre os quatro princípios da matéria: fogo-água-ar-terra, onde o autor reúne imagens poéticas e literárias sobre cada um dos elementos, elaborando a chamada enciclopédia cosmológica da imaginação material.

De tal modo que, é importante deixar frizado o fato de que depois de 1938, seguiu-se uma dinâmica de publicações entre o campo da epistemologia e da estética.

Em 1940, Bachelard, retorna ao âmbito da epistemologia com a publicação de: *La philosophie du non*.

Depois, voltando à continuação do seu arco, ou ciclo, dedicado à imaginação material, em 1942, Bachelard, trabalhou nas suas produções voltadas aos quatro elementos da matéria, retirando dos poetas fontes de imagens poéticas voltadas a cada um dos elementos enquanto origem criativa, como forças e fontes imaginárias, potências criativas de instância material e poética.

Tratando da água na obra: *L'Eau et les Rêves* (1942), escreveu referências a figuras de várias personagens populares da literatura, como a Ophelia que é uma personagem da obra Hamlet de William Shakespeare, ou então, Narciso, a famosa personagem lírica da poesia grega.

No ano seguinte, em 1943 trata do elemento ar com a publicação: *L'Air et les Songes*, onde podemos observar que dedica um capítulo inteiro a Friedrich Nietzsche, e justifica sua leitura de Nietzsche enquanto um filósofo do ar, ascensional, das alturas, dos cumes e da verticalidade. Bem como também um capítulo inteiro, ao seu amigo em vida o psicanalista Robert Desoille que, fundou o aparato teórico denominado *rêve éveillé dirigé* (R.E.D)

traduzido por algo como “sonho acordado dirigido”, conceito que posteriormente, Bachelard, iria tomar como grande influência para estudo do devaneio.

Encerra nos anos de 1947 e 1948 com duas publicações sobre o elemento terra, primeiramente com: *La Terre et les Rêveries de la Volonté* e *La Terre et les Rêveries du Repos*, encerrando assim a denominada cosmologia poética dos quatro elementos²⁰.

Com efeito, majestoso apoio para um filósofo elementar da imaginação cosmológica, os quatro elementos: o fogo, a água, o ar e a terra, se ofereciam como cabeçalhos de capítulos, como títulos de livros para uma *enciclopédia de imagens cosmológicas* (Bachelard, 1990, p. 26, grifos nossos).

Após esse arco extremamente significativo para sua teoria da imaginação, Bachelard, realiza a sua última passagem pelo campo da epistemologia, o que resultou na publicação de três obras²¹ que saíram entre os anos de 1949 até 1953.

Então, chegando ao final da sua vida, o autor revisita questões da vertente poética, com duas obras poéticas em que se concentra o desenvolvimento da sua chamada fenomenologia da imaginação²²:

[...] uma fenomenologia das imagens criantes, fenomenologia que tende a restituir, mesmo num leitor modesto a ação inovadora da linguagem poética [...] determinar uma fenomenologia do imaginário onde a imaginação é colocada no seu lugar, no primeiro lugar, como princípio de excitação - direta do devir psíquico (BACHELARD, 2018, p.8).

Por fim, sua última obra publicada em vida, faz parte da vertente poética retoma algumas considerações sobre o elemento fogo²³, elemento inaugural da cosmologia poética pautada nos quatro elementos.

Portanto, trazemos essa retomada bibliográfica das obras do autor, como um amplo panorama que contribui para nosso objetivo geral de identificação da dinâmica e da alternância nos campos de produções do autor. Também em específico, contribui para o nosso objetivo nessa primeira parte do segundo capítulo da dissertação, já que se trata de estudar um recorte específico do período de produtividade intelectual do autor, no qual se localiza um ano de duas publicações concomitantes na bibliografia deixada por Bachelard, e que, curiosamente, se apresenta uma obra para cada eixo da sua filosofia.

²⁰ Sobre este assunto da doutrina dos quatro elementos na filosofia de Bachelard, pode ser consultado o artigo: Valadares, A. A.. (2014). *A doutrina dos elementos entre a poética e a epistemologia de Gaston Bachelard*. *Kriterion: Revista De Filosofia*, p. 463-482, 2014.

²¹ 1949 - *Le Rationalisme Appliqué*.

1951 - *L'Activité rationaliste de la physique contemporaine*.

1953 - *Le Matérialisme Rationnel*.

²² 1957 - *La Poétique de L'Espace*

1960 - *La Poétique de la Rêverie*.

²³ 1961 - *La Flamme d'une Chandelle*.

Sendo *A Formação do Espírito Científico: contribuições para uma psicanálise do conhecimento objetivo* a obra voltada para a produção de conteúdo científico e epistemológico, e, *A Psicanálise do Fogo* a obra de nascimento da vertente noturna, concentrada sobre as questões das imagens poéticas e do devaneio.

No ano de 1938 é publicada *A Psicanálise do Fogo* (*La Psychanalyse du Feu*), como um texto de passagem entre o epistemológico e o poético, trabalhando a complementaridade dos eixos da poesia e da ciência [...] (Rodrigues, 2005 p. 49).

Decidimos então, tomar esse ponto chave como nosso pontapé inicial para começarmos nossas considerações sobre as análises poéticas que Bachelard faz das imagens literárias.

Justamente pela obra inaugurar todos os estudos do autor, sobre as suas considerações de análise poética e leitura de imagens, além de um interesse pelas metáforas, pela linguagem poética e por uma interpretação de poesias mitológicas, sobretudo, com enfoque na literatura-poética. Tudo isso junto com uma valorização intensa da camada psíquica do devaneio para a escrita e a apreciação das imagens poéticas.

Feita esta retomada na linha do tempo de publicações das obras do autor. Gostaríamos de apontar agora para a mudança que ocorre no sentido dessa investigação de Bachelard sobre as imagens, começando de dentro da forma e da maneira como o autor encara e analisa as imagens do pensamento em toda sua vertente diurna, mas também precisamente na obra diurna de 1938. Pois, nela o tratamento para com as imagens era altamente excludente e encarado como pejorativo ao desenvolvimento do conhecimento objetivo:

Tais contrapassos entre as imagens acontecem quando não se faz um trabalho de psicanálise da imaginação. Uma ciência que aceita as imagens é, mais que qualquer outra, vítima das metáforas. Por isso, o espírito científico deve lutar sempre contra as imagens, contra as analogias, contra as metáforas (Bachelard, 2005, p. 48).

Podemos considerar que, de acordo com a citação acima, a psicanálise do conhecimento objetivo, para Bachelard, funciona como uma tarefa psicanalítica de identificação das imagens que estão presentes dentro das teorias científicas, sejam elas imagens pessoais e subjetivas dos cientistas individualmente, ou, imagens que fazem parte do próprio cenário conceitual em que uma comunidade científica estabelece seus trabalhos.

Assim, tal tarefa psicanalítica dentro do conhecimento científico, nesta proposta epistemológica, tem o papel de estipular condições para o tratamento objetivo dos conceitos e conseqüentemente, excluir a parcela subjetiva que eventualmente possa sustentar, ou, participar dessa atividade de produção de conhecimento.

Nesta problemática, na parcela diurna-epistemológica é pré-assumido que as imagens ocupam um papel corruptível dentro do processo de elaboração do conhecimento objetivo: “se considerar que todas as imagens externas à cultura científica e à sua produção obstruem o desenvolvimento do conhecimento objetivo” (Almeida & Machado, 2017, p. 179).

Agora, quando recorremos à segunda obra do ano de 1938, tratando da obra *A psicanálise do fogo*, podemos observar uma mudança de sentido no uso que Bachelard faz da psicanálise, enquanto uma ferramenta conceitual para o tratamento das imagens. Então se no pensamento diurno a psicanálise diurna funciona como uma desobjetivação dos conceitos para o conhecimento objetivo. Na parte noturna do pensamento do autor, a psicanálise abre a janela para uma análise totalmente vinculada à subjetividade do imaginário, nos valores poéticos e estéticos das imagens: “Pois, se em ciência a imaginação criadora engendra o pensamento, em poesia ela inventa mundos ainda não vividos” (Gomes, 2016, p. 268).

No pensamento noturno as metáforas, metonímias, imagens, símbolos, figurações, etc... deixam de ser interpretadas pelo caráter pejorativo do pensamento diurno e passam a assumir parte fundamental da constituição do pensamento humano.

Deste modo, num primeiro momento, de início na filosofia noturna do autor, já se estabelece um contato entre este nascimento do interesse pelo estudo da imagem (lírica, literária, poética e onírica), para com a presença da psicanálise dentro de seu pensamento. O autor acaba reunindo os âmbitos da psicanálise para com a transição temática de sua entrada na parcela de considerações sobre o pensamento imaginário, dos sonhos oníricos e do poético em uma formulação do que futuramente vem a compor uma estrutura filosófica e estética sobre as imagens.

Assim, percebemos que as considerações feitas pelo autor, dentro desse recorte de tempo específico que estamos elegendo enquanto tema para este subcapítulo, nos apresenta uma dupla interpretação de direções para a psicanálise dentro da sua filosofia. Tal qual se apresenta no subtítulo da obra diurna “psicanálise do conhecimento objetivo” e, de uma outra forma, na perspectiva noturna da “Psicanálise do Fogo” que é encarada como o nascimento de sua vertente noturna.

Por isso, acreditamos dentro deste trabalho que é legítimo o esforço em nos empenharmos em demarcar a psicanálise como uma chave conectiva entre o pensamento diurno e noturno.

Nesta tentativa de elaboração de conhecimento objetivo sobre o elemento do fogo, Bachelard, acaba por perceber que mesmo os conhecimentos e estudos que se propunham científicos e objetivos sobre este elemento, acabavam por estar carregador, impregnados e

marcados por imagens de vários tipos como: primitivas, arquetípicas, poéticas, religiosas, míticas, etc.

Pensava dever estudar as imagens como tinha o hábito de estudar as ideias científicas, tão objetivamente quanto possível. Não percebia o quanto era paradoxal estudar "objetivamente" os impulsos da imaginação que vem colocar o inesperado até dentro da linguagem (Bachelard, 1990, p. 25).

O fogo dentro da obra noturna de 1938 foi o elemento responsável por mostrar a Bachelard que, ainda que se tentasse analisar historicamente as contribuições deixadas pela cultura científica, ainda encontraria aspectos que extrapolam os limites da ciência. Por exemplo as imagens de vitalidade e cura ligadas ao calor do fogo, uma perspectiva cultural que o vincula a um prognóstico da fertilidade da terra e das colheitas, entre outras.

O fogo configura a prova de que no reino da razão muitas vezes uma herança cultural não psicanalisada bloqueia um saber normativamente investigado. Contudo, é no reino da poesia e dos devaneios da matéria que ele passa a ser um sujeito. Provavelmente, Bachelard tenha refletido sua vida toda sobre esse elemento carregado de ideologias e de força, ambíguo em si, mas que até hoje alimenta o imaginário cultural, assim como permanece sendo investigado pela ciência (Almeida & Machado, 2017, p. 181).

Bachelard, de alguma forma, tinha uma relação mais especial com o fogo do que com os demais elementos, não somente por ter escolhido o fogo como o elemento inicial para a sua cosmologia da imaginação material, mas também por ter retomado a este elemento no final da vida, com as obras: *A chama de uma vela* e, a obra póstuma, *Fragments para uma poética do fogo*.

Por conseguinte, podemos dizer que ele tomou o fogo como exemplo para demonstrar como existem marcas de uma mentalidade mítica, ancestral, alquimia ligada à fantasia e que, formam um imaginário sobre este elemento e que são tão fortemente enraizadas no psiquismo humano, que até o próprio conhecimento científico viria a sofrer consequências. Portanto, conclui-se que existe um imaginário que acaba permeando até mesmo os estudos científicos.

O autor mostra como a presença de imagens e de devaneios podem acabar corrompendo e contaminando o desenvolvimento do conhecimento científico, colocando a atividade imaginária e o devaneio como categorias psicológicas que devem ser combatidas dentro da atividade científica, pois acabam comprometendo a tentativa de uma análise objetiva do próprio objeto, e conseqüentemente, comprometem a produção de conhecimento científico sobre ele.

Dessa maneira, o autor anuncia logo no início do livro que abre a vertente noturna: “O fogo não é mais um objeto científico” (Bachelard, 2012, p. 3). Tamanha contaminação cultural, simbólica e poética que existe sobre ele.

Chega à conclusão de que o conhecimento sobre o fogo, pode exemplificar um “problema psicológico” (Bachelard, 2012, p. 3), que se desenvolve numa “zona objetiva impura” (Bachelard, 2012, p. 3), justamente quando o pensamento se volta para o “aprisco poético onde os devaneios substituem o pensamento, onde os poemas ocultam os teoremas” (Bachelard, 2012, p. 3).

Cabe destacar que, quando falamos do método de psicanálise que Bachelard desenvolve para excluir a parcela inconsciente que permeia o pensamento científico, ele acaba fazendo isso num recorte muito específico, delimitado dentro do ano de 1938.

Ana Gaspar aponta para sete acontecimentos que ocorreram no ano de 1938, e que são muito importantes de se pontuar quando se trata da importância deste determinado recorte de tempo para a filosofia de Gaston Bachelard (Gaspar, 2010, p. 29).

Entretanto, iremos resumir e apresentar esses acontecimentos tão marcantes para a filosofia do autor em três argumentos principais: 1º) No ano de 1938, acontece pela primeira e única vez, publicações concomitantes e simultâneas, uma sobre epistemológica (FES²⁴), e uma outra obra, sobre a poética (PF²⁵). 2º) As duas obras recebem o termo “psicanálise” em seus títulos. 3º) É o único momento em que existe a continuidade temática entre os textos de epistemologia e poética, bem como, é o único momento em que Bachelard utiliza “psicanálise” no título das suas obras.

Resumindo essas apresentações da importância do ano de 1938, acrescentamos em nossa pesquisa, para além desses referenciais teóricos que viemos trabalhando, a existência de uma continuidade do tema da psicanálise, embora se trate num segundo momento de um posicionamento crítico com um rompimento que o autor teve para com a método de análise de imagens proposto pela psicanálise.

Ou seja, no desdobramento da sua vertente noturna, o autor moveu-se para uma substituição metodológica dos seus estudos estéticos, dado que o objeto elegido como tema de sua pesquisa era a imagem e a imaginação poética, ocorre então que Bachelard substitui os fundamentos da psicanálise por uma metodologia fenomenológica, onde a imaginação criativa tenha autonomia perante as imagens em suas relações de significado e atribuição subjetiva de sentidos para ela. Esse ponto da substituição metodológica na teoria estética de Bachelard aparecerá mais detalhadamente em nosso último capítulo da dissertação.

²⁴ (FES) - Bachelard, G. (1938) La formation de l'esprit scientifique: Contribution à une psychanalyse de la connaissance objective.

²⁵ (PF) - Bachelard, G. (1938). La psychanalyse du feu.

Por esses argumentos, além do fato de 1938 ter sido o ano de publicação da primeira obra que deu abertura a sua vertente poética. Acreditamos estar suficientemente embasados para afirmar que é neste ano e nesse período que, pela primeira vez, o autor incorpora a psicanálise de maneira original em sua filosofia. Assim como é possível afirmar que: “É em torno desse ano crucial que se apresenta a tensão significativa entre os conceitos científicos e as imagens poéticas” (Gaspar, 2010, p. 24).

Podemos observar a denotação de algo novo, que surge a partir daí dentro de suas reflexões, especialmente no exato momento em que se inicia uma busca pela investigação a respeito da *imagem*, deixando em paralelo o que até então vinha sendo o interesse principal de sua filosofia, o trabalho sobre o *conceito*, o trabalho conceitual de produção de conhecimento científico e objetivo abre espaço para o estudo das imagens poéticas, literárias e subjetivas.

É a partir desta obra que o autor começa a privilegiar dentro da sua filosofia, um estudo que não se direciona mais totalmente ao pensamento objetivo que busca a produção dos conceitos no campo da epistemologia, mas que agora, se direciona para dentro dos estudos das imagens poéticas, investigando a importância que elas têm dentro do sistema psicológico do sujeito.

É agora o eixo inverso - não mais o da objetivação, mas o da subjetividade – que gostaríamos de explorar para dar um exemplo das duplas perspectivas que se poderiam atribuir a todos os problemas colocados pelo conhecimento [...] (Bachelard, 2012, p. 4).

Com isso, notamos que o interesse central de sua filosofia passa a se inclinar em direção a uma literatura poética, e começa a trabalhar sobre o âmbito não mais somente da literatura científica, mas da literatura literária, citando autores do romantismo alemão como Novalis, Hoffmann, Holderlin, entre outros poetas, para ressaltar o valor imaginário da poesia, e o valor psicológico da imaginação poética.

Assim sendo, notamos que o pensador francês, que viveu no século XX, perfeitamente contextualizado no avanço da ciência contemporânea e de posse das principais teses científicas, ao se inclinar para o romantismo alemão da primeira fase (Novalis), privilegia o elemento da imaginação (estética), em face da tradição da filosofia francesa oficial, marcada por um tipo de racionalidade que emana de Descartes (Oliveira, 1996, p. 57).

Deste modo, o autor coloca sua filosofia (sobretudo a noturna), muito mais próxima, da literatura, do poema, da mitologia, e da criação artística de modo geral, e portanto, da estética, enquanto filosofia da arte que se insere no debate pictórico das imagens. Bachelard desdobra a sua filosofia em dois eixos centrais, um eixo vinculado ao conhecimento científico e a epistemologia e, outro eixo, vinculado e estipulado sobre a atividade de imaginação, de

assimilação e produção de imagens, de significação para esse processo imaginário e, por fim, de uma estética da imaginação. Estes dois eixos servem para responder à questão do que é o pensamento humano em sua complexidade: o que seria o pensar? no que ele consiste? como ele funciona?, etc. Para isso, ele faz uso da metáfora sob a qual estamos trabalhando.

A metáfora bachelardiana do pensamento diurno e do pensamento noturno, é criada para ilustrar os caminhos da extensão de seu “corpus filosófico”, e entretanto, é ao mesmo tempo a uma proposta filosófica de resposta à investigação que ele fez na busca por compreender a condição humana do pensamento. Sendo assim ela serve tanto para responder a questão das estruturas do pensamento humano, quanto para exemplificar e testemunhar a dinâmica de produção intelectual do autor.

Vejamos então, como ele reconhece dentro da sua produtividade intelectual, um valor inestimável dentro da sua filosofia, que é justamente a abertura de duas vias para o pensamento se tornar ativo, produtivo e criador, seja de conceitos, seja de imagens.

Permaneci ávido por conhecer, cada vez em maior número, as construções conceituais e, como nunca, igualmente as belezas da imaginação poética; não conheci o trabalho tranquilo a não ser após ter cortado minha vida de trabalho em duas partes quase independentes, uma colocada sob o signo do conceito, a outra, sob o signo da imagem (Bachelard, 1990, p. 30).

Sobre a metáfora de Bachelard do dia e da noite, podemos destacar que ela cria uma possibilidade de alargamento da nossa compreensão do que é o pensar, pois o enriquece conferindo duas aberturas concernentes a duas atividades diferentes.

Ao compreender e enxergar dois caminhos para o pensamento: a) diurno dos conceitos científicos e b) noturno das imagens poéticas. Bachelard, coloca também a possibilidade de uma dinâmica da alternância entre estas duas estruturas que o pensamento poderia transitar, duas atividades diferentes de pensamento, sob os quais construiu todo um nicho de publicações de obras em vida, todo um arcabouço dialético no qual tem-se eixos centrais que se servem dessas duas diferentes aberturas do pensamento, para dar condições às publicações em duas linhas diferentes de pesquisas.

O diurno funcionando como motor de produção de conhecimento objetivo, regido pela atividade racional, vinculado aos conceitos científicos. E, o pensamento noturno, voltado para a atividade da imaginação, da dinâmica dos espaços imaginários e das imagens enquanto potências psíquicas para a criação e o sonhar.

No capítulo seguinte, pretendemos argumentar para a indispensabilidade do papel da psicanálise dentro dessas leituras do corpus bachelardiano em suas duas vertentes, apontando para a dinâmica de complementaridade existente entre seus dois lados.

2.2 A Psicanálise como Solo Comum aos Dois Pólos: a janela de abertura para a vertente noturna.

Mas, precisamente, ela surpreende uma *continuidade* do pensamento e do devaneio e percebe que, nessa união do pensamento e dos sonhos, é sempre o pensamento que é deformado e vencido (BACHELARD, 2012, p.90, grifos do autor).

Depois de termos investigado o recorte do ano de 1938, bem como o reflexo que as concomitantes publicações deste ano representaram dentro da continuidade filosófica que Bachelard desenvolveu ao longo da vida. Cabe agora, ressaltarmos a nossa chave de leitura para filosofia bachelardiana, leitura que pretende tomar a psicanálise enquanto uma janela de abertura para a vertente noturna.

O primeiro argumento que precisaremos e nos empenharemos em defender nessa parte do texto, enquanto a justificativa deste subcapítulo, é de que a psicanálise se fez presente nos dois grandes eixos temáticos sob o qual a filosofia de Bachelard se sustenta.

Os eixos sob os quais, como vimos anteriormente, foram designadas, no ano 1938, uma obra para cada vertente, sendo elas a diurna-epistemológica e a noturna-poética. Isto quer dizer que, não é só na epistemologia que se concentra a adesão da psicanálise dentro da filosofia bachelardiana, a psicanálise aparece também no próprio nascimento da vertente ligada ao estudo das imagens literárias.

Como o objetivo geral de nosso trabalho de dissertação é exatamente coletar e colocar pontos em que sejam possíveis aproximações entre estes eixos centrais da epistemologia e da poética, decidimos analisar a psicanálise, porque ela está presente exatamente no ponto inicial em que o autor passa a fazer suas considerações sobre o âmbito da poética e da imagem.

Para dar início a este subcapítulo, optamos por colocar em continuidade o exame que viemos fazendo dentro do presente trabalho sobre a aparição da psicanálise no pensamento bachelardiano. Optamos, nesta parte da dissertação, por estabelecer uma ligação entre a atual parte do trabalho, e os temas mencionados também no último tópico do nosso primeiro capítulo, pois, tal qual naquela parte, trataremos da psicanálise dentro da filosofia de Bachelard, sobretudo agora, dentro da vertente noturna-poética, que trata a respeito da sua estética construída em torno das imagens poéticas.

Buscaremos destacar como a psicanálise participou ativamente do nascimento do período noturno, pelo menos em primeira instância, sob o qual surgiu um interesse estético voltado ao estudo sobre as imagens.

Para demonstrar esta influência inicial que Bachelard teve para com a psicanálise no despontamento da sua vertente noturna, recorreremos, em paralelo, à retomada de uma referência já feita neste trabalho, tratando-se da menção à obra contemporânea de Jacques Rancière *L'inconscient Esthétique*. Obra que também utilizamos no último subcapítulo da primeira parte do nosso trabalho (1.3), a qual foi destinada uma leitura da psicanálise dentro da filosofia bachelardiana na vertente diurna e que propôs uma analogia entre os conceitos de *obstáculo epistemológico* de Bachelard, para com a noção de *não-pensamento* de Rancière.

É exatamente dentro da noção de obstáculo epistemológico, a qual aparece como chave para a formulação da psicanálise diurna de Bachelard, ou, *psicanálise do conhecimento objetivo*, onde encontramos o fundamento de interesse que despontou com a vertente noturna do autor.

Pois assim como existem duas utilizações da psicanálise nos campos da epistemologia e da poética, existem duas perspectivas sobre o devaneio, de acordo com esses mesmos campos.

Enquanto filósofo do devaneio, Bachelard apresenta dois tratamentos diferentes sobre ele. O primeiro em que, resumidamente, empenhou-se em reduzir ao máximo a participação das imagens, das metáforas, e do próprio devaneio, dentro das funções epistemológicas. Mas, cabe lembrar a constante necessidade de retificações e rupturas dentro da atividade do conhecimento objetivo, pois como ele diz: “Mesmo quando quer apagar a imagem, a função da imagem persiste” (Bachelard, 2005, p. 93).

Então, se o devaneio, enquanto estudo das imagens, já havia sido consagrado na vertente diurna como principal adversário do estabelecimento do conhecimento objetivo. Como aponta, Bachelard:

Tais contrapassos entre as imagens acontecem quando não se faz um trabalho de psicanálise da imaginação. Uma ciência que aceita as imagens é, mais que qualquer outra, vítima das metáforas. Por isso, o espírito científico deve lutar sempre contra as imagens, contra as analogias, contra as metáforas (BACHELARD, 2005, p.48).

Podemos de fato assumir Bachelard como um filósofo do devaneio porque ao que nos interessa no momento sobre a vertente noturna o devaneio novamente tem sua valorização e recebe um espaço muito privilegiado dentro desta parte da filosofia do autor.

Conforme aponta o pesquisador Luis Puelles Romero, o devaneio se apresenta para a filosofia de Bachelard, sobretudo, tratando da vertente noturna, como um verdadeiro ponto de

destaque, como um método fenomenológico de capturar a imagem poética em seu ápice, em sua potencialidade máxima, o devaneio é baseado numa estética da recepção²⁶: “estética de la recepción (recepción admirativa)” (Romero, 1998, p. 342).

Mais à frente, no último capítulo desta dissertação, nos deteremos mais sobre o papel do devaneio e a abordagem fenomenológica construída pelo autor, para podermos observar mais a fundo no que distingue o devaneio estudado por Bachelard, em relação sonhos noturnos estudados pela psicanálise. Como Bachelard está vinculado a esta questão do devaneio, irá optar por uma base metodológica fundada sobre a fenomenologia e que, colocará algumas críticas ao método da psicanálise.

Nas palavras do autor:

Só a fenomenologia — isto é, o levar em conta a partida da imagem numa consciência individual — pode ajudar-nos a restituir a subjetividade das imagens e a medir a amplitude, a força, o sentido da transubjetividade da imagem. Todas essas subjetividades, transubjetividades, não podem ser determinadas definitivamente. A imagem poética é essencialmente variacional. Ela não é, como o conceito, constitutiva. Sem dúvida, isolar a ação mutante da imaginação poética no detalhe das variações das imagens é tarefa dura, posto que monótona. Para um leitor de poemas, o apelo a uma doutrina que traz o nome, frequentemente mal compreendido, de fenomenologia, corre o risco de não ser entendido. No entanto, fora de toda doutrina, esse apelo é claro: pede-se ao leitor de poemas para não tomar uma imagem como objeto, menos ainda como substituto do objeto, mas perceber-lhe a realidade específica. É preciso para isso associar sistematicamente o ato da consciência criadora ao produto mais fugaz da consciência: a imagem poética (BACHELARD, 1978, p.185).

Por enquanto, nos situamos apenas nos aspectos chaves que são introduzidos e acrescentados na filosofia do autor através da psicanálise. como formulação estrutural para a sustentação do argumento de que a própria psicanálise desempenha um papel de canal, de solo comum, e de compartilhamento de conteúdo entre as vertentes diurnas e noturnas do autor.

Com a finalidade de investigar como a psicanálise tornou-se uma abertura para a vertente noturna do autor, iremos introduzir novamente a obra: *O Inconsciente Estético* de Rancière, a qual, torna-se uma parte fundamental do nosso trabalho, tendo em vista que a sua proposta teórico filosófica sobre a psicanálise de Freud, sobretudo, do conceito de inconsciente na obra *Interpretação dos Sonhos* (1900), pode nos ajudar a pensar a participação e o papel da psicanálise como um solo comum dentro dos dois nichos do pensamento de Bachelard, e

²⁶ Uma estética baseada na subjetividade da recepção das imagens poéticas, onde o devaneio é o amplificador e potencializador da experiência do sujeito em contato com as imagens. Vinculado a isso desdobramos, no terceiro capítulo da dissertação, a revolução copernicana efetuada no campo da estética dentro da teoria de Bachelard, na qual ele propõe como papel central da estética a participação subjetiva da imaginação do indivíduo e como ele se deixa afetar na sua relação com imagens.

portanto, pode também nos ajudar a sustentar a psicanálise como um meio aproximativo e, ainda servir como uma ponte entre a epistemologia e a poética, porque, como vimos a psicanálise é utilizada dentro dos dois estudos que Bachelard realiza sobre as esferas da epistemologia e da poética.

Nossa intenção com esta retomada ao livro de Rancière, é de extrair a leitura que ele propõe sobre a psicanálise tradicional. Uma leitura que consiste em retomar as referências feitas por Freud, dentro da elaboração teórica da psicanálise, propondo uma determinada perspectiva sobre os fundamentos teóricos da psicanálise, a fim de demonstrar que nos fundamentos da psicanálise já está contido um embasamento grande de muitas referências literárias, poéticas, mitológicas, artísticas, os que fazem parte do cenário de estudos da estética em geral. E que, portanto, a teoria da psicanálise se encontra mais baseada sob os fundamentos da arte, do que sob o enquadramento do conhecimento objetivo no formato dos fundamentos científicos.

Conforme podemos observar nos próprios argumentos colocados por Rancière a respeito da psicanálise, o argumento principal seria de que a psicanálise se constitui a partir de um espaço já explorado pelas expressões artísticas:

[...] a teoria psicanalítica do inconsciente é formulável porque já existe, fora do terreno propriamente clínico, certa identificação de uma modalidade inconsciente do pensamento, e porque o terreno das obras de arte e da literatura se define como o âmbito de efetivação privilegiada desse "inconsciente". Meu questionamento será direcionado à ancoragem da teoria freudiana nessa configuração já existente do "pensamento inconsciente", nessa ideia da relação do pensamento e do não-pensamento que se formou e desenvolveu de modo predominante no terreno do que se chama estética. Tratar-se-á de pensar os estudos "estéticos" de Freud como marcas de uma inscrição do pensamento analítico da interpretação no horizonte do pensamento estético (Rancière, 2009, p. 13).

A citação acima concentra o ponto chave que utilizaremos para trabalhar sobre a leitura que Rancière extrai da teoria psicanalítica, porque o pensamento que se expressa contido nessa citação, chama atenção não só para a relevância dos princípios teóricos da psicanálise aplicados como método de interpretação sobre as obras de arte, mas pretende exatamente inverter o processo e apontar para o embasamento e sustentação que existe dentro da própria formação e constituição da psicanálise enquanto teoria, aspectos que sustentam a psicanálise que entretanto são constituintes do campo das obras artísticas, e que portanto, são pertencentes e fazem parte do conjunto estético.

Acentuadamente, no destaque dado ao inconsciente, podemos notar que ele aparece considerado como um "terreno" preenchido pelas obras de arte, e que é um terreno pertencente

ao campo da estética. Então, Rancière coloca o argumento de que Freud utilizou e se serviu exatamente desse terreno, como apoio para seguir a tarefa que pretendia, sendo está a de colocar o inconsciente sob a ótica de uma teoria clínica, vinculada a saúde mental e a premissas das ciências naturais tal como a medicina, biologia, química, neurofísica, etc.

Por isso, reconhecemos que muitos dos esforços de Freud se direcionam a colocar a sua psicanálise no estatuto científico, tal qual de uma ciência natural como as que mencionamos, e assim ele afirma: “A intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais específicas, tornando assim esses processos claros e livres de contradição” (Freud, 1996, p. 223).

Sabendo destas afirmações e de sua pretensão de tornar a psicanálise uma ciência, ao nível das ciências naturais, iremos percorrer pouco sobre o debate que se estabelece até os dias de hoje em relação ao pertencimento e enquadramento da teoria psicanalítica dentro de um dos ramos do saber, sobretudo o debate entre a teoria ser ou não ser científica, e se ela se encaixa dentro dos rigores exigidos para ser considerada uma teoria científica.

Por deixar esse debate de lado, gostaríamos de colocar a presente leitura que estamos fazendo sobre a psicanálise, em aproximação ao terceiro tipo de leitura proposta no artigo *O que é filosofia da psicanálise* escrito pelo pesquisador Dr. Luiz Roberto Monzani:

Vislumbro ainda um terceiro tipo de leitura, talvez a mais interessante... Parte-se da ideia de que cada disciplina produz um determinado saber que tem seu contorno e sua especificidade própria. Enfim, desse ponto de vista, abandona-se o ideal unitário de ciência, pelo menos provisoriamente, e seu correlato: o de que só existe um tipo de verdade (Monzani, 2003, p. 15).

Ao retomar essa atividade de suspensão primeira de juízo sobre a cientificidade ou não-cientificidade do corpus teórico da psicanálise, acreditamos trabalhar na investigação de encadeamentos argumentativos e de pressupostos que moveram a psicanálise e que tal qual podemos observar em Rancière, tiveram a possibilidade de seu desenvolvimento embasado sobre o campo estético devido a determinado regime de leituras e interpretações das obras de arte que já trabalhavam com a noção de inconsciente.

Fazemos menção à pretensão freudiana de construir uma neurociência, fazer da psicanálise uma teoria que destina-se a tornar uma ciência tradicional, nos moldes das ciências naturais, sob os métodos quantitativos, para colocarmos em paralelo a interpretação, norteada pela própria filosofia bachelardiana, pela qual podemos analisar a psicanálise sob os dois eixos de influência na filosofia do autor, e com isso ganhamos dois primas para estudá-la, sendo que um deles, já apresentado anteriormente funciona sobre o eixo da epistemologia e então,

gostaríamos de nos colocar a investigar agora, em ligação com as considerações colocadas por Rancière, o eixo que encaixa a teoria psicanalítica sobre o prisma da arte, das manifestações de criatividade, e da teoria estética.

A partir de Rancière é possível perceber que existe um assentamento do alicerce da psicanálise no campo da estética, portanto, a própria psicanálise pode ser vista sob outro ângulo que não propriamente o científico, um ângulo de estudos pertencentes ao âmbito literário, das expressões artísticas, dentro da própria estética, ainda que a pretensão psicanalítica inicial seja de consolidar-se como os estudos científicos sobre a estrutura psíquica do inconsciente.

Então, mais do que sobre a pretensão científica freudiana de colocar a psicanálise no patamar de uma ciência natural, segundo Rancière, às raízes da psicanálise estariam sob uma espécie de dependência de determinado momento do *regime estético da arte* que, teria sustentado e suscitado as investigações que a psicanálise fez no que tange o inconsciente.

Deste modo, o argumento é de que a própria noção de inconsciente, conforme defendida por Freud na teoria psicanalítica, aparece apresentada intrinsecamente num certo vínculo de embasamento com uma noção anterior de “inconsciente”, que era constituída, sobretudo, pelas obras das produções artísticas. O Inconsciente, antes do nascimento da psicanálise, já era entendido enquanto camada psicológica enigmática e misteriosa, repleta de conteúdos simbólicos, oníricos e mitológicos, os quais serviam para os artistas como fonte fértil para suas criações.

Por isso, Rancière afirma que antes do inconsciente freudiano (neurótico, complexado e reprimido), já existia um inconsciente estético, do qual o próprio Freud se serviu para construir sua teoria. Nas palavras do autor: “Minha hipótese é que o pensamento freudiano do inconsciente só é possível com base nesse regime do pensamento da arte e da ideia do pensamento que lhe é imanente” (Rancière, 2009, p. 13).

Buscamos até então, evidenciar o posicionamento que Rancière trás sobre a psicanálise, nos permitindo investigar o vínculo que a coloca assentada sobre as questões da estética.

Agora, daremos um passo adiante, para podermos introduzir, como essa perspectiva de Rancière sobre a psicanálise pode nos ajudar a compreender o movimento que Bachelard traz dentro da sua filosofia, no momento em que desdobra seu interesse para as questões da arte, da literatura, da poética e da imagem, exatamente no que consiste o nascimento da sua vertente noturna.

Mais precisamente, gostaríamos de sugerir, com a proposta de Rancière, que a própria psicanálise, no que consiste a sua incorporação dentro da filosofia bachelardiana, aparece de início na vertente diurna, mas que também pode ser observada como uma porta de interesse

para as investigações a respeito da arte, da imaginação e da estética que Bachelard desenvolve posteriormente, pelo fato dela estar sustentada por esse regime estético da arte.

Citamos por exemplo, o caso de Freud estabelecer em sua teoria, um paralelo muito grande para com o movimento estético-literário alemão do séc. XVIII chamado: *Sturm und Drang*²⁷:

Freud afirma, como vimos, uma aliança objetiva entre o psicanalista e o artista, e mais particularmente entre o psicanalista e o poeta. "Os poetas e romancistas são preciosos aliados", afirma o início de *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* (Rancière, 2009, p. 46-47, grifos do autor).

Movimento do qual, também Bachelard, recebeu grande influência, isto é, não só do romantismo alemão, mas da própria vinculação entre as funções do poeta e do psicanalista: “[...] no exame das imagens poéticas, parecia-nos que éramos automaticamente psicoanalisado [...]” (Bachelard, 2018, p. 3). E também é o movimento que Rancière toma como exemplo para falar desse novo regime estético da arte.

Dessa maneira, se estabelece um entrecruzamento entre os estudos da psicologia e da poesia que se debruçam sobre os processos de imaginação e de criação artística: “A experiência de psicoterapia é colocada lado a lado com a experiência poético-filosófica e com a experiência de leitura de poesia” (Campello, 2021, p. 483).

Por esta aproximação entre a poesia e a psicanálise, podemos notar que existe uma razão para que surja o interesse de Bachelard sobre a poesia e a poética, no exato momento em que seu pensamento estava voltado para a incorporação da psicanálise dentro da sua teoria.

Encontramos nas colocações de Rancière, a sustentação teórica de um caminho que aponta para as proximidades que existem entre a psicanálise, a poética e a filosofia estética exatamente por esse caminho de um grande plano de fundo que ele chama de regime estético da arte.

É só a partir daí que, sob o nome de estética, se opera uma identificação entre o pensamento da arte e o pensamento efetuado pelas obras de arte - e certa noção de "conhecimento confuso": uma ideia nova e paradoxal, já que, ao fazer da arte o território de um pensamento presente fora de si mesmo, idêntico ao não-pensamento, ela reúne os contraditórios (Rancière, 2009, p. 13).

O regime estético da arte defendido por Rancière traz à tona a autonomia das imagens artísticas, e aponta para a queda do regime representativo da arte que vigorava nos estudos sobre estética, pelo menos desde a *Poética* de Aristóteles.

²⁷ “Tempestade e Ímpeto” tradução do nome do movimento.

As coisas da arte não são tomadas como cópias das coisas do mundo real, e nem como menos reais, elas recebem o estatuto dentro do regime estético como coisas que constituem o próprio pensamento sobre o que é arte: O regime estético das artes é aquele que propriamente identifica a arte no singular e desobriga essa arte de toda e qualquer regra específica, de toda hierarquia de temas, gêneros e artes (Rancière, 2005, p. 33- 34, apud Voigt, 2000, p. 98).

O pensamento passa a ser parte definidora do que é arte, e então a relação entre pensamento e arte torna-se muito mais rica e passível de exploração, tendo em vista que a própria estética se refere a esse campo do pensamento no qual se debate as coisas da arte, campo no qual as coisas não ficam totalmente claras, e que se apresenta a noção chamada de “conhecimento confuso”, ainda fazendo menção a parcela do inconsciente, ou, como Rancière gosta de chamar, a parcela do não-pensamento.

Tomando a literatura poética como exemplo dentro do campo da estética, podemos notar proximidade existente entre o próprio regime estético e a psicanálise tradicional. Podemos observar isso desde a métrica grega, da qual Freud retira Édipo do poema trágico de Sófocles, e o transforma em uma metáfora para exemplificar os traumas, complexos e neuroses do sistema psíquico; até a poética do romantismo alemão com as presentes citações sobre o Fausto de Goethe, na canônica obra *Interpretação dos Sonhos*.

Assim como Freud, Bachelard também teve influência do romantismo alemão, tendo como protagonistas as obras de Goethe, Novalis, Schelling, Schlegel, entre outros:

[...] o bachelardismo se instalou num dualismo radical que opõe a epistemologia, inscrito na longa tradição do positivismo francês, e um poético que explora a atmosfera dos sonhos, num estilo próximo dos visionários românticos alemães. Mas sob a superfície desta obra esquizomorfa, que divide por assim dizer o conflito cultural entre França e Alemanha, parecemos entretanto revelar configurações sutis que atam juntos dois modos de demonstração do pensamento, que desde já não seriam mais exclusivos um do outro, mas complementares (WUNENBURGER, 2003, p.16).

A dualidade bachelardiana é percebida pelo pesquisador Dr. Wunenburger²⁸, sendo constituída de uma maneira *esquizomorfa*, e não simétrica, descontínua e não linear, um paralelo de trabalhos em áreas diferentes que não são diametralmente entrepostas, mas que ainda se resguarda uma harmonia, um equilíbrio, ou melhor, uma complementaridade entres seus eixos.

Aqui a esquizomorfia aparece não como uma forma de desvirtuação ou de desconexão entre os eixos de sua produção, tão pouco uma espécie de adoecimento do pensamento por

²⁸ Atual presidente da *Association Internationale Gaston Bachelard*.

separá-los em duas vias, mas sim a afirmação de uma vitalidade do pensamento, da própria necessidade de respeitar seu movimento e dinamismo.

ultrapassar a oposição inaugural entre razão e imaginação. Se ele, certamente, manteve formalmente uma interpretação esquizomorfa das atividades intelectuais, se regrado tanto sobre o antagonismo do fato, cultural e acadêmico, entre ciência e poesia, ele não menos destacou seu direito igual ao desenvolvimento, destacando por aí quanto toda hipertrofia de uma das duas culturas levava a um desequilíbrio quase patogênico do homem (Wunenburger, 2003, p. 21).

Chegamos à interpretação de que o pensamento de Bachelard é esquizomorfo colocada por Wunenburger, sendo que sua esquizomorfia é no fundo a apresentação da ideia de um desdobramento em duas formas pensamento, na abertura para dinamicidade necessária entre as duas formas de pensamento que se constituem num antagonismo e numa complementaridade entre os eixos da ciência e da poesia.

Sem a devida valorização desses dois eixos, pode-se dizer que o pensamento enfrentaria uma espécie de atrofiamento, de empobrecimento por vincular-se e estagnar-se em apenas uma dessas duas possibilidades, a isso Wunenburger nomeia como “um desequilíbrio quase patogênico do homem”, invertendo a perspectiva de que em duas áreas diferentes o pensamento poderia perder sua força produtiva e criativa por ter que dividir em duas a sua potência e atenção, e assegurando um funcionamento mais rico, dinâmico, produtivo, harmônico e equilibrado sob a base desses dois pilares que contemplam as aberturas para o desenvolvimento do pensamento.

Percebido como existe uma dinâmica entre os polos da filosofia bachelardiana, gostaríamos de retornar a afirmação de que Bachelard recebeu forte influência do movimento constituído romantismo alemão. Então, podemos alinhar isso ao fato de que Rancière percebeu a influência do mesmo movimento dentro das teses freudianas da psicanálise: “De fato, a concepção freudiana da arte e da poesia vem da mesma poética e da mesma estética que a dos românticos. Retomo aqui uma tese de J. Rancière, sustentada numa obra intitulada ‘O inconsciente estético’.”(Benmasour, 2005, p. 466).

O que corrobora para nossa interpretação do nascimento da filosofia noturna no pensamento de Bachelard, uma vez que a psicanálise tenha se inserido na filosofia bachelardiana exatamente nesse período das duas obras de 1938, então, por este fator, sugerimos em nossa leitura que a psicanálise pode ser vista como uma janela de abertura para autor em sua busca de estudos e investigações sobre as imagens poética e a imaginação literária. Uma vez que segundo Rancière a psicanálise tenha suas raízes no pensamento lírico e poético

do romantismo alemão, sendo este o mesmo movimento que Bachelard decidiu estudar em sua filosofia noturna.

Podemos perceber essa influência do romantismo na obra de Bachelard, a partir dos processos de imaginação material e literária concentrada sobre o princípio dos quatro elementos, colocados sobre uma poética cósmica, que encontra um sentido entre a existência individual do sujeito ao sentir-se participante do movimento do universo, através da força criativa da imaginação material.

Uma poética fundada sobre o aspecto cósmico da imaginação, enquanto síntese do eu com o ambiente - com o outro deste eu - realiza, segundo parâmetros românticos, a reintegração da humanidade na totalidade, ao intencionar a unificação da individualidade com o mundo. Portanto, em última análise, trata-se do ideal de integração cósmica, de clássica memória pitagórica, revivida no século XVIII pelos poetas românticos, cuja máxima era a busca do infinito, na reunião do céu à terra (Carvalho M., 2021, p. 115).

Com isso, pretendemos nos servir da proposta colocada por Rancière, sobre as bases que ancoram a psicanálise freudiana ao âmbito estético, para voltarmos ao nosso exame das duas partes da dimensão filosófica colocada por Bachelard, e então podermos nos considerar pautados e embasados em apontar e afirmar que a psicanálise participa diretamente deste momento inicial em que o autor inaugura seus estudos sobre os sentidos das imagens poéticas e da capacidade criativa da imaginação.

Mesmo com a interpretação que Rancière extrai da psicanálise sendo posterior ao pensamento de Bachelard, cabe identificarmos as semelhanças de leitura que ambos têm sobre a psicanálise. Bachelard, no mesmo ano em que aplica a psicanálise ao âmbito epistemológico, também se interessa, através da psicanálise, sobre as questões da criatividade artística contida nas imagens poéticas, e introduz a psicanálise dentro da sua filosofia, por estar levando ela enquanto uma ferramenta para também estudar a parcela onírica e o inconsciente como fontes ativas de produção dessas imagens.

Cabe destacar que, não se desenvolve uma adesão direta da psicanálise para com a filosofia noturna de Bachelard, porque a sua análise feita sobre a experiência estética tem uma fundamentação e um interesse muito diferente do que o que foi empregado para a psicanálise de pretensão clínica. Mas, as críticas tecidas por Bachelard ao tratamento das imagens realizado pela psicanálise serão analisadas posteriormente neste trabalho, bem quando será explicitada a diferença entre os métodos da psicanálise e da fenomenologia.

Por enquanto, gostaríamos apenas de ressaltar que a psicanálise serviu para Bachelard como um caminho de transição entre as suas duas vertentes, ou, como uma janela de abertura

de possibilidade para novos interesses. Bem como, um aspecto presente na criação da vertente noturna, e mais, presente dentro dos dois lados da sua filosofia.

De uma parte, a psicanálise como método de busca de identificação dos elementos inconscientes que perturbam a vida psíquica, pode se aplicar - guardando as devidas especificidades - ao conhecimento científico, assim, psicanalisando-o pode-se identificar os entraves ao movimento de mudança e inovação do conhecimento científico; de outra parte, o método psicanalítico representa uma espécie de entrave, desta vez à compreensão da atividade da imaginação criadora, como manifestação originária. Decerto que Bachelard não se refere a duas psicanálises, mas a mesma psicanálise em duas de suas modalidades, duas funções possíveis (CARVALHO F, 2011, p. 90).

Por conseguinte, Bachelard, apresenta duas funções para a psicanálise, de acordo com os dois centros operantes de sua filosofia, o da epistemologia e o da poética, o da ciência e o da imaginação, o do conceito e o da estética, enquanto dois regimes diferentes, mas que, apesar de operarem em momentos separados, coexistem e constituem o fundamento da filosofia do autor sobre o que fundamenta a própria atividade do pensar, do pensamento ativo.

Como foi mencionado anteriormente, a psicanálise aparece reformulada e inserida no âmbito epistemológico para ajudar o espírito científico a progredir mediante os seus obstáculos epistemológicos, esta transformação dos conceitos psicanalíticos e a aplicação deles aos problemas epistemológicos Bachelard denominou de *psicanálise do conhecimento objetivo*.

A outra aparição da aplicação de conceitos da psicanálise que encontramos na filosofia de Bachelard, diz respeito a uma mudança de objeto investigado, e conseqüentemente uma mudança de método de investigação, pois agora não mais interessa a objetividade do conhecimento sobre o objeto e sim a abrangência das percepções subjetivas sobre ele, dado que agora o objeto elegido é a imagem poética, sendo portanto, um objeto estético: “Portanto, haveria lugar, acreditamos, para uma psicanálise indireta e segunda, que buscaria sempre o inconsciente sob o consciente o valor subjetivo sob a evidência objetiva, o devaneio sobre a experiência” (Bachelard, 2012, p. 34).

Com a proposta de leitura introduzida por Rancière, que por sua vez, já identifica na própria estrutura da psicanálise, a sua vinculação com às questões do regime estético, o qual o autor explicita na citação abaixo, colocando o regime estético como o período em que a experiência estética se define pelo estudo que considera a arte enquanto uma categoria contida no pensamento humano:

Este projeto pressupõe evidentemente uma explicação prévia da própria noção de estética. Para mim, estética não designa a ciência ou a disciplina que se ocupa da arte. Estética designa um modo de pensamento que se desenvolve sobre as coisas da arte e que procura dizer em que elas consistem enquanto coisas do pensamento (RANCIÈRE, 2009, p.11).

Sobra espaço para pensarmos que ao reunir o pensamento de Rancière, com os dois eixos da filosofia de Bachelard, sobretudo, no momento em que ele se volta para as questões da imagem, mas que, também é o momento em que se concentram suas considerações sobre a psicanálise. Podemos identificar um lugar, dentro da filosofia bachelardiana, de sustentação e legitimação para encarar o dinamismo entre o fluxo de variação das duas atividades do pensamento, seja no período diurno com a atividade intelectual do conceito, de elaboração e retificação das teorias científicas, ou seja pelo lado noturno, como sonhador das imagens, participando ativamente do processo imaginário, enquanto experiência estética que é potencializada através do devaneio focado sobre as imagens poético-literárias.

Se tratou até esta parte final do subcapítulo, de examinar o próprio momento do nascimento da vertente noturna dentro da filosofia de Bachelard.

No início desta sessão, demos conta de retomar brevemente as considerações sobre as imagens e o devaneio, como dois empecilhos para a atividade diurna das ciências, que pode ser trabalhada, elaborada e refinada por uma constante aplicação daquilo que Bachelard denominou como “psicanálise do conhecimento objetivo”. Depois disso, foi feita uma investigação sobre a presença da psicanálise no que se refere a um outro tipo de considerações as imagens, ao devaneio, sobretudo, a que encontramos na vertente noturna, privilegiando a imaginação do pensamento, o sonho poético, a leitura devaneada.

Nosso objetivo foi identificar a influência que a psicanálise teve no despertar desta vertente noturna bachelardiana. Para isso, foi desenvolvido um canal de leitura em criação de um diálogo entre as filosofias de Jacques Rancière e Gaston Bachelard.

Referência que também foi feita no primeiro capítulo deste trabalho (em relação a parte da vertente diurna), o que serve para dar mais peso ainda a nosso argumento de que a psicanálise foi um canal de transição e de compartilhamento entre as duas vertentes bachelardianas, pois, estando presente inicialmente como ligação de interesse para passagem da vertente noturna, a psicanálise se demonstra presente em ambas as vertentes, e com isso, pode ser tida como uma ponte comunicativa entre os eixos das ciências e da poética, do conceito e das imagens.

Rancière serviu de aporte teórico para pensar os problemas da psicanálise do conhecimento objetivo no início do trabalho, agora ele também serve para garantir a possibilidade de estudos sobre o pertencimento da psicanálise no campo da estético, ou melhor, que a própria psicanálise se formula apenas porque já existem certos conteúdos, dos quais ela se serve, dentro de determinado regime estético da arte no qual ela se localiza.

Então, a psicanálise estando presente na vertente diurna e podendo, através da leitura retirada da filosofia da Rancière, ser pensada como pertencente ao âmbito da estética, também pode ser pensada como uma janela que se abriu para Bachelard, na qual ele pode vislumbrar uma linha de estudos totalmente vinculada aos temas da arte, da estética e das imagens.

Para concluir, é importante destacar como já dentro da obra de inauguração da vertente noturna *A Psicanálise do Fogo*, Bachelard, também se aproximou daquilo que conhecemos hoje como mitanálise, desenvolvido na psicologia analítica de Carl Gustav Jung (1875-1961), também conhecido como a psicologia profunda. Porém, será dado um enfoque maior para a relação de Bachelard com a mitologia no capítulo seguinte.

Mas, antes de trabalharmos sobre algumas passagens de Bachelard sobre suas considerações a respeito da mitologia. Gostaríamos de, na conclusão do atual subcapítulo, apontar algumas considerações importantes que demarcaram o fato de Bachelard, passar a se aproximar das considerações feitas por Jung a respeito da noção de arquétipo e inconsciente coletivo.

Mas o que a psicanálise não sistematizou ainda completamente - embora os trabalhos de C. G. Jung tenham lançado sobre esse ponto uma intensa luz - foi o estudo das explicações científicas, das explicações objetivas que pretendem fundar as descobertas dos homens pré-históricos. Neste capítulo iremos reunir e completar as observações de C. G. Jung [...] (Bachelard, 2012, p. 33).

Com esta menção direta que explicita uma pretensão de complementar o trabalho de Jung, logo na sua primeira obra do eixo poético, Bachelard, mesmo colocando o termo “psicanálise” no título, com referência direta a psicanálise freudiana, dá início e abertura dentro da sua filosofia, para outras vertentes de estudos psicológicos que se distinguem e diferenciam das noções apresentadas pela psicanálise clássica, tal como também a ritmanálise de Pinheiro dos Santos também citada por ele:

Se aceitássemos os princípios psicológicos da Ritmanálise de Pinheiro dos Santos, que nos aconselha a atribuir *realidade temporal* somente ao que vibra, compreenderemos imediatamente o valor de dinamismo vital, de psiquismo coeso que intervém num trabalho assim ritmado (Bachelard, 2012, p. 44).

Vale destacar também a citação de encerramento da obra *A Psicanálise do Fogo* na qual Bachelard, diferentemente do início da sua obra, passa a se embasar não mais na psicanálise de Freud, mas nas teorias de Jung, sobretudo no que se direciona a sua investigação dentro da função psicológica de criatividade, no que tange a obra, sobre uma reflexão a despeito do conhecimento construído sobre o elemento fogo, sendo que esse conhecimento sobre ele

colocado como um “problema psicológico”: “Problema que nos parece tão diretamente psicológico, que não hesitamos em falar de uma psicanálise do fogo” (Bachelard, 2012, p. 2).

Ao final da obra, na última página, Bachelard parece se demonstrar menos interessado em decifrar os obstáculos do inconsciente que se acumularam culturalmente ao longo da história da humanidade sobre o conhecimento do elemento fogo, e mais interessado em compreender o processo de imaginação diante das imagens poéticas e dos complexos vinculados ao fogo, a ponto de se direcionar exclusivamente seu interesse sobre o devaneio e o psiquismo criativo:

Como provar melhor que o fogo é a ocasião, no sentido bastante preciso de C. G. Jung, ‘de um complexo arcaico fecundo’ e que uma psicanálise especial deve destruir nele as dolorosas ambiguidades, para favorecer as dialéticas alertas que dão ao devaneio sua verdadeira liberdade e sua verdadeira função de psiquismo criador (Bachelard, 2012, p. 164).

Este é um ponto chave em sua filosofia, pois essa utilização dos estudos psicológicos na vertente noturna, se difere da utilização que o autor fez da psicanálise em sua parcela diurna, pois, houve uma aproximação direta entre sua epistemologia diurna e a psicanálise freudiana, entre a atividade de superação dos obstáculos dentro da ciência e o papel da psicanálise do conhecimento objetivo.

Agora, Bachelard começa a trabalhar sobre outras perspectivas teóricas de análises psicológicas, utilizando e baseando-se em outras influências que irão ajudar a compor o seu pensamento sobre o processo da imaginação. Como também é o caso já citado da amizade que Bachelard desenvolveu ao longo de sua vida com o psicanalista francês Robert Desoille, o fundador do método de análise do sonho acordado, ou, também chamado de sonho acordado dirigido.

Podemos então, nas considerações feitas por Bachelard, a respeito da mitologia e sua relação com os complexos e o imaginário, enxergar uma proximidade maior para com a teoria de Jung, do que para com a teoria de Freud.

Vale também lembrar que Bachelard, enquanto diretor do Instituto de História das Ciências da Sorbonne, no ano de 1945, ao término da segunda grande guerra, convidou psicanalistas que foram afastados de suas funções por conta da invasão nazista:

Otto Rank , Ferenczi, Jonas, assim como a leitura dos escritos de Jung e Baudouin, Marie Bonaparte e Allendy, estes últimos introdutores da psicanálise na França. Proibidos pelos nazistas de atuar na França durante a Guerra, os psicanalistas foram recebidos, a partir de 1945, pelo filósofo, no Instituto de História das Ciências da Sorbonne, que então dirigia. Assim, o pensador teve contato estreito com representantes da psicanálise, como Lacan, Pontalis e Favez-Boutonier (Cesar, 2011, p. 103).

Bachelard, acaba por inaugurar considerações novas para os estudos da imaginação que não eram entregues nem defendidos pelas psicanálises

São muito pertinentes dois comentários presentes na obra: *Entre o Conceito e a Imagem*, da pesquisadora Ana Gaspar, em relação tanto ao ano das obras que marcam a inauguração do pensamento noturno, quanto sobre a presença da psicanálise nesse momento único dentro de sua filosofia em 1938.

O primeiro em direção a presença da psicanálise nesse momento de transição de eixos que o autor realiza: “Aqui, a psicanálise adquire um novo e peculiar estatuto: ela não só está ao serviço da epistemologia como também oferece uma tímida (primeira) aproximação à poética” (Gaspar, 2010, p. 27).

Destacamos que a psicanálise recebe uma dupla atenção durante o ano de 1938, dupla porque é interpretada sob dois aparelhos teóricos diferentes. O primeiro que, tem enfoque epistemológico que a coloca sobre a ótica do conhecimento objetivo. E, o segundo, sobre o viés de uma estética poética, da imaginação e da subjetividade do acolhimento de imagens literárias.

O segundo comentário da Ana Gaspar, vai em direção a essa relação que existe entre a psicanálise e ambas as vertentes bachelardianas: “Bachelard é um filósofo da Rêverie, seja na epistemologia - onde a rêverie será combatida, seja na poética - onde a rêverie será acolhida. Isto interessa à psicanálise” (GASPAR, 2010, p.21).

Em seguida, veremos como a filosofia noturna de Bachelard, passa a se relacionar e beber de outras fontes psicológicas além da própria psicanálise, principalmente como a noção de complexo poético em Bachelard se distancia da noção de complexo apresentada por Freud. E também, veremos como as metáforas, bem como o devaneio, são lidos por duas óticas diferentes, uma que as coloca como fonte de desvirtuação do pensamento objetivo e outra que, ao contrário, acolhe e incentiva o movimento das imagens como algo fundamental para o psiquismo.

2.3 Bachelard e os Complexos da Imaginação Poética: mitologia e imagem poética.

O mito parece permitir, assim, a validação de qualquer filosofia (Bachelard, 1991, p. 9).

Como foi dito anteriormente, Bachelard, não mantém uma relação muito reprodutiva em relação a alguns conceitos que se apropria da psicanálise. Pretendemos aqui investigar a

introdução da noção de complexo poético feita pelo autor, ideia de que acreditamos ter sido revolucionária na sua filosofia do período noturno, e também decisiva para o distanciamento que sua filosofia, ao menos a desse período de investigação sobre as imagens, toma em relação à psicanálise tradicional.

Em outras palavras, de início vai se marcando algumas diferenças pontuais, mas que são muito significativas entre o método de análise das imagens proposto pela psicanálise tradicional que, se destoa para com o interesse que Bachelard teve, em estudar as imagens poéticas.

Cabe destacar que não é uma relação tão próxima assim dos conceitos freudianos, como foi na psicanálise do conhecimento objetivo. A psicanálise se destina a uma análise das imagens literárias diferente da imagem que Bachelard irá propor, começando pelo elemento fogo, o autor realizará um percurso de estudo sobre os quatro elementos da matéria, o que por conseguinte, irá configurar um pensamento formado sobre uma cosmologia dos quatro elementos, enquanto fontes da imaginação ativa.

Este fator, entre outros, como a noção que analisaremos de complexo, fazem com que o pensamento de Bachelard não esteja mais tão próximo da análise que a psicanálise tradicional aplica sobre os conteúdos oníricos. Mostraremos como Bachelard, já na *Psicanálise do Fogo*, passa a trazer um novo sentido para a ideia de complexo, conjuntamente com auxílio da própria mitologia, das metáforas mitológicas que são projetoras de imagens poéticas.

É elaborado um novo significado para a noção de complexo, visto que, na obra citada, Bachelard elege um capítulo para o que chama de complexo, referindo-se às figuras da mitologia grega de Empédocles, e de Prometeu, também aos escritores Novalis e Hoffmann, ambos poetas pioneiros dentro do movimento romântico da Alemanha.

Comentando sobre o complexo de Prometeu, Bachelard adverte sobre as diferenças de abordagens teóricas que existem dentro da sua teoria das imagens poéticas e a utilização do termo dentro da psicanálise tradicional: “Convém, aliás, não confundir apressadamente esse *complexo de Prometeu* com o complexo de Édipo da psicanálise clássica.” (Bachelard, 2012, p. 18, grifos do autor).

A imagem de complexo que Bachelard está estudando, se difere da concepção e está muito distante da psicanálise tradicional, pois, ela não é mais vinculada à noção de neurose, ou mecanismo de defesa. Complexo para Bachelard, está mais próximo da função do imaginário, isso quer dizer que, o complexo se vincula a uma discussão sobre as relações entre imagens mitológicas e poéticas.

Quando se reconhece um complexo psicológico, parece que se compreende melhor, mais sinteticamente, certas obras poéticas. De fato, uma obra poética só pode receber realmente sua unidade de um complexo. Se o complexo falta, a obra, privada de suas raízes, não se comunica mais com o inconsciente (Bachelard, 2012, p. 29).

É na busca pelo sentido poético que Bachelard está usando o termo complexo, para denotar a conjunção de imagens aglomeradas em correlações, e que, fazem parte de um drama poético. Assim, a noção de complexo que vai aparecer dentro do pensamento noturno do autor, é vinculada a um regime estético da imagem literária, e é a poética que dá voz a essa construção.

A imagem é trabalhada com base nas palavras, nas palavras poéticas, tendo em vista que, no período noturno, Bachelard propõe uma filosofia da arte pautada na reunião e na coletânea de imagens literárias vinculadas a cada um dos quatro elementos, e assim designou uma obra para cada um dos elementos fazendo referências e relações entre a autores e obras diferentes.

Reanimar uma linguagem criando novas imagens, esta é a função da literatura e da poesia [...] se examinamos uma imagem literária com uma consciência de linguagem, recebemos dela um dinamismo psíquico novo. Portanto, acreditamos ter a possibilidade, no simples exame das imagens literárias, de descobrir uma ação eminente da imaginação (Bachelard, 2008, p. 5).

O estudo literário, forma uma base da crítica estética, na filosofia de Bachelard, na qual a imagem, enquanto centro de discussão, vai se desenvolvendo sobre os pólos leitor e autor, e passa assim por um caminho também transubjetivo, estabelece uma conexão de imagens temáticas que são articuladas entre os poetas e os leitores de poemas.

Entendendo esse privilégio da literatura, colocado pelo autor: “Em última análise, o verdadeiro campo para o estudo da imaginação não é a pintura, mas a obra literária, a palavra, a frase” (Bachelard, 2008, p. 194). Fica nítido que a compreensão do que se refere a noção de complexo, uma vez inserida no período noturno, e portanto, nessa crítica estética, só poderia se referir ao complexo de imagens literárias.

Para complementar a noção poética que, Bachelard, apresenta na obra noturna de 1938: *A Psicanálise do Fogo*. No que tange o uso do termo complexo, o autor faz uso para designar os quatro exemplos vinculados ao elemento fogo, que já mencionamos (Prometeu, Empédocles, Novalis e Hoffmann). Ainda no final da obra surge uma nova noção vinculada aos complexos poéticos, sendo denominada de “diagrama poético”.

Diagrama é exatamente uma representação visual que vincula as características presentes em determinado tema e as ligações existentes entre os elementos desse tema. Servindo como uma espécie de mapa mental, o diagrama, no caso, o diagrama poético, pode apresentar as ligações existentes entre os sentidos poéticos presentes em determinada obra,

como eles se vinculam e se relacionam dentro daquela obra, e dessa maneira, o diagrama poético é um meio de rastrear e identificar a existência de uma força criativa que se manifesta através daquele sentido poético dentro daquela obra.

Nas palavras do autor, o diagrama poético pode não só nos mostrar a força criativa da imaginação dentro do poema, ao decompô-lo por suas ligações tematicamente poéticas, como também faz um convite e apresenta um caminho para o rumo do sonho de determinado leitor: “Mas um *diagrama poético* não é simplesmente um desenho: deve encontrar o meio de integrar as hesitações, as ambiguidades que, somente elas, podem nos libertar do realismo, nos fazer sonhar [...]” (Bachelard, 2012, p. 160). Mais à frente ainda na mesma obra, Bachelard reafirma a capacidade de decomposição das imagens poéticas pelo método do diagrama poético: “O diagrama poético deve, portanto, suscitar uma decomposição das forças (Bachelard, 2012, p. 160).”

A decomposição poética que é feita na análise do diagrama, está totalmente vinculada à relação que as imagens produzem dentro de metáforas, por isso, precisamos entender qual é o papel que as metáforas desenvolvem dentro das imagens poéticas. Exatamente aquelas que estavam sendo eliminadas pela psicanálise do conhecimento objetivo:

[...] não se pode confinar com tanta facilidade as metáforas no reino da expressão. Por mais que se faça, as metáforas seduzem a razão. São imagens particulares e distantes que, insensivelmente, tornam-se esquemas gerais. Uma psicanálise do conhecimento objetivo deve pois tentar diluir, senão apagar, essas imagens ingênuas [...] (Bachelard, 2005, p.97).

É significativo notarmos, como o tema das metáforas está presente na obra diurna de 1938, isto é, dentro da *Formação do Espírito Científico*, ao passo que também a própria obra noturna, *A Psicanálise do Fogo*, surge como uma continuação desta primeira obra, conforme Bachelard coloca: “É uma ilustração das teses gerais defendidas num livro recente sobre a formação do espírito científico *La Formation de L’Esprit Scientifique*” (Bachelard, 2012, p. 15).

Já abordamos, dentro desse capítulo da dissertação (1º subcapítulo), o tema da relação específica que existe respectivamente entre as obras do ano de 1938, mas ainda torna-se curiosa a percepção de que também o tema das metáforas e do devaneio, são dois temas que estão presentes nas duas obras desse ano, e recebendo tratamentos muito distintos, visto que na obra diurna encontra-se uma forte crítica ao uso das imagens e das metáforas.

Agora, nos direcionamos às considerações que existem sobre as funções das metáforas dentro do âmbito poético e noturno da filosofia de Bachelard, e se existia um enfrentamento na busca de eliminar essa função das metáforas no terreno da ciência, agora acontece que as

metáforas passam a ser investigadas no âmbito da imaginação e das imagens poéticas, ao passo que elas se proliferam e se duplicam dentro do devaneio na região de metáforas de metáforas.

Isto significa que o leitor de poemas, o sujeito da experiência estética de contato com a imagem poética, pode atingir o grau de metáfora de metáforas, visto que a imagem poética já é uma metáfora, o leitor pode conquistar uma região nova na multiplicação de metáforas a partir da imagem.

Mesmo sendo combatida no âmbito epistemológico, podemos notar como ainda é significativo o papel que as metáforas desempenham sobre o psiquismo humano, e como ela tem uma relação direta para com as imagens:

Quando o espírito aceita o caráter substancial de um fenômeno particular, perde qualquer escrúpulo para aceitar as metáforas. Insere na experiência particular, que pode ser exata, uma imensidão de imagens tiradas dos mais diversos fenômenos (Bachelard, 2005, p. 139).

A relação do sujeito com as metáforas, só pode ser investigada no âmbito subjetivo e particular, tendo em vista que se trata de um fenômeno da imaginação. No caso das metáforas poéticas, ou, das imagens literárias, o que acontece é que o próprio poeta já apresenta dentro do seu poema uma metáfora, isto quer dizer que, a região do poema é a região da primeira metáfora.

Quando o leitor acessa a metáfora apresentada pelo poeta, através do exercício da imaginação ativa, ele tem a possibilidade de duplicar a metáfora, de ascender a região de metáforas de metáforas. Este exercício de imaginação ativa, está vinculado ao devaneio, pois é ele quem garante uma conexão entre o estado psíquico de atenção e de repouso, para que se possa imaginar e sonhar as metáforas simultaneamente, imaginar de maneira ativa e ainda relacionar esse processo imaginário com conteúdos oníricos pertencente as imagens.

Ora, se a imagem só se torna psiquicamente ativa pelas metáforas que a *decompõem*, se ela só cria psiquismo realmente novo nas transformações mais arrebatadas, na região de metáfora de metáfora, compreender-se-á a enorme produção poética das imagens do fogo (Bachelard, 2012, p. 162).

Portanto, o leitor ativo, pelo devaneio poético, pode alcançar essa região das chamadas metáforas de metáforas, pois partindo da primeira metáfora apresentada pelo poeta, durante a sua leitura, ele pode então, no exercício imaginativo alcançar e desdobrar essas metáforas dentro da sua própria subjetividade.

Acontece que nessa psicanálise noturna, trata-se de: “psicanalisar as imagens familiares para aceder às metáforas e, sobretudo, às metáforas de metáforas” (Bachelard, 2012, p. 161). E se, como já citamos, na obra *A Poética do Devaneio*, Bachelard diz que somos automaticamente psicanalisados no processo de investigação e análise das imagens poéticas,

então, para o leitor chega à região de metáforas de metáforas ele deverá estar fazendo uma psicanálise das imagens poéticas, e não uma psicanálise do conhecimento objetivo.

Como em Bachelard, a psicanálise das imagens poéticas está intrinsecamente voltada ao processo de devaneio, é por ele que notamos a possibilidade de atingir essa região da dupla metáfora: “quando o devaneio transforma formas previamente transformadas, que se deve buscar o segredo das energias mutantes. É preciso, pois, encontrar o meio de se instalar no lugar onde o impulso original se divide” (Bachelard, 2012, p. 161). Se as formas que o poeta propõe em seus poemas já estão previamente transformadas, dentro do devaneio poético ocorre um novo nível de transformação, pois ele se baseia nas formas que já foram modificadas para realizar novas alterações. Isto é o que o autor chama de região de metáforas de metáfora.

Deste modo conseguimos compreender a afirmação que o autor coloca sobre a imaginação na obra *O Ar e os Sonhos*:

Pretende-se sempre que a imaginação seja a faculdade de *formar* imagens. Ora, ela é antes a faculdade de *deformar* as imagens fornecidas pela percepção, de *mudar* as imagens. Se não há mudança de imagens, união inesperada das imagens, não há imaginação, não há *ação imaginante* (BACHELARD, 2001, p.1).

Em outras palavras, podemos dizer que se não aparece o novo, se não aparece a novidade dentro do processo imaginativo, não existe uma imaginação ativa, esta seria uma imaginação pobre, meramente reprodutiva de imagens.

É preciso a participação subjetiva para que a imaginação seja aberta e criativa, para procurar as diferenças e singularidades existentes na leitura de imagens poéticas, e é por isso que Bachelard procurava estudar os eixos subjetivos das imagens, as ordenações subjetivas de sucessões de imagens e o encadeamento singular das relações de sentido imaginário entre elas. Por isso, diz Bachelard dentro das funções psicológicas que se desenvolvem sobre a imagem e a própria relação das imagens literária-poéticas para com as metáforas:

[...] uma física ou de uma química do devaneio [...] deveria mostrar que as metáforas não são simples idealizações que partem, como rojões, para explodir no céu espalhando sua insignificância, mas que, ao contrário, as metáforas se convocam e se coordenam mais que as sensações, ao ponto de um espírito poético ser pura e simplesmente uma sintaxe das metáforas (Bachelard, 2012, p. 159).

Para concluir nossas considerações a respeito do papel das metáforas no pensamento de Bachelard, procuramos indicar como a metáfora se relaciona com a noção apresentada anteriormente denominada de: *diagrama poético*. Para relacionar a ideia de diagrama poético a noção de metáfora, utilizaremos de uma citação complementar à anterior que fizemos:

Cada poeta seria, então, suscetível de um *diagrama* que indicaria o sentido e a simetria de suas coordenações metafóricas, exatamente como o diagrama de uma flor estabelece o sentido e as simetrias de sua ação floral. Não há *flor real* sem essa conformidade geométrica. Do mesmo modo, não há floração poética sem uma certa síntese de imagens poéticas (Idem, Ibid).

Percebemos com isso que, tratando de uma estética vinculada à crítica literária e poética, Bachelard exerce uma leitura baseada nas forças criativas voltadas à imaginação que originaram aquela poesia, ou, aquele poema. Isso quer dizer que, interpretando por certo lado, seria possível fazer, ainda que em formato de um esboço, um esquadramento sobre quais foram as fontes poéticas originárias de determinados poemas.

É dentro dessa possibilidade da dimensão imaginária que o conceito de diagrama poético torna-se legítimo, no âmbito da leitura literária e da imaginação poética, pois como vimos anteriormente, a região de metáfora de metáforas que o leitor é capaz de alcançar, só é alcançável porque o poeta já realizou o trabalho de transpor a forma, de pegar a forma (realidade) e transformá-la em poesia, em poema. Enquanto, o leitor de poemas tem a possibilidade de acessar essa mudança feita pelo poeta, esta forma já transformada e então, dar-lhe uma espécie de terceira forma. Assim como foi já citado em *O Ar e os Sonhos*, pretende-se que a imaginação seja a faculdade de formar imagens, mas ela no fundo é a garantia da possibilidade de deformar imagens, de transformá-las, de mudá-las e acrescentar-lhes novos sentidos, sugerir novos caminhos através da ação imaginativa.

Passando para a análise que pretendemos realizar sobre a importância que Bachelard dedicou à mitologia na sua filosofia noturna, primeiramente, nota-se que a mitologia é apresentada somente durante a vertente noturna do pensamento de Bachelard, sendo que ela não necessariamente aparece na vertente diurna, a não ser sob alguma figura alquimista.

Não faremos uma passagem sobre cada uma das imagens míticas das quais o autor se serviu para exemplificar alguns complexos, imagens que o ajudaram a dar uma fundamentação na divisão das características pertencentes a cada um dos quatro elementos, presentes no seu arco sobre a imaginação material e sobre uma poética cosmológica.

Optamos por não realizar essa recapitulação individual de cada uma das figuras que Bachelard usou para construir suas noções de complexos, porque, já foi feito pela pesquisadora Luzia Batista de Oliveira Silva, em seu trabalho: *Os Complexos Imaginários na obra de Bachelard* (2012), uma atividade de identificação e uma síntese de todos os complexos que aparecem na filosofia de Bachelard, somando um total de sessenta e cinco complexos diferentes.

Gostaríamos de colocar nossas considerações sobre a leitura que Bachelard fez da mitologia, concentradas em um referencial teórico muito específico, pois acreditamos que neste texto particular elas são apresentadas de maneira mais direta, detalhada e clara. Trata-se do prefácio que o autor escreveu para a obra *O Simbolismo na Mitologia Grega* de seu amigo Paul Diel, publicada pela primeira vez em 1952.

Neste prefácio, dentre outras coisas, Bachelard deixa muito frisada a diferença que ele estipula entre o trabalho da psicanálise para com o seu próprio estudo em direção à relação existente entre os mitos e os complexos:

Por outro lado, muitos dos psicólogos clássicos alarmaram-se ao perceber que um vocabulário dos "complexos" pudesse encontrar-se saturado por um vocabulário dos mitos. Que tipo de esclarecimento, afinal, o psicanalista obtém ao nomear os complexos de Édipo, Clitemnestra, Orestes, Diana? Artificiais e gerais, não seriam tais recursos suscetíveis de provocar o engano acerca do infinito detalhe, da irreduzível individualidade do paciente? (Bachelard, 1991, p. 11).

O que nos interessa, é notar como o autor valoriza, sobretudo, a subjetividade no processo imaginário, assim como na imagem poética um novo sentido pode surgir conforme o encadeamento que o leitor sugerir para as imagens, também na leitura dos mitos e nos complexos, não devemos nos apressar em tomar uma interpretação generalizada retirada somente pelos aspectos comuns que encontramos na linguagem deles. Devemos elevar nossa concentração no reconhecimento de uma “irreduzível individualidade”, isto é, numa subjetividade das relações de interpretação das imagens, sejam elas contidas nos mitos, ou, nos complexos.

O que Bachelard quer dizer, é que quando se trata da relação do sujeito com as imagens mitológicas, ou com os chamados complexos exemplificados por essas imagens, se eles forem abordados somente dentro do quadro de uma experiência comum, de uma experiência geral que todos podem acessar, que seria compartilhada, muitas possibilidades de estudos se fecham, pois se enquadra todo tipo de relação entre a imagem e imaginação pelas suas características comuns, o que levaria facilmente ao descarte da análise de aspectos particulares, de variação e de novidade que podem ser acrescidos pela imaginação em sua relação com as imagens mitológicas, e outros tipos de complexos imaginários.

Neste tema, encontramos um certo distanciamento das interpretações psicanalíticas, tanto no enquadramento edipiano da psicanálise clássica, quanto também, na psicologia analítica de Jung, visto que até a noção de arquétipo seria abordada de uma nova forma.

Enquanto Jung, para definir o conceito de arquétipo estudava os aspectos psicológicos comuns que poderiam ser encontrados em todas as pessoas, e em todas as gerações, isto é, em

toda história da humanidade. Bachelard não quer atingir esse subsolo comum de todo psiquismo, que para Jung seria o inconsciente coletivo, do qual os arquétipos seriam pertencentes, ele quer na verdade:

Esta exigência, para uma imagem poética, de ser uma origem psíquica teria, contudo, uma dureza excessiva se não pudéssemos encontrar uma virtude de originalidade nas variações mesmas que atuam sobre os arquétipos mais fortemente arraigados. Já que queríamos aprofundar, como fenomenólogo, a psicologia do maravilhamento, a menor variação de uma imagem maravilhosa deveria servir-nos para sutilar nossas investigações. A sutileza de uma novidade reanima origens, renova e redobra a alegria de maravilhar-se (BACHELARD, 2018, p.3)

É pela imaginação poética, que Bachelard procura sutilar e encontrar as variações subjetivas dentro das imagens mitológicas e das imagens dos complexos. Portanto, cabe estudar as novidades que através da imaginação surgem e que podem surgir nos aspectos psíquicos trazendo o novo até mesmo para dentro dos efeitos causados pelos próprios arquétipos, isto é, até dentro deles pode-se investigar uma originalidade.

Como mencionamos anteriormente, no prefácio da obra já citada, Bachelard, lança mão de duas frases muito significativas sobre o estudo que realizou a respeito das funções dos mitos:

O domínio dos mitos presta-se às mais variadas perspectivas. De fato, os espíritos mais diversos, as doutrinas mais divergentes apresentaram interpretações que, cada qual a seu tempo, alcançaram uma determinada validade. *O mito parece permitir, assim, a validação de qualquer filosofia* [...] Mito é, portanto, uma linha de vida, uma imagem do devir, e não uma fábula fossilizada (Bachelard, 1991, p. 9-13, grifos nossos).

Encarando a relevância dada aos mitos dentro de diversos campos de estudos e pesquisas, observamos como eles podem ser profícuos em diferentes aspectos. No entanto, como Bachelard está interessado em estudar os efeitos criativos e originários da capacidade de imaginação dos seres humanos, logo o debate assume o espaço de discussão sobre as imagens poéticas que compõem os diferentes mitos, além de como eles podem representar de maneira dramática uma realidade humana:

De fato, em sua simplicidade aparente, o mito enlaça e solidariza forças psíquicas múltiplas. Todo mito é um drama humano condensado. É por essa razão que todo mito pode, tão facilmente, servir de símbolo para uma situação dramática atual (Bachelard, 1991, p. 10).

Assim o mito assume uma função participativa nos estudos sobre os dramas psicológicos do ser humano, e Bachelard está de acordo com essa investigação pautada nos mitos. Não se trata de apenas poder apresentar, ou, desvendar, os aspectos psicológicos que estão presentes dentro dos mitos, mas sim de estudar como tanto o mito, como a sua relação

subjetiva com os aspectos psicológicos que estão presentes nele, se relacionam com o processo imaginativo particular de cada pessoa.

Vale lembrar de uma vertente dos estudos psicológicos, também já citada, a mitanálise, bem como a mitocrítica da qual foi muito embasada sobre algumas leituras de Jung, mas que foi proposta dentro da filosofia de um dos leitores mais renomados da obra de Bachelard, chamado Gilbert Durand (1921-2012).

A mitocrítica é uma técnica de investigação que parte das obras literárias, artísticas, dos relatos, histórias de vida, documentos e narrativas de modo geral para depreender os mitos diretores dessas produções. Já a mitanálise busca delimitar os mitos diretores dos momentos históricos e dos grupos sociais. De modo sintético, a mitocrítica estuda o mito de uma obra enquanto a mitanálise se dedica ao mito de uma sociedade recortada no tempo e no espaço (Araujo & Alberto, 2018 p. 21).

Com essa diferença apresentada, na teoria de Durand, a mitocrítica, mais vinculada e atenta às obras literárias em que os mitos estão contidos, detém-se nessa narrativa da história do mito e a relação que esse drama tem, enquanto produção de arte, para com a própria vida dos seres humanos. Já a mitanálise, detém-se mais sobre um recorte histórico e cultural, para que então, possa estudar as ações específicas que determinado mito produz em uma dada sociedade contextualizada num período de tempo.

São estes dois aspectos da teoria durandiana, isto é, a mitocrítica e a mitanálise, as quais o artigo citado acima apresenta como sendo os “fundamentos metodológicos do imaginário”.

Para concluir o presente subcapítulo e, conseqüente, o segundo capítulo desta dissertação, gostaríamos de demonstrar a influência dos períodos diurnos e noturnos, enquanto presença da filosofia de Bachelard, no tocante aos estudos sobre o imaginário realizados por Durand, sobretudo, dentro da parte dedicada a Bachelard na obra intitulada *A Imaginação Simbólica*.

Destacamos o fato de Durand enxergar como o eixo central da filosofia de Bachelard, exatamente a dinâmica de tensão e de funcionamento entre os dois setores do conhecimento humano, sendo estas duas formas diferentes de interpretar os símbolos:

[...] o sector que se presta à ciência objectiva e donde qualquer símbolo deve se proscrito impiedosamente sob pena de eclipse do objecto, o Sector do sonho, da neurose, no qual o símbolo se desfaz, se reduz - como bem vira Freud - a uma miserável sintomática. Em qualquer destes sectores, qualquer símbolo deve ser considerado suspeito, encurralado e desalojado por uma «psicanálise objectiva» que restitui a limpidez e a precisão do símbolo, ou por uma psicanálise clássica, subjectiva, que desperte a psique das brumas do delírio e a reponha de pé no domínio da consciência humana (Durand, 1988, p. 61).

Segundo Durand, são os dois setores de conhecimento, tanto o da ciência enquanto produção de conhecimento objetivo, quanto o setor da poética, produtora de sonhos despertados pela consciência humana que, juntos formam o conjunto de possibilidades de atribuições de sentido e significado para os símbolos, que sustentam as interpretações para a realidade. E que, além disso, também formam o cenário de debate que está por trás de toda a filosofia bachelardiana.

A novidade acrescida por Durand, é de ter encontrado, ou, interpretado a filosofia de Bachelard, encarando a união dos dois setores (ciência e poética) um caminho para identificar um terceiro setor, no qual os dois eixos do pensamento e do sonho, da razão e da imaginação se encontrassem ativos simultaneamente, trabalhando cooperativamente.

Mas existe um terceiro sector, este plenario porque específico da humanidade que existe em nós: o sector da palavra humana, isto é, da linguagem que nasce, que brota do génio da espécie, simultaneamente língua e pensamento. E é na linguagem poética que encontramos esta encruzilhada humana entre uma revelação objectiva e o enraizamento desta revelação mais obscura do indivíduo biológico (Durand, 1988, p. 61).

É sobre essa singularidade humana da linguagem, do uso das palavras em relação ao pensamento, que se estabelece essa conexão mais profunda entre os dois eixos do conhecimento e das relações humanas com os símbolos. Mas, é precisamente no campo da linguagem poética que se cruzam os setores da razão e da imaginação. Trataremos da linguagem poética e das relações que Bachelard estabelece entre as imagens poéticas e o tratamento dado ao sonho acordado - devaneio -, ou, como ele denomina “um sonhador de palavras”.

Para concluir aqui nossas reflexões deste capítulo e dar abertura ao próximo, deixaremos algumas considerações de Bachelard, localizadas na obra *A Poética do Devaneio*, onde ele menciona duas atividades diferentes de linguagem, enquanto duas atividades diferentes do psiquismo humano:

Acreditamos poder mostrar também que as palavras não têm exatamente o mesmo "peso" psíquico segundo pertençam à linguagem do devaneio ou à linguagem da vida clara — à linguagem repousada ou à linguagem vigiada — , à linguagem da poesia natural ou à linguagem martelada pelas prosódias autoritárias (Bachelard, 2018, p. 54).

É importante percebermos que não só a filosofia do nosso autor é proposta sobre esses dois nichos do conhecimento humano, conhecimento científico e conhecimento estético, o objetivo e o individual, a racionalidade e a imaginação, o pensamento e o sonho, isto é, a filosofia de Bachelard não está pautada e centralizada sobre esta discussão à toa, ele acreditava que o próprio psiquismo humano era constituído dessa ambiguidade, dessa dupla possibilidade de ampliação de conhecimento e de ampliação de consciência.

Até agora viemos estudando a fase inicial sobre a teoria da imaginação de Bachelard, apenas a inauguração da sua vertente noturna, cabe agora estudarmos a sua fenomenologia da imaginação madura, de obras que foram publicadas após seus arcos literários sobre o imaginário dos quatro elementos, isto é, nas obras que concentram sua perspectiva fenomenológica, como *A Poética do Espaço* (1957) e *A Poética do Devaneio* (1960).

Para conseguirmos atingir as reflexões do capítulo seguinte sobre a teoria da imaginação e das imagens poéticas em Bachelard, precisamos entender que é necessário duas formas de linguagem psicológica diferentes para as duas estruturas de conhecimento humano: “dois vocabulários deveriam ser realizados para estudar, um o saber, o outro a poesia” (Bachelard, 2018, p. 15).

Um conceito importantíssimo que aparece não só na relação estabelecida entre a filosofia de Bachelard e as diversas psicanálises que ele estudou e teve contato, é o conceito de consciência, que está muito vinculado a essa questão das linguagens de conhecimentos diferentes, portanto, Bachelard exemplifica tecendo um comentário sobre uma consciência de racionalidade e uma consciência imaginante

Ela se constitui tanto mais fortemente quanto mais bem coordenadas são as obras a que se entrega. Em particular, a "consciência de racionalidade" tem uma virtude de permanência que levanta um difícil problema para o fenomenólogo: trata-se, para ele, de dizer como a consciência se encadeia numa cadeia de verdades. Ao contrário, abrindo-se sobre uma imagem isolada, a consciência imaginante tem — pelo menos à primeira vista — responsabilidades menores. A consciência imaginante, considerada face às imagens separadas, poderia então fornecer temas para uma pedagogia elementar das doutrinas fenomenológicas (BACHELARD, 2018, p.2).

Nesta citação, encontramos a clara menção a dois tipos de empenho que a consciência humana pode se dirigir, podendo percorrer o caminho da racionalidade, ou, o da imaginação. A consciência enquanto conceito se estende sobre estes dois polos de atividade que se alternam entre a produção de conceito e de imaginação.

3 Fenomenologia do Devaneio

[...] para propor uma espécie de contrapiscanálise que deveria destruir o consciente em benefício de um *onirismo constituído*, única maneira de restituir ao devaneio sua continuidade repousante [...] O psiquismo deve encontrar equilíbrio entre o imaginado e o conhecido. Esse equilíbrio não se satisfaz com vãs substituições em que, subitamente, as forças imaginantes se vêem associadas a esquemas arbitrários. A imaginação é uma força primeira (Bachelard, 2001, p. 180).

Neste último capítulo da presente dissertação, assim como nos outros, foi realizada uma tarefa em formato de desdobramento de três subcapítulos, elegendo três temas principais que tivessem pontos que se articulam.

Neste caso, almejamos estudar sobretudo a vertente noturna do autor, o que por conseguinte, nos garante a possibilidade de ligações entres os pontos de cada subcapítulo, tendo por base uma espécie de continuidade temática desta vertente, e que, em nosso ponto de vista, configura um certo amadurecimento dos seus postulados sobre estética que o autor faz na direção das imagens poéticas, da própria imaginação e do devaneio.

Levando em conta que, anteriormente priorizamos nossa atenção no tratamento da respectiva “fase de inauguração da vertente noturna”, do pontapé inicial que provocou essas reflexões. Agora, por outro lado, queremos observar esta vertente em sua maturidade, em seu desenvolvimento pleno, por isso, pretendemos investigar como ocorreu o amadurecimento de alguns argumentos que já estavam presentes e que foram apresentados desde o início das suas colocações.

No primeiro ponto, que configura o primeiro subcapítulo, procuramos averiguar como, a partir do pensamento noturno de Bachelard, existe uma autonomia da imaginação em relação ao funcionamento psíquico dos seres humanos, isto é, como a imaginação tem uma função primordial dentro do psiquismo humano, e como ela se comporta de maneira aberta, ampliadora, e que se expande ainda mais no campo da leitura literária e dos sonhos acordados.

Pretende-se demarcar como Bachelard, marca um verdadeiro movimento dentro da filosofia ocidental ao acrescentar a questão da imaginação como questão fundamental tanto para o conhecimento, quanto para o equilíbrio do funcionamento psíquico que trabalha sobre a imagem e o conceito, pelas duas atividades psíquicas dos seres humanos, a atividade racional e a atividade imaginativa. Deixando, abreviadamente uma crítica à filosofia tradicional do ocidente, que a muito se sustentou pela presença de um pensamento racional, objetivo,

conceitual e elaborado, que por conseguinte, veio deixando de lado a faculdade da imaginação como se ela mesma fosse faculdade secundária em relação ao raciocínio lógico.

Na segunda parte, acreditamos tocar em um tema que, por si só, seria capaz de se proliferar em múltiplas pesquisas acadêmicas, pois o tema permite um aprofundamento muito grande e que possivelmente tenha sido pouco explorado até então. Trata-se da grande distinção estipulada por Bachelard, entre os estudos dos sonhos e os estudos sobre o devaneio.

Serão abordadas as diferenças que existem entre os chamados “sonhos da noite” e os devaneios, também chamados de “sonhos acordados”. Ponto da sua filosofia onde foi efetuada uma verdadeira sutileza dos rigores em que o autor desejava manter para estudar as singularidades de sentidos e significados que poderiam surgir de uma imagem poética.

Posteriormente, em outras oportunidade trabalharemos com mais concentração sobre este tema, mas, por agora, nosso objetivo foi passar pelo processo de substituição de método que acontece dentro da sua filosofia, sobretudo na parte estética e nos estudos sobre as imagens poéticas, em que Bachelard, troca os fundamentos metodológicos de sua pesquisa porque acreditou encontrar uma maior riqueza de detalhes sobre a imagem utilizando os fundamentos metodológicos da fenomenologia, do que nos fundamentos metodológicos da própria psicologia e da psicanálise que vinha utilizando anteriormente.

O terceiro tópico temático que encerra este capítulo é sobre um conceito antropológico específico, a noção de uma humanidade baseada nas 24 horas, sendo elas 12h para o desempenho psicológico pautado no dia, dentro das características do pensamento racional e a (re)construção dos conceitos, bem como 12h para a atividade psicológica da noite, com os estudos sobre a imaginação e seu vínculo singular para com as imagens poéticas da literatura. Portanto, o conceito antropológico da existência em 24h, exemplifica a metáfora das atividades do dia e da noite.

Apesar de ser uma noção específica que aparece somente em pequenos recortes que podem ser retirados de algumas citações do autor em diferentes obras, ainda sim, acreditamos que, pela representação simbólica deste conceito em relação a filosofia do autor e seu modo de compreender a subjetividade humana, o conceito do homem das vinte e quatro horas, se torna um ponto chave para a plena compreensão do funcionamento da natureza psicológica humana, que distribui suas forças criativas para duas faculdades de conhecimento diferentes, sendo estas as que viemos apresentando e discutindo ao longo de toda a dissertação, a diurna-epistemológica e noturna-poética.

3.1 Teoria Fenomenológica da Autonomia da Imaginação

Em compensação, porém, não serei eu quem, falando do meu amor fiel pelas imagens, as estudará com um grande reforço de conceitos. A crítica intelectualista da poesia jamais conduzirá ao lugar onde se formam as imagens poéticas. Guardemo-nos de controlar a imagem como um magnetizador controla a sonâmbula (Bachelard, 2018, p. 52).

Neste capítulo será desdobrada uma investigação sobre o movimento de estudo realizado por Bachelard, o qual originalmente apresentou toda uma importância filosófica para os estudos sobre o imaginário, a imagem poética e a imaginação. Movimento este que foi revolucionário dentro do campo filosófico, não só da própria filosofia do autor, mas também de todo o cenário da tradição filosófica.

Não pretendemos apontar para um suposto pioneirismo bachelardiano em eleger o tema da imaginação literária e das imagens poéticas, pois sabemos que antes dele já haviam outros escritores que inseriram este debate e estas questões em seus escritos, como Friedrich Schiller com *A Educação Estética do Homem*, ou Nietzsche com sua escrita aforística em estilo poético para expressar aquilo que acreditava não ser possível numa expressão meramente conceitual, ou até mesmo as considerações feitas por Sartre em suas obras literárias e também em suas obras filosóficas e psicológicas voltadas a um estudo a respeito da imaginação.

Queremos nos concentrar nessa transição e de alteração que ocorre em um momento específico da contemporaneidade, principalmente dentro do quadro filosófico, em rompimento com certa tradição que se vinha sendo sustentada pela via da racionalidade, de um conhecimento alcançado através da razão com um constante estado de vigília e atenção sobre o objeto em paralelo a uma análise minuciosa da observação dos fenômenos. Isto é, uma tradição filosófica, ou melhor, da filosofia do conhecimento que estava baseada em uma perspectiva racionalista de que o conhecimento intelectual do pensamento é mais preciso e confiável do que o conhecimento vindo das intuições, afetos e sentidos através do sensível.

É exatamente em rompimento a essa tradição que Bachelard encaminha seus estudos sobre as imagens, o imaginário e a imaginação, ou seja, valorizando a imaginação a ponto de colocá-la como um das primeiras funções fundamentais da vida humana, chegando ao mesmo ponto de valorização que a racionalidade: “a imaginação ganha o status de mediação entre a sensibilidade e a razão, entre o sensível e o inteligível – mas torna-se, por isso mesmo,

dependente dos dois; mas, não se reduzindo nem a um nem a outro, ela se torna de certa forma imprecisa” (Nascimento, 2009, p. 633).

Para isso, aprofundaremos nossa pesquisa no momento em que Bachelard é “conduzido” pelo hipnotismo inerente às características pictóricas das imagens. Ou seja, em outras palavras, o momento no qual, dentro da sua filosofia, Bachelard se permite investigar a imaginação, os processos imaginários e então, conseqüentemente elaborar um juízo estético para o papel das imagens. E mais ainda, como a atividade da imaginação torna-se um segundo pilar para toda a sua construção filosófica, tão importante quanto a razão e quiçá ainda mais fundamental. Poderemos ao longo deste subcapítulo observar como Bachelard acaba colocando a imaginação como uma atividade psicológica tão fundamental na constituição humana quanto a atividade racional.

Dentro da perspectiva de leitura que pretendemos sustentar, esse movimento de valorização da faculdade imaginativa dos seres humanos, marca uma inovação não só em sua própria teoria, mas traz novidades até mesmo para a tradição filosófica. Dado que, até então (ao menos na vertente ocidental) era defendida uma hierarquia na ordem de produção de conhecimento entre a faculdade da razão, por ser mais reflexiva, conceitual e objetiva e menos variável fugaz e mutável do que a faculdade da imaginação.

Com isso, gerou-se dentro da tradição filosófica do ocidente, uma perspectiva de que a razão seria mais importante filosoficamente e se sobrepunha fundamentalmente a faculdade da imaginação, justamente pela imaginação ter a sua parcela subjetiva de interpretação da realidade, e ter como ferramentas as características da fantasia, do lúdico, do simbólico, da criatividade e tantas outras, que lhe permitem pensar na geração de mudanças, alterações e de acréscimos de sentidos e significados subjetivos para serem aplicados nos campos psicológicos das memórias, das percepções e das vivências: “Não mais relacionada à mera percepção, a imaginação inspira, em Bachelard, uma estética concreta, orientada para um mundo de imagens, elementos e formas, guiada por uma metamorfose criadora” (Nascimento, 2009, p. 634).

Por tais motivos, interpretamos a mudança de interesse que aconteceu dentro da filosofia de Bachelard, sobretudo, quando ele parte dos estudos sobre os conceitos e passa para o estudo das imagens, como uma grande protagonista uma grande apresentadora do que podemos considerar uma mudança fenomenológica em seus estudos, uma espécie de mudança de 180°, de um giro que inverteu os papéis no que tange a posição estabelecida entre a relação fenomenológica de sujeito para com o objeto.

Ocorre que, na parte epistemológica, o conhecimento só progride quando o objeto do conhecimento são as coisas externas, físicas e materiais, e elas devem ser observadas e analisadas somente dentro da relação de fatos, acontecimentos e experimentos. Portanto, o pensamento adequado a se seguir é o racional, e que isole totalmente as possibilidades de interpretação interna e subjetiva sobre o fenômeno.

Mas, quando o objeto do conhecimento torna-se às imagens, o que é tomado como parâmetro do conhecimento não é mais um objeto externo, pelo contrário, torna-se um objeto interno do próprio sujeito, porque esse objeto depende e varia de acordo com a faculdade de imaginação e com potência imaginária subjetiva de cada um. Neste campo, o que passa a interessar é a própria relação subjetiva para com as imagens, como o sujeito se relaciona com elas de maneira interna através da imaginação e do devaneio: “Assim, estabelecendo um hiato entre a imagem e o objeto, Bachelard se opõe às estéticas realistas segundo as quais a identidade da imagem se subordina a condição de semelhança com o objeto representado” (Romero, 1998, p.338, trad. nossa).²⁹

De tal modo que, percebemos então que existe um giro fenomenológico se comparamos esses dois interesses do autor, pois existe um lado que tem de considerar somente o conhecimento objetivo em detrimento das impressões, e imaginações subjetivas. E outro, que se concentra somente na camada particular dessa relação entre as imagens e o sujeito, que passa a interessar, muito mais as relações de produção imaginária do sujeito do que da própria imagem congelada ou estagnada em uma forma representativa.

Com isso, podemos avançar para uma revolução estética que acontece dentro da fenomenologia da imaginação em Bachelard, e ele a chama de: “revolução copernicana da imaginação”.

Podemos então formular uma revolução copernicana da imaginação, restringindo-nos cuidadosamente ao problema psicológico das qualidades imaginadas: ao invés de buscar a qualidade no todo do objeto, como o signo profundo da substância, será preciso buscá-la na adesão total do sujeito que se envolve a fundo naquilo que imagina (Bachelard, 2003, p. 62-63).

Essa revolução é dupla, primeiro porque o autor está confrontando o paradigma ocidental da tradição filosófica de priorizar os estudos racionais predominantemente sobre os estudos imaginários. Segundo, porque ele também apresenta uma revolução fenomenológica que tira o objeto da realidade como ponto principal para o conhecimento, e agora coloca as

²⁹ Así, estableciendo el hiato entre imagen y objeto, Bachelard se opone a las estéticas realistas según las cuales la identidad de la imagen se subordina a la condición de semejanza con ele objeto representado” (ROMERO, 1998, p.338)

impressões do sujeito da experiência estética como o centro para investigação do fenômeno experienciado.

É com essa revolução copernicana que Bachelard reivindica para sua análise das imagens poéticas uma estética da recepção, uma estética baseada não somente no objeto artístico (no caso as imagens), mas se concentra no sujeito impactado por essa obra-imagem e no que flui dele. Para Bachelard, interessa mais compreender como o sujeito se entrelaça imaginariamente com a imagem, pois ele não tem mais o foco tradicional das elaborações estéticas de um estudo descritivo sobre a beleza da obra de arte - imagem, exatamente porque ele não quer estudar uma imagem isolada, fixada, condensada, mas sim o dinamismo constituinte da pluralidade de imagens, como elas podem se relacionar de maneira distintas entre si a depender da potência imaginativa do sujeito, ou melhor, como uma mesma imagem literária pode levar a compreensões diferentes conforme a imaginação de cada um, e é com essa subjetividade imaginária que Bachelard deseja trabalhar, aceitando a imagem como um portal de significados para a atividade imaginante do sujeito, e por isso, a sua teoria estética é denominada de estética da recepção pelo pesquisador Luis Puelles Romero em seu artigo *La Fenomenología de la Imagen Poética de Gaston Bachelard* (1998).

Vale ressaltar que no pensamento noturno de Bachelard existem dois arcos significativos de produção, um deles já foi mencionado anteriormente, sendo este o que faz menção aos quatro elementos da matéria como princípios de fomentação criativa para o imaginário e para a leitura das imagens literárias - poéticas e que constitui a própria enciclopédia cosmológica das imagens poéticas, sendo um arco produtivo de mais ou menos 10 anos, composto desde o ano de 1938 até o ano de 1948.

Entretanto existe um outro arco posterior, que podemos chamar de arco poético pelo próprio título das obras, ou então, arco fenomenológico, pois é quando nosso autor decide fazer uso do método fenomenológico dentro da sua elaboração estética das imagens poéticas. Esse segundo arco é marcado pelas obras *A Poética do Espaço* (1957) e *A Poética do Devaneio* (1960).

Podemos dividir o tema da imaginação em Bachelard em dois momentos caracterizados pelo emprego de métodos diferentes no estudo da imagem. No primeiro momento, o autor desenvolve uma interpretação dos elementos - fogo, água, ar e terra - com a finalidade de ser o mais objetivo possível, isto é, mostrar que uma interpretação, por mais subjetiva ou arbitrária que pareça, pode ser objetiva [...] O reconhecimento da necessidade de um novo método o levará a um segundo momento, que ele denomina de 'fenomenologia da imaginação' (Barbosa & Bulcão, 2004, p. 41-42).

Para sublinhar o interesse do autor em inserir a fenomenologia nos seus estudos sobre as imagens, deixamos essa citação inicial: “Para esclarecer filosoficamente o problema da imagem poética é preciso voltar a uma fenomenologia da imaginação. Esta seria um estudo do fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência” (BACHELARD, 1978, p.184).

Damos este destaque ao tratamento filosófico que Bachelard faz para com as imagens poéticas a partir do método fenomenológico e não mais do psicanalítico, justamente para voltarmos ao ponto que estávamos trabalhando tendo como referência a revolução copernicana no âmbito da estética em Bachelard, e como este mesmo exemplo tem um efeito muito parecido dentro da fenomenologia de Kant, o qual apesar de Bachelard não mencionar explicitamente, não nos parece que seria desconhecido por ele. Então, para melhor situar uma revolução copernicana na estética de Bachelard, que aconteceu em conjunto com todo esse novo embasamento metodológico da fenomenologia, não poderíamos deixar de mencionar também a marca que Kant deixou dentro da sua fenomenologia, na qual ele também utilizou como exemplo a revolução copernicana, sobretudo, destacamos a sua denominada “Estética Transcendental”³⁰, enquanto uma analogia para exemplificar seu posicionamento fenomenológico.

Torna-se interessante essa retomada aos escritos de Kant uma vez que Bachelard também se utiliza e recorre a esta mesma analogia enquanto uma metáfora que ilustra a mudança fenomenológica de perspectiva do sujeito em sua relação de contato para com os objetos. A grande diferença marcante é que Bachelard utiliza desta analogia para colocar e propor a questão da presença das imagens poéticas dentro da consciência do sujeito, portanto, sendo uma revolução copernicana no âmbito do imaginário, dentro do âmbito das imagens, sobretudo, poéticas.

Contudo, de um lado podemos encontrar Kant inserindo suas considerações fenomenológicas sobre o status da teoria do conhecimento, em relação à impossibilidade da cognição humana de conhecer o objeto “em-si”, ou seja, o *nômeno*, restando somente a possibilidade de conhecimento de acordo com as suas disposições naturais do seu intelecto, isto é, de elaborar conhecimento somente mediante a relação de percepção do objeto, mas que é determinada pelas estruturas inteligíveis do sujeito, restando a possibilidade apenas de um conhecimento sobre os conteúdos de sua percepção do objeto enquanto *fenômeno*. Essa grande questão para a teoria do conhecimento em Kant, foi o que ditou a sua chamada revolução

³⁰ Título de um dos capítulos da obra *Crítica da Razão Pura* que dá início a primeira parte da sua teoria elementar transcendental.

copernicana: “Encontramo-nos, de um modo espontâneo, voltados para as coisas. A viragem copernicana obriga-nos a orientar no sentido oposto e a voltarmo-nos para o sujeito, procurando neste as faculdades que tornam possível o conhecimento” (Kant, 2001, p. 12).

Se com Kant é efetuado uma volta ao sujeito para compreender os limites das estruturas de nosso conhecimento humano. Na teoria de Bachelard, existe essa mesma volta ao sujeito, entretanto, ela é efetuada no âmbito da estética, na qual o autor retira o objeto artístico do seu grande pedestal e coloca como centro de interesses as impressões dos sujeitos sobre ele.

Neste movimento, Bachelard, não só valoriza a subjetividade dentro do âmbito das imagens, como também ressalta o próprio valor imaginativo dos seres humanos, por estipular uma certa vinculação participativa ao evento de uma experiência estética, sobretudo, dentro das leituras de imagens poéticas, na qual o leitor (sujeito contemplativo) não é mero espectador, mas participante ativo em um movimento imaginário que atribuirá sentido para a experiência estética de contato com as imagens poético-literárias.

Então, por essa revolução copernicana efetuada dentro da estética bachelardiana encontramos uma mudança de estatuto ontológico dentro da fenomenologia das imagens proposta pelo autor, pois não existe uma condição ontológica inacessível das coisas, assim como disse Kant sobre a natureza dos objetos existentes no mundo. Mas, segundo Bachelard, existe uma condição ontológica específica das imagens poéticas:

Quando, no decorrer das nossas observações, tivermos que mencionar a relação de uma imagem poética nova com um arquétipo adormecido no inconsciente, será necessário compreendermos que essa relação não é propriamente causal. A imagem poética não está submetida a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso: pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses ecos vão repercutir e cessar. Por sua novidade, por sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio. Ela advém de uma ontologia direta. É com essa ontologia que desejamos trabalhar (Bachelard, 1978, p. 183).

As imagens têm portanto um dinamismo próprio, tem uma originalidade em suas aparições e mais ainda, tem uma origem desvinculada de memórias, arquétipos, representações e qualquer outro tipo de vinculação que a colocasse num papel mimético. Bachelard compreendendo uma ontologia direta das imagens poéticas, diz que surge o efeito de originalidade imaginária toda vez que a consciência apreende uma imagem nova.

Retornando ao artigo já citado de L. P. Romero, encontramos a definição ontológica do aparecimento das imagens poéticas para consciência humana, como uma autogênese das imagens, tal qual Bachelard já havia descrito: “A imaginação escapa às determinações da

psicologia - a psicanálise incluída - e constitui um reino autóctone, autógeno” (Bachelard, 2012, p. 161).

No sentido de sua origem (originalidade), e de estar totalmente ligada ao momento de sua existência, as imagens são autogeradoras de seu sentido e de si mesmas, estabelecendo aquilo que o autor chama de autonomia das imagens, uma vez que a imagem se desprende de sua conceitualização de mera representação da realidade, ou da memória do passado, e se vincula a atualidade de seu instante, e apesar de seu valor simbólico ela passa a ser encarada apenas como representante dela própria e de seu sentido próprio.

Com isso, podemos perceber uma confluência temática entre a fenomenologia kantiana, que propõe sua teoria do conhecimento, não sobre os objetos neles mesmo, mas sim da aparição que nós (seres humanos dentro de nossas limitações cognitivas) podemos capturar desses objetos. Em contraponto com a fenomenologia da imagem de Bachelard, que instaura a importância e relevância estética não só sobre os objetos artísticos, nem sobre as imagens isoladas em uma análise crítica de arte, mas sim na relação imaginária de recepção subjetiva das imagens e das configurações possíveis para seus significados poéticos.

Assim, pensando em níveis estéticos, o que se torna mais relevante não é o próprio objeto estético, nem a imagem pura, mas sim como o sujeito se coloca para dentro dessa experiência estética, a posição imaginária e participativa que o sujeito se coloca nesse processo.

Desde a antiguidade com Platão, passando pela idade média com a roupagem cristã, até a modernidade com Descartes, a tradição filosófica toma a imaginação como uma faculdade de valor menor se comparada com a razão.

Isso acontece, porque em todos os momentos a imagem é tomada como representação de algo, sempre é entendida como ilustração de algo, de algum objeto, existente no mundo, ou no mundo das ideias. A imagem foi sempre colocada sob um papel figurativo, metafórico, analógico, alegórico e tantas outras formas representacionais que possam atribuir a ela. A questão é que ela nunca recebia sua autonomia.

Com relação a doutrina dos quatro elementos da matéria, ou também denominada imaginação material, podemos afirmar que esse período de produtividade na obra do autor, marca o nascimento de uma nova perspectiva sobre a teoria da imaginação, a qual se estabelece por uma crítica feita em direção a noção de imaginação dentro da tradição filosófica ocidental.

Demasiadas vezes a imaginação foi considerada como um poder secundário, uma oportunidade de desregulamentação, um meio de fuga. Nós ainda não

sabemos com suficiente clareza que ela é: a principal função dinâmica do psiquismo humano (Bachelard, 2005b, p. 94, trad. nossa).³¹

Nas considerações de Bachelard sobre a imaginação, ele a distingue em duas categorias diferentes, uma imaginação formal, e a imaginação dinâmica e material.

A imaginação formal vinculada à contemplação externa dos objetos, das formas, da observação da superfície dos corpos, a qual, segundo M. Bulcão (2021) e J. Pessanha (1994), passa por uma crítica que Bachelard faz ao “vício da ocularidade”, que coloca o sujeito na condição de mero espectador dos fenômenos, excluindo a possibilidade de uma participação patente e de uma intervenção nas suas experiências, tal como se o mundo fosse um espetáculo que deve ser assistido da plateia e não vivido devidamente em sua intensidade.

Ou seja, a imaginação formal, que nutre a formalização, resulta de uma operação desnaturalizadora, que intencionalmente ‘sutiliza’ a matéria ao torná-la apenas objeto de visão, ao vê-la apenas enquanto figuração, formas e feixes de relações entre formas e grandezas, como uma fantasmática incorpórea, clarificada mas intangível. E é, na verdade, resultado da postura do homem como mero espectador do mundo, do mundo-teatro, do mundo-espetáculo, do mundo panorama, exposto à contemplação ociosa e passiva (Pessanha, 1994, p. 18).

Por isso a imaginação formal se destina ao exercício de abstração, uma leitura da realidade que suspende a própria existência da subjetividade do espectador ao passo que interpreta a existência do objeto enquanto uma mera silhueta de delimitação de forma.

Mas existe também a imaginação dinâmica e material vinculada aos elementos da matéria (fogo, água, ar e terra) que formam as obras nas quais Bachelard destaca a atividade dinâmica da participação imaginativa diante das imagens poéticas. Mostrando que existe através da imaginação um sentido poético para a interioridade da matéria, do espaço e dos objetos: “[...] uma vontade de penetração, uma vontade de materializar o imaginário” (Bulcão, 2021, p. 231).

Através de um onirismo, Bachelard nos permite sonhar a matéria numa viagem para dentro dela, nas quais encontramos fontes de movimentos baseados nas forças criativas de cada elemento, possibilitando a imaginação da matéria na obra sobre a água e a imaginação do movimento na obra sobre o ar, e respectivamente a imaginação das forças e a imaginação da intimidade nas obras sobre a terra. “Tínhamos aí a oportunidade de mostrar os valores dinâmicos de um ofício completo do ponto de vista da imaginação material, porquanto utiliza

³¹ Trop souvent l'imagination était considérée comme une puissance secondaire, une occasion de dérèglement, un moyen d'évasion. On n'en sait pas assez nettement ce qu'elle est: la fonction dynamique majeure du psychisme humain (BACHELARD, 2005b, p.94).

os quatro elementos — um ofício heróico que dá ao homem os poderes de um demiurgo” (Bachelard, 2008, p. 9).

Por meio dos quatro elementos da matéria, Bachelard utiliza-se de imagens concentradas em poemas, imagens literárias construídas pelos poetas, para enfatizar sua tese da imaginação material como fonte criativa e de criatividade. É exatamente esse poder de demiurgo que ele reivindica para o âmbito da imaginação, é a transformação e a modulação da matéria através da força do imaginário que Bachelard pretende promover em sua vontade de materialização da potência imaginativa.

Na obra *A Água e os Sonhos*, Bachelard apresenta estas duas categorias da imaginação, a formal e a material:

Expressando-nos filosoficamente desde já, poderíamos distinguir duas imaginações: uma imaginação que dá vida à causa formal e uma imaginação que dá vida à causa material; ou mais brevemente, a imaginação formal e a imaginação material. Estes últimos conceitos, expressos de forma abreviada, parecem-nos efetivamente indispensáveis a um estudo filosófico completo da criação poética... Mas, além das imagens da forma, tantas vezes lembradas pelos psicólogos da imaginação, há — conforme mostraremos — imagens da matéria, imagens diretas da matéria. A vista lhes dá nome, mas a mão as conhece. Uma alegria dinâmica as maneja, as modela, as torna mais leves. Essas imagens da matéria, nós as sonhamos substancialmente, intimamente, afastando as formas, as formas percíveis, as vãs imagens, o devir das superfícies (Bachelard, 1998, p. 1).

Então, a imaginação material se distingue da imaginação formal exatamente pelo seu papel ativo no próprio processo imaginativo, a materialização do imaginário que Bachelard realiza o possibilita pensar o próprio controle ativo e participativo do jogo de criação com a matéria, esse é o jogo do sonho material por meio de um onirismo ativo que é o próprio devaneio. Com isso, a imaginação torna-se oposta ao representacionismo e a contemplação passiva e passa a ser uma atividade desenvolvida pela subjetividade criativa, ou, deformativa das imagens, na medida em que lhe são acrescentadas novas configurações de sentido.

A importância desse destaque de uma imaginação sonhada, mas ativa, onírica mas consciente é estritamente vinculada ao tema do devaneio, o qual trataremos em nosso próximo subcapítulo, mas cabe aqui destacar como Bachelard coloca suas considerações a respeito da imaginação material, já em seu arco sobre os elementos da matéria, de maneira diametralmente paralela a interpretação dos sonhos na psicanálise clássica, sobretudo em como seus estudos sobre imaginação material lhe permitem formular uma interpretação material dos sonhos de acordo com a potencialidade imaginativa e temática de cada um dos elementos:

[...] uma verdade onírica profunda, estaremos prontos a interpretar os sonhos materialmente. Ao lado da psicanálise dos sonhos, então, deverá figurar uma psicofísica e uma psicoquímica dos sonhos. Essa psicanálise bastante

materialista se juntará aos velhos preceitos que queriam fossem as doenças elementares curadas pelas medicinas elementares. O elemento material é determinante para a doença como para a cura. Sofremos pelos sonhos e curamo-nos pelos sonhos. Na cosmologia do sonho, os elementos materiais permanecem como os elementos fundamentais (Bachelard, 1998, p. 5).

Alinhando uma psicanálise dos sonhos a imaginação material, Bachelard desenvolveu uma leitura para as imagens oníricas vinculado aos elementos materiais, e passa a pensar em uma cura psicológica, tal qual a da psicanálise tradicional, só que pela faculdade imaginativa dentro da identificação das forças atuantes de cada elemento nas imagens oníricas, onde pelo sonho acordado - devaneio - o sujeito pode transformar essas forças atuantes, controlar seu dinamismo imaginativo e participar da criação de suas próprias imagens.

Este método encontra grande receptividade para com a já citada terapia do sonho acordado, desenvolvida por Robert Desoille, a qual Bachelard dedica todo um capítulo na obra *O Ar e os Sonhos*, o qual não entraremos em pormenores, levando em conta que tratamos aqui, apenas de expor as distinções feitas entre a imaginação material e formal, a fim de demonstrar como Bachelard acentua a autonomia do imaginário.

Por isso, acaba por privilegiar a atividade psicológica da imaginação, ou a faculdade psíquica do imaginário, como a função primordial do psiquismo humano, uma vez que a função mais fundamental do sistema psicológico seja a constante concentração sobre imagens: “[...] a Imaginação é a força mesma da produção psíquica. Psiquicamente, somos criados por nosso devaneio [...]” (Bachelard, 2012, p. 161).

Reforça a ideia de que as imagens sejam a camada mais fundamental do psiquismo humano na obra *A Terra e os Devaneios da Vontade* (1948), onde escreveu: “o psiquismo humano formula-se primitivamente em imagens.” (Bachelard, 2008, p. 4).

Assim, é através do mito, do símbolo, da fantasia, da literatura literária e principalmente do poema, que ele construiu todo um sistema de investigação e estudos sobre a imagem e o imaginário, em busca de compreender a faculdade psicológica da imaginação.

Suas considerações e análises o levam a defender a importância e a relevância que as imagens (poéticas) acrescentam para a faculdade de imaginação dentro do processo imaginativo. Assim, trata-se de um estudo sobre as imagens vinculado ao seu valor subjetivo, vinculado ao seu valor poético, não só o valor que o poeta, ou o artista atribui ao objeto estético, mas também ao valor que o sujeito receptor, ao entrar em contato com a novidade desta imagem, lhe atribui no seu processo de imaginação ativa sobre a obra.

Portanto, o que interessa ao autor em seu segundo período do regime noturno se concentra no potencial de criação da imaginação em contato com as imagens poéticas, o que

consequentemente acaba se formando sob de questões do pensamento estético da obra de arte, mas que não é o de fazer uma análise detalhada dos objetos artísticos, ou uma crítica das obras de artes, mas sim elaborar uma teoria filosófica da imaginação dentro da estética, onde pudesse privilegiar o momento da recepção da imagem poética.

Cabe ressaltar que o trabalho do autor sobre as imagens é mais intensivamente direcionado às reflexões sobre a literatura poética. Contudo, sob o termo imagem poética, ele designa mais coisas do que somente as imagens promovidas pela literatura dos poemas, ele designa todo um sistema psicológico promovido pelas imagens. Ao mesmo tempo em que se concentra sobre a especificidade das imagens poéticas e os efeitos que se promovem no nível psicológico da imaginação do sujeito. Com isto, a arte, para Bachelard, pode ser entendida enquanto dinâmica existente de produção de sentidos através de imagens poéticas.

Em suas observações, o autor não se restringe somente ao âmbito literário, no fundo, qualquer objeto artístico pode ser entendido como um produtor de imagem poética, pelo seu fluxo inerente de potência criativa. O que interessa ao autor, é o processo fenomenológico de imaginação, sobretudo, a imaginação ativa, despertada pela consciência dentro do sujeito por meio do contato com as imagens.

[...] - convém esclarecer que, por ele ter revolucionado a leitura de todos os campos da estética - ao transferir, copernicanamente, o foco do evento estético da obra para a interioridade de seu fruidor [...] portanto, nosso trabalho se refere ao evento da nova crítica bachelardiana, nem só estética, nem só literária..., mas sim a junção das duas áreas da criação (Carvalho, 2021, p. 67).

Criando uma nova ordem para o pensamento estético, um novo regime crítico para obra de arte, a partir de seu estatuto poético, valorizando a riqueza e a profundidade das imagens psicológicas sugeridas pela obra, e as investiga a partir da dinâmica constituinte estabelecida pela sua expressão artística.

É no caminho da fenomenologia da imaginação que Bachelard consegue reunir uma filosofia estética a uma crítica literária, juntamente com uma influência dos temas psicológicos sobre os efeitos que as imagens poéticas podem causar no psiquismo humana

Para esclarecer filosoficamente o problema da imagem poética é preciso voltar a uma fenomenologia da imaginação. Esta seria um estudo do fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade (BACHELARD, 1978, p.184).

É com a fundação desta fenomenologia da imaginação que devemos aceitar o debate estético proposto por Bachelard, sobretudo o debate estético de imagens poéticas e a sua relação fundamental com a faculdade de imaginação. Pois, ao efetuar a revolução copernicana do

âmbito da estética, trocando do ponto de vista central o objeto artístico pelo sujeito receptor da imagem, o autor acaba por criar uma fenomenologia da recepção da imagem poética, a qual depende não só de uma mera atividade contemplativa do sujeito, mas de sua participação completa e ativa diante dos processos psicológicos de imaginação.

[...] Abre-se então o jogo infinito das imagens. Parece que o leitor é chamado a continuar as imagens do escritor; ele sente-se em estado de imaginação aberta, recebe do escrito a permissão plena de imaginar. Eis a imagem em sua maior abertura [...] (Bachelard, 2003, p. 71).

A partir da citação acima, fica muito claro como é necessário que o leitor, enquanto receptor da imagem poética, este sujeito que passa pela experiência estética das imagens, deve não só recebê-las, mas trabalhar sobre elas, dedicar-lhes a sua atenção imaginativa para fazer parte da sua atividade imaginária.

Reconhecemos aqui que é no contato com a psicanálise que o autor inicia sua vertente noturna, e começa a se debruçar sobre as questões estéticas de uma fenomenologia imaginária. Entretanto, já dentro deste primeiro contato, reconhece que o método da psicanálise não será suficiente para elaborar a análise que pretende sobre as imagens poéticas.

Em Bachelard, vemos a imaginação receber uma valorização de destaque em relação às demais funções do psiquismo, isso leva nosso autor a entender que a psicanálise, por não efetuar esse reconhecimento devido das funções imagéticas dentro de sua teoria, passa a desenvolver um sistema limitado de interpretações sobre os processos imaginários e criativos. Como o próprio autor diz, o psicólogo busca eventos objetivos da história de vida particular do autor que deem sentido para aquela produção artística, fazendo uma análise dos motivos inconscientes que o levaram aquele ato de criação, sempre buscando o que tem por detrás da imagem, como se ela escondesse algo do qual é mera representação:

Certo, um psicólogo acharia mais direto estudar o poeta inspirado. Faria, sobre gênios particulares, estudos concretos da inspiração. Mas viveria ele, por isso, os fenômenos da inspiração? Seus documentos humanos acerca dos poetas inspirados só poderiam ser relatados num ideal de observações objetivas, exteriormente. A comparação entre poetas inspirados logo faria perder a essência da inspiração (Bachelard, 2018, p. 6-7).

É pela relação de contato entre o objeto artístico e o sujeito estético, que Bachelard se concentra nos processos de imaginação, e passa a pensar a experiência poética não mais sobre o método da psicanálise, mas da fenomenologia. “[...] São esses impulsos da imaginação que o fenomenólogo deve tentar reviver” (Bachelard, 2018, p. 6).

É pela fenomenologia que ele passa a avaliar a relação das imagens por ela mesma em relação ao seu contato com o sujeito dentro da atividade imaginária da consciência. Ele não continua a busca psicanalítica por um decifrar do que está por trás da imagem, pois rompe com

o sentido de representação construído pela psicanálise, ao encarar as imagens como símbolos de algum outro nível psicológico.

No caso da psicanálise freudiana, a postura intelectualista transparece na tendência a traduzir as imagens, a considerá-las sempre apenas como símbolos. ‘A psicanálise se contenta em definir as imagens por seu simbolismo’, reclama Bachelard. Ao fazer isso, porém, ‘ela esquece todo um domínio de pesquisas: o domínio mesmo da imaginação’. E prossegue: ‘sob a imagem a psicanálise procura a realidade; esquece a pesquisa inversa: sobre a realidade buscar a positividade da imagem’. Por esse motivo, para o psicanalista, a fabulação é considerada como ocultando alguma coisa. É uma cobertura. É, portanto, uma função secundária’ (Pessanha, 1994, p. 20).

Nosso autor não fundamenta uma interpretação das imagens, não como se elas fossem a representação de algo externo a elas mesmas, elas não são mais representantes, a imagem é entendida pela fenomenologia, justamente pela tentativa de recuperar a perspectiva de estudo das imagens por elas mesmas, de tudo aquilo que ela já contém em si.

Então, inaugurando um novo estatuto para atividade de imaginação, realiza o feito de colocar as imagens sobre uma ontogênese.

Bachelard, pretendendo restituir a autonomia do ato de imaginar e o valor de criatividade da imagem, vai optar por um enfoque estético da imaginação. Para ele, a imagem deve ser compreendida como acontecimento objetivo que integra uma função imagética criadora (Bulcão, 2021, p. 228).

Isso quer dizer que, as imagens são compreendidas como produtoras de si mesmas, isto é, autoprodutoras, bem como produtoras de seu próprio sentido imaginário. Assim, conseqüentemente a faculdade da imaginação passa a ser interpretada como uma faculdade autônoma do psiquismo, e não como uma faculdade secundária, de mera representação de outras coisas através de imagens. No fundo, Bachelard, reivindica a imaginação pensada tendo uma autonomia psicológica, como faculdade mais fundamental ao ser humano do que a própria razão: “A imaginação, mais do que a razão, é a força da unidade da alma humana” (Bachelard, 2001, p. 153).

3.2 Devaneio: O Sonhar Acordado e Os Sonhos da Noite

Do devaneio ao sonho, quem dorme transpõe uma fronteira (Bachelard, 2018, p. 145).

Na formulação de uma teoria fenomenológica sobre os estudos das imagens poéticas e da imaginação, Bachelard, coloca suas interpretações através de um papel ativo das imagens em relação ao psiquismo humano. Concomitante a isso, surge como ponto tangencial de sua filosofia noturna, um processo psicológico que para ele é fundamental dentro dos estudos sobre

as imagens poéticas, este processo psicológico é - o *devaneio* -, encarado como: “demasiado natural - demasiado útil também para o equilíbrio psíquico -” (Bachelard, 2018, p. 11).

É notável que dentro da obra escrita por Bachelard e dedicada ao devaneio (*A Poética do Devaneio*), publicada em 1960, existe um certo vínculo de embasamento de estudos pela perspectiva psicológica, dado que o seu objeto de estudo (o devaneio), se configura como um fenômeno psicológico, um estágio de flexibilidade e disponibilidade da psique. Cabe então, analisar até qual ponto ele pode ser um canal de estudos privilegiado no âmbito estético do pensamento sobre as artes, enquanto força criativa da imaginação, e além disso, colocado também como um processo psicológico comum e natural para um equilíbrio complexo do sistema psíquico.

O que intriga nosso autor, é o fato de que muitas correntes de estudos psicológicos, inclusive a psicanálise, a qual, como mostrado nos capítulos anteriores teve uma influência direta sobre seu pensamento, ainda que de maneira reformulada, acabaram por deixar de lado o devaneio quando buscaram elaborar seus estudos sobre a imaginação, as imagens poéticas, sejam elas mitológicas, cosmológicas, arquetípicas, estéticas ou oníricas. Por isso, existe uma espécie de esforço de oposição entre aquilo que define um estudo sobre sonhos, e aquilo que Bachelard irá elaborar como uma fenomenologia do devaneio.

Estudaremos, pois, esse processo natural do psiquismo humano chamado de devaneio, não simplesmente em seu sentido popular de desconexão do sujeito para com a realidade ou de alienação, mas em que medida o sentido filosófico que Bachelard atribui ao devaneio torna-se uma marca em sua filosofia e como isso é marcante dentro dos seus dois eixos de produção.

O devaneio sob o eixo diurno da filosofia do autor, se considerado como um descolamento imaginativo em relação ao real, passa a defasar o estudo objetivo que se pretende atingir dentro do âmbito da epistemologia.

Ao passo que, considerando o devaneio sob outra contextualização da filosofia de Bachelard, sobretudo no que tange a realização de seus estudos sobre as imagens poética, ele (o devaneio) se apresenta com um ampliador da atividade psicológica para a experiência de contato entre o sujeito a imagem, ainda que possamos enquadrá-lo de alguma forma sobre esta mesma definição de “um descolamento da realidade através do imaginário”, o devaneio, conforme Bachelard o concebe em sua fase noturna, pode apresentar para consciência do sujeito uma vivência conjunta de aspectos da realidade e também de uma irrealidade imaginativa.

No que tange o interesse do autor a despeito de uma investigação e compreensão das imagens poéticas, o devaneio passa a ser considerado como um núcleo de potência criativa e

da experiência de leitura poética como uma disponibilidade de um estado intelectual que promove uma experiência estética ao sujeito. Por isso, neste segundo período de sua fase noturna, o devaneio é encarado não como uma fuga da realidade, tal como inicialmente em sua fase diurna, mas é encarado como uma abertura da realidade para o sujeito através do imaginário.

Em face de um mundo real, pode-se descobrir em si mesmo o ser da inquietação... As exigências de nossa *Junção do real* obrigam-nos a adaptarmos à realidade, a constituir-nos como uma realidade, a fabricar obras que são realidades. Mas o devaneio, em sua própria essência, não nos liberta da função do real? Se o considerarmos em sua simplicidade, veremos que ele é o testemunho de uma *função do irreal*, função normal, função útil, que protege o psiquismo humano... pela imaginação, graças às sutilezas da função do irreal, reingressamos no mundo da confiança, no mundo do ser confiante, no próprio mundo do devaneio (Bachelard, 2018, p. 13-14, grifos do autor).

Os estudos de Bachelard sobre a imaginação junto ao devaneio, podem contribuir significativamente para ampliar e abrir a possibilidade de uma investigação da função imaginativa que é propriamente essa de apresentação ou presentificação da irrealidade para a consciência.

Em outras palavras, as características da imaginação que, segundo o autor, não são mera reprodução ou simulação mental dos fenômenos da realidade, são no fundo, traços da potência criativa que a própria imaginação carrega em si mesma. A imaginação pode proporcionar por estes aspectos de irrealidade, noções, sentidos e significados que não necessariamente sejam os mesmos obtidos através de uma verificação empírica da realidade, ou até mesmo em nível epistemológico, de uma aproximação de objetividade do real.

Entretanto, uma característica se torna comum tanto para a atividade de produção de conhecimento no âmbito epistemológico, quanto para a atividade imaginária do devaneio, sendo está a de ultrapassar a realidade, de formar leituras que não estão contidas apenas nos fatos, mas que são a fabricação de obras que ajudam a formar a própria realidade. Nesse sentido, não abordaremos com muita ênfase o papel da fenomenotécnica na epistemologia de Bachelard, visto que se trata aqui de compreender essa fomentação da imaginação através do devaneio, mesmo assim cabe citar uma leitura que identifica nessas duas atividades humanas (epistemológica e poética) a mesma função de ampliar a realidade.

[...] interessante interpretação unitária da novidade teórica do filósofo, que bem se adequa ao nosso próprio ponto de vista sobre a unidade da obra bachelardiana. Para Lacroix, os princípios do novo espírito afirmado por Bachelard, "descobrem mais sobre a realidade do que aquilo que dela aparece", sem importar se a atenção deste novo espírito se volte à matemática (e às ciências), como no caso de *Le nouvel esprit scientifique*, ou à literatura (e às artes, em geral), como no caso da nova crítica que renova a maneira de

abordar toda prática artística. O resultado é sempre o mesmo nos dois campos: o espírito inventa mais do que a realidade mostra (Carvalho, 2021, p. 68).

Fundamento importante para a leitura que nos propomos a extrair da filosofia bachelardiana, tomando como complementares os dois eixos de atividades humanas de produção de conhecimento objetivo e de produção ativa e imaginativa em paralelo com as obras de arte. Contudo, cabe dentro dessa parte de nossa dissertação concentrarmos nossa atenção sobre a fundamentação de uma fenomenologia da imagem poética e do devaneio.

Então, podemos notar a despeito dessa função de irrealidade, que ela pode também ser uma possibilidade de alargamento da própria realidade e que Bachelard enxerga essa função de irrealidade, no que tange seu alcance através da imaginação e dentro da relevância que as imagens têm na atividade psicológica do devaneio, enquanto uma potencializadora da imaginação e que, portanto é tão importante e indispensável para uma complementaridade do psiquismo, tanto quanto a concepção objetiva do conhecimento sobre a realidade:

E é aqui que os dois intermediários do pensamento e do devaneio, da função psíquica do real e da função do irreal, se multiplicam e se cruzam para produzir essas maravilhas psicológicas da imaginação do humano. O homem é um ser a imaginar. Pois, afinal, a função do irreal se dá tanto diante do homem, como diante do cosmos... E são todas essas ultrapassagens que vivemos, sem ousar dizê-lo, nos nossos devaneios taciturnos (BACHELARD, 2018, p.77-78).

Cabe destacar como aparece na citação acima, duas funções psíquicas paralelas, uma de identificação da realidade que é a do pensamento, e outra que é a de produção da irrealidade pela imaginação dentro do devaneio. Estas duas, apesar de funcionarem separadamente, podem se cruzar, ao passo que são complementares para o equilíbrio da estrutura psíquica.

Assim, podemos observar como o tema do devaneio fundamenta não só a parcela noturna do pensamento do autor, mas que estava também na parte diurna a partir da atividade da consciência e da racionalidade científica, em sua tarefa de objetivação, onde deveria escolher pela a recusa do devaneio em favor da construção de conhecimento objetivo da realidade, por isso *a psicanálise do conhecimento objetivo* tem a tarefa de recalcar as irrealidades subjetivas do imaginário e seguir sobre as veredas de uma interpretação o mais objetiva possível dos fenômenos.

Com isso, devemos apontar e destacar o fato de que o estudo sobre o devaneio é uma das chaves de leitura que possibilita uma interpretação dos dois eixos temáticos do autor pautada sob a complementaridade entre as atividades da epistemologia e da imaginação.

E que além disso, o devaneio tem todo o seu potencial reconhecido dentro das obras do período noturno, porque é sobre a atividade de imaginação que o devaneio pode aparecer

como força sonhadora e que encontra uma conexão harmônica entre a potência onírica e a consciência desperta como traço da subjetividade encontrada através da imaginação.

Além de natural e parte constituinte do equilíbrio psíquico, é no devaneio que encontramos o verdadeiro sentido de liberdade, uma liberdade imaginária, uma liberdade da consciência, conforme aponta Bachelard:

E é notável que o domínio mais favorável para receber a consciência da liberdade seja precisamente o devaneio... Que outra liberdade psicológica possuímos, afora a liberdade de sonhar? Psicologicamente falando, é no devaneio que somos seres livres” (Bachelard, 2018, p. 95).

Para Bachelard, a liberdade imaginária é propriamente o que garante uma imaginação aberta, dinâmica, permeada de movimentos subjetivos não determinados, e portanto, é essa liberdade que o difere de uma teoria de imaginação reprodutora, pautada em valores deterministas e fechados. A liberdade imaginativa dos sonhos, possibilitada pela parte desperta da consciência no devaneio, aparece como um movimento de recusa em interpretar que a imaginação, ou, os sonhos, estão acorrentados a uma função mimética da realidade, ou sob a força produtiva de um conteúdo totalmente inconsciente, ou ainda um fator de atividade neuropsicológica determinada pelo cérebro que submeteria a imaginação a um movimento previsível dentro de cadeia causal de investigações sobre os impulsos psicológicos a fim de determinar ou prever qual movimento é a imaginação em sua tarefa de criar ligações e sentidos entre as imagens.

Entretanto, essa não é a forma que Bachelard concebe a força humana da imaginação, para ele a imaginação é, sobretudo, autônoma e através do devaneio ela apresenta um traço de potência em misturar as fontes criativas dos sonhos com a atividade de consciência desperta. Por isso, torna-se possível afirmar uma liberdade imaginativa onde as relações entre as imagens não são determinadas, mas sim abertas para a composição de novos sentidos.

Deste modo, pretendemos realizar uma reconstrução da noção de devaneio, sobretudo no que tange o seu vínculo com as imagens poéticas, bem como suas características imaginárias. Além de nos dedicarmos a uma apresentação da noção de devaneio tal qual foi proposta na teoria de Bachelard, também nos colocaremos a interpretar algumas implicações importantes que ocorrem dentro de sua teoria, justamente por ter elegido o devaneio como tema central de seus estudos estéticos e oníricos e, como o tema principal de suas considerações sobre temas psicológicos.

Bachelard, passa a elaborar uma distinção fundamental entre o método de análise de imagens, tanto da psicanálise quanto da psicologia, e articula sua proposta filosófica sob o desenvolvimento de uma fenomenologia da imaginação, a qual se pretende estabelecer

enquanto um fluxo dinâmico de recepção e criação de sentido poético para as imagens. Isso ocorre, exatamente por Bachelard ter reparado que dentro desses métodos de análise das imagens e dos sonhos, pouca atenção tinha sido dada até então para o fenômeno psíquico do devaneio:

Por outro lado, como os psicólogos correm ao mais característico, estudam primeiro o sonho, o espantoso sonho noturno, e dão pouca atenção aos devaneios, a devaneios que para eles não passam de sonhos confusos, sem estrutura, sem história, sem enigmas... E é precisamente pela fenomenologia que a distinção entre o sonho e o devaneio pode ser esclarecida, porque a intervenção possível da consciência no devaneio traz um sinal decisivo (Bachelard, 2018, p. 10-11).

A estruturação da noção de devaneio passa a ser dada aos poucos a partir de uma diferenciação fundamental que separa o estudo sobre os sonhos para o estudo sobre os devaneios. Esta diferenciação consiste exatamente no postulado de que o sonho é controlado por um outro mecanismo, declinante, obscurecido pela carga completa de uma inconsciência, enquanto o devaneio, sobretudo o poético, deve ser ativo, transformador, consciente e imaginativo.

Reflexão na qual o autor recai desde a sua primeira obra da vertente noturna, mas que aparece muito mais explicitamente em suas duas obras posteriores sobre a poética. Assim, a pesquisadora Eliane Barbosa nos coloca diante da iminência que existe para se compreender o sentido que o autor dá ao devaneio, a partir dessa distinção estabelecida por Bachelard entre os sonhos e o próprio devaneio: “É no livro *La Psychanalyse du Feu* (1938) que Bachelard estabelece, pela primeira vez, a diferença entre sonho e devaneio. Esta diferença é fundamental para se compreender a atividade da imaginação.” (Barbosa, 2012, p. 197).

O devaneio é um tema que aparece desde a primeira obra da vertente noturna, bem como está manifestamente presente em todo o arco sobre os quatro elementos da matéria e da imaginação material, e por fim, aparece com um destaque filosófico dentro do desenvolvimento de sua própria fenomenologia da imaginação. Gostaríamos de nos concentrar, não sobre o arco da teoria da imaginação material pautada nos quatro elementos, mas sim no momento posterior de sua filosofia, onde Bachelard fundamenta a própria fenomenologia da imaginação, para então compreendermos o sentido do devaneio nessa abordagem fenomenológica.

Podemos identificar que de início o devaneio aparece como uma pretensão de psicanalisar uma camada menos profunda da psique, menos profunda que a camada dos sonhos noturnos, porque estes são regidos pela inconsciência, e se comparados ao devaneio, onde a consciência se mantém desperta como a grande encaminhadora dos movimentos da

imaginação, os sonhos noturnos são considerados então uma camada psicológica mais obscura e profunda.

Então, se a psicanálise tradicional se interessava pelo sonhos, a psicanálise do fogo se interessa pelo devaneio, sendo este o “[...] lugar, acreditamos, para uma psicanálise indireta e segunda, que buscaria sempre o inconsciente sob o consciente, o valor subjetivo sob a evidência objetiva, o devaneio sob a experiência” (Bachelard, 2012, p. 34).

Com essa primeira e principal distinção entre sonhos e devaneios, tão decisiva que já aparece desde a obra *A Psicanálise do Fogo*, nota-se que essa questão do devaneio é primordial, central e patente para sua teoria no período noturno, não sendo nem trivial nem secundária nos estudos sobre a imaginação.

No conjunto da filosofia de Bachelard, podemos observar mais diretamente esta diferenciação dos sonhos noturnos para com os devaneios, explicitada em suas obras mais maduras, obras que compõem sua filosofia fenomenológica e sua estética calcada na poética. Nestas obras a distinção existente no campo onírico, aparece sobretudo, pelo reconhecimento que o autor faz dos métodos e objetivos de estudos estipulados pela psicanálise em comparação às suas intenções filosóficas de pesquisa que fundamentam a sua fenomenologia da imaginação.

Longe de tentar aproximar os termos da evidente antítese entre um estudo meramente psicológico do devaneio e um estudo propriamente fenomenológico, aumentaremos ainda mais o contraste colocando nossas investigações sob a dependência de uma tese filosófica que a princípio desejaríamos defender: para nós toda tomada de consciência é um crescimento de consciência, um aumento de luz, um reforço da coerência psíquica [...] Esse ato, só o estudaremos, no presente ensaio, no campo da linguagem, mais precisamente na linguagem poética, quando a consciência imaginante cria e vive a imagem poética (Bachelard, 2018, p. 5).

O devaneio, sendo estudado dentro do desenvolvimento de uma teoria fenomenológica da imaginação, é privilegiado sobre os sonhos exatamente pela parcela de consciência que ele detém, essa consciência imaginativa possibilita que o sujeito participe ativamente da construção de sentido e de significado das imagens poéticas, além disso, o devaneio poético ainda amplia a relação deste sujeito imaginante para com a imagem imaginada.

O método fenomenológico permite que a imagem poética seja considerada uma fomentadora da consciência, uma ampliadora, tal como afirma a especialista Constança Marcondes Cesar: “a expansão harmoniosa da consciência, o desabrochar do ser. Investiga, assim, a parte superior da psique e as imagens psicagógicas que propiciam a ampliação da consciência” (Cesar, 2011, p. 110). Isso porque, para Bachelard, existe uma premissa filosófica que embasa a sua teoria fenomenológica, essa premissa é descrita como “toda tomada de

consciência é um crescimento de consciência”, portanto, a da tomada de consciência da imagem poética é também ampliadora de consciência, pois lhe apresenta o traço da novidade, do inesperado, de originalidade e de criatividade.

Uma das características mais fundamentais das imagens poéticas, que é o objeto estético elegido por Bachelard em sua nova crítica, conforme aponta o pesquisador Marcelo de Carvalho em um de seus capítulos para a obra: *A Poética de Bachelard* (2021, p. 65-77), intitulado: “Psicanalistas não sonham: por uma nova crítica”, ele afirma que, sobretudo, nas obras da vertente poética de Bachelard, concentram-se os fundamentos de uma nova crítica que reúne aspectos da filosofia estética e também aspectos de uma crítica literária, formando então um terreno inovador e fértil, que reúne essas diferentes abordagens em um único estudo sobre a imaginação.

Esse estudo sobre a imaginação, como estivemos apresentando até aqui, é fundamentado sobre o desenvolvimento de uma fenomenologia própria, para isso que o autor pretende estudar e investigar, ou seja, uma fenomenologia que reúne o devaneio e as imagens poéticas.

Uma segunda premissa filosófica que serve para embasamento desta fenomenologia da imaginação aparece na introdução da obra *A Poética do Devaneio*, e é possível identificarmos também que, esta segunda premissa, diz respeito não ao corolário da possibilidade de aumento da consciência humana através do devaneio, mas sim da constituição própria que imagem poética tem e de sua abertura de compreensão e enriquecimento de sentido através do devaneio.

A exigência fenomenológica com relação às imagens poéticas, aliás, é simples: resume-se em acentuar-lhes a virtude de origem, em apreender o próprio ser de sua originalidade e em beneficiar-se, assim, da insigne produtividade psíquica que é a da imaginação. Esta exigência, para uma imagem poética, de ser uma origem psíquica (Bachelard, 2018, p. 2).

Então, a imagem poética é encarada como uma origem psíquica, ou em outras palavras, o vislumbre de uma novidade que é entregue ao psiquismo devaneiante pela imagem poética é o que possibilita um crescimento de consciência, uma ampliação da própria experiência estética através da imaginação.

É exatamente por esses traços da imagem poética, pelos seus aspectos do deslumbramento, maravilhamento, bem como de originalidade e de novidade para o psiquismo humano que a imaginação pode ser encarada como uma abertura para o crescimento da consciência. Com isso, a imagem poética pode configurar uma força de produtividade psíquica, produtividade onírica que é ativada não pelo inconsciente, mas sim pela consciência imaginativa: “Em nossos estudos sobre a imaginação ativa, seguimos, portanto, a

Fenomenologia como uma escola de ingenuidade” (Bachelard, 2018, p. 4). E deste modo, existe certo rompimento do uso que Bachelard fez da psicanálise para se inserir nos estudos sobre a imagem poética e o modo como ele quer investigá-las agora, sob a perspectiva de sua própria teoria fenomenológica da imaginação.

Bachelard acredita ter inserido seu movimento de psicanálise numa camada psicológica diferente do que a própria psicanálise tradicional se propõe a interpretar, isto é, numa camada menos profunda da psique humana porque menos inconsciente, visto que os sonhos na psicanálise tradicional são tomados como representações dos conteúdos inconsciente, então são interpretados tendo como base um processo psicológico totalmente dependente do inconsciente.

O devaneio embora próximo dos sonhos, pelo fato de ambos conterem as aparições das imagens e das fontes oníricas, ainda não podem ser compreendidos da mesma maneira, pois o sonho tem seu sentido determinado pelas camadas mais profundas do inconsciente, enquanto que o devaneio se propõe como uma camada intermediária³², sim uma camada mais superficial de acesso onírico, pois em teoria esta camada seria mais fácil de atingir e de ser estudada do que a de completa profundidade do inconsciente: “[...] o exame de uma zona menos profunda do que aquela onde se desenrolam os instintos primitivos, e esta zona, por ser intermediária, tem uma ação determinante [...]” (Bachelard, 2012, p. 18).

Bachelard estabelece em relação a essa nítida dificuldade de acesso das camadas totalmente inconscientes que são fomentadoras dos sonhos noturnos, uma investigação sobre o devaneio, justamente pela parcela ainda presente de consciência que ele garante, e conforme este raciocínio, o devaneio se apresentaria como uma parte mais facilmente acessível ao sujeito exatamente por esta presença e participação da consciência.

Como mencionamos anteriormente, já na obra *A Psicanálise do Fogo*, o autor demonstra como em sua teoria o papel dos sonhos noturnos é sempre algo mais disperso do que o papel ativo do devaneio, os sonhos se perdem, se esquecem e voltam a ser inconsciente, enquanto o devaneio é sempre reanimado por uma luz da consciência.

[...] Em nossa opinião, esse devaneio é extremamente diferente do sonho pelo próprio fato de se achar sempre mais ou menos centrado num objeto. O sonho avança linearmente, esquecendo seu caminho à medida que avança. O

³² Cabe aqui uma menção a primeira tópica freudiana, sobretudo da interpretação dos sonhos, que divide o aparelho psíquico em três, sendo eles: consciente, pré-consciente e inconsciente. Bachelard, nesse momento, diferente da obra *A Poética do Devaneio*, ainda parece aproximar a noção de devaneio a noção de pré-consciente, como aquela parcela que seria de ligação entre os conteúdos inconscientes e a consciência plena.

devaneio opera como estrela. Retorna a seu centro para emitir novos raios (Bachelard, 2012, p. 22).

Assim, Bachelard em sua teoria apresenta o devaneio como uma espécie de sonho acordado centrado, sonho consciente, uma potência sonhadora ativa regida pela imaginação, enquanto que o sonho se dispersa em seu próprio processo dentro do âmbito psicológico.

Com isso, o autor identifica que na psicanálise a interpretação dos sonhos deixa escapar essa adesão criativa e subjetiva que o receptor da imagem possa vir a criar dentro de si no contato com a experiência estética das imagens oníricas. Portanto, a psicanálise, para Bachelard, deixa de lado toda uma relação íntima que o sujeito desenvolve para com as imagens e a criação de seus significados por impor-lhes uma interpretação fixa das imagens.

Podemos notar também o problema do relato dos sonhos como um dos motivos da grande diferenciação dos sonhos noturnos para o devaneio:

Pergunto se havia realmente uma consciência do sonho. A estranheza de um sonho pode ser tal que nos parece que um outro sujeito vem sonhar em nós. "Um sonho me visitou." Eis a fórmula que assinala a passividade dos grandes sonhos noturnos. (BACHELARD, 2018, p.11).

Existe, para Bachelard, uma espécie de queda psicológica do sujeito a níveis tão grandes de inconsciência durante os sonhos noturnos, que quando o sujeito acorda, nem sequer parece ter sido ele próprio o autor daquele sonho, bem como não tem domínio completo da memória sobre o sonho e por isso, existe uma espécie de abdução, ou ao menos, de redução da subjetividade do indivíduo quando ele sonha.

Se já era percebido desde *A Psicanálise do Fogo*, o fato de que o sonho vai se perdendo aos poucos enquanto o devaneio vai encontrando novas aberturas através da presença da consciência, gostaríamos agora de passar a afirmações mais intensas e nítidas que Bachelard fez, sobretudo no capítulo "O Cogito do Sonhador", que é o penúltimo capítulo da obra *A Poética do Devaneio*, na página 139:

O sonho da noite não nos pertence. Não é um bem nosso. É, em relação a nós, um raptor, o mais desconcertante dos raptos: rapta o nosso ser. As noites, as noites não têm história. Não se ligam uma à outra. E, quando já vivemos muito, quando já vivemos umas 20 mil noites, nunca sabemos em que noite antiga, muito antiga, começamos a sonhar. A noite não tem futuro. Sem dúvida há noites menos negras, nas quais o nosso ser do dia ainda está suficientemente vivo para traficar com suas lembranças. O psicanalista explora essas seminoites. Nessas seminoites o nosso ser ainda está ali, arrastando dramas humanos, todo o peso das vidas mal feitas.

A tarefa do psicanalista, segundo Bachelard, parece estar sendo drasticamente reduzida para os pequenos fragmentos dos sonhos noturnos, os quais reaparecem para a consciência, entretanto respeitando a estrutura e deixando sua forma inconsciente quase que inalcançável

em seu estado de consciência. Isto representa para nosso autor, um tema muito delicado de uma divisão imprecisa entre a estrutura psíquica do dia e da noite.

Sobre essa distinção entre dois níveis de funcionamento psíquico, um do dia e outro da noite, isto é entre a atividade da consciência desperta e a atividade onírica dos sonhos noturnos, ocorre que se passa de um funcionamento a outro muito diferente, embora Bachelard acredita haver uma certa dificuldade entre a identificação dos limites que separam um funcionamento do outro: “É certamente difícil traçar a fronteira que separa os domínios da Psique noturna e da Psique diurna, todavia essa fronteira existe. Há dois centros de ser em nós” (Bachelard, 2018, p. 142).

Então, os sonhos noturnos, por apresentarem um funcionamento vinculado ao inconsciente, acabam por submergir a consciência em sua estrutura durante os momentos em que se desenvolvem dentro da psique. O que Bachelard está propondo é uma leitura que parte da estrutura da consciência, da estrutura do dia como base para sua tarefa de análise das imagens oníricas e poéticas, com isso, acaba que para ele os sonhos noturnos representam uma perda tão grande da consciência que pode se dizer que o ser do dia se dissipa na escuridão da noite: “até a escuridão do nosso ser dissolvendo-se na noite” (Bachelard, 2018, p. 140).

E a psicanálise, ao se concentrar sobre a interpretação dos sonhos noturnos, resta apenas um esforço de identificar até onde o ser do dia conseguiu se fazer presente durante essa experiência do sonho noturno, para que após o sonho ele consiga lembrar e relatar ao analista. Enquanto que, por outro lado, o devaneio, que não se coloca sob uma análise externa de interpretação, é encarado como um material onírico muito mais pessoal e individual, pois conta com os traços da subjetividade na sua própria formação e abre possibilidade de constituição das formas oníricas de acordo com sua vontade e potência imaginária.

Então Bachelard coloca uma intensa crítica aos psicanalistas, visto que buscam interpretar aquilo que foge da consciência do indivíduo sonhador, bem como estabelecem seu foco sobre um material demasiadamente obscurecido pela inconsciência e que além disso, não ajudam o indivíduo a encontrar a sua individualidade e sua subjetividade dentro desse emaranhado de imagens oníricas que aparecem durante os sonhos noturnos.

[...] eis que o psicanalista, seguro em sua cultura extensa, pode dizer-lhe: "Eu sei disso, eu entendo isso, eu esperava isso. Você é um homem como os outros. Você não tem, apesar de todas as aberrações de sua vida, o privilégio de uma existência singular." E então é o psicanalista que tem o encargo de enunciar o cogito do sonhador, dizendo: "Ele sonha durante a noite, portanto ele existe durante a noite. Ele sonha como todo mundo, portanto ele existe como todo mundo." (BACHELARD, 2018, p. 142).

Dentro das obras poéticas aparece uma recusa ao método psicanalítico de analisar as imagens oníricas, em grande parte como vimos, é pela própria diferença que se estabelece entre os estudos dos sonhos para com os estudos sobre o devaneio, mas em outra parte também se trata de propor uma leitura aberta para as imagens poética e oníricas, as quais, para Bachelard, não recebiam sua verdadeira autonomia interpretativa dentro da psicanálise tradicional, mas que eram interpretados dentro de um método sistemático pré-estabelecido.

Essa é uma diferença marcante entre o uso que Bachelard faz da psicanálise na sua faceta diurna, em relação à psicanálise trabalhada no seu período noturno, bem como da utilização que Bachelard fez da psicanálise em relação a própria psicanálise de Freud.

Sobre a psicanálise, podemos notá-la mais presente na busca pelo conhecimento objetivo, durante as considerações epistemológicas do autor sobre a ciência. Entretanto, na sua vertente noturna sobre as imagens poéticas, apesar de interpretarmos que a psicanálise ajudou a direcionar o interesse de Bachelard para esse núcleo temático de investigações estéticas sobre o imaginário, ainda encontramos uma maior adaptação e releitura feita da teoria da psicanálise, pois consiste em uma recusa da premissa interpretativa da psicanálise, visto que Bachelard ao estudar filosoficamente os processos da imaginação, abandona o esforço necessário de decodificação do significado dos sonhos, mas abre o sentido interpretativo das imagens oníricas, através do exercício ativo do devaneio, do sonho acordado que sugere e convida o indivíduo a construir sua própria direção de interpretação sobre a camada onírica da psique e apresenta o devaneio como possibilidade de sonhar através de uma intencionalidade imaginária desperta.

Para concluir, podemos identificar a grande diferença entre sonhos noturnos e devaneio postulada em uma passagem de maneira muito clara:

[...] não é estudando o sonho noturno que poderemos revelar as tentativas de individualização que animam o homem desperto, o homem que as idéias acordam, o homem que a imaginação convida à sutileza [...] como queremos tocar os poderes poéticos do psiquismo humano, o melhor é concentrar todas as nossas investigações no simples devaneio [...] Tal é, para nós, a diferença radical entre sonho noturno e devaneio, diferença essa que pertence ao âmbito da fenomenologia: ao passo que o sonhador de sonho noturno é uma sombra que perdeu o próprio eu, o sonhador de devaneio, se for um pouco filósofo, pode, no centro do seu eu sonhador, formular um cogito. Noutras palavras, o devaneio é uma atividade onírica na qual subsiste uma clareza de consciência. O sonhador de devaneio está presente no seu devaneio (Bachelard, 2018, p. 144).

O devaneio surge então como constructo psicológico dentro da filosofia de Bachelard, onde num primeiro momento (epistemológico), deveria ser combatido e eliminado de dentro

do intelecto humano. Mas sob outro ângulo, ao investigar a imaginação, o devaneio passa a ser acolhido como processo fundamental da própria constituição psíquica.

Mas, o tema do estudo sobre os devaneios em detrimento dos sonhos da noite, se destacou mais detalhadamente no uso que Bachelard faz da psicanálise durante sua construção do período noturno, para ajudá-lo a se direcionar a uma outra análise das imagens pictóricas e líricas extraída de uma maneira específica das fontes oníricas do psiquismo, ou seja, por uma filosofia fenomenológica do devaneio, e não somente uma reprodução da interpretação dos sonhos proposta na psicanálise.

Portanto, o devaneio para o autor é uma ferramenta teórica e fenomenológica de receptividade e acolhimento das imagens, bem como para o tratamento e reconhecimento da função poética dessas imagens que, por conseguinte, resulta em uma elaboração de valores estéticos presente nesta parte da filosofia do autor.

3.3 Conceito Antropológico do Homem das 24h

Mas a síntese do noturno e do diurno se apresenta em muitos outros domínios e torna-se muito forte quando ela se realiza em uma síntese entre uma ideia e uma figura, quando a imaginação e uma reflexão se animam uma à outra em uma dialética incessante (Bachelard, 2005b, p. 104, trad. nossa).³³

Decidimos trabalhar sobre o conceito do homem das 24 horas neste último subcapítulo da dissertação, exatamente porque acreditamos que dentro deste conceito, ou desta noção que o autor nos apresenta, está contida e concentrada as suas próprias considerações sobre a dinâmica e a sincronia de seus estudos destinados sobre a suas duas vertentes: a diurna-epistemológica e a noturna-poética.

Por isso, em nossa leitura existe uma predisposição de informações conectivas entre as duas vertentes dentro da formação deste conceito antropológico de uma vida psíquica pautada na metáfora das 12 horas do dia e das 12 horas da noite. O que torna a noção do homem das 24 horas muito valiosa, tanto dentro da filosofia do autor, quanto também por estabelecer a condição de possibilidade de uma leitura e interpretação da filosofia do autor sob uma

³³ Mais la synthèse du nocturne et du diurne se présente dans bien d'autres domaines et devient plus forte quand elle se réalise en une synthèse de l'idée et de la figure, quand l'imagination et la réflexion s'animent l'une l'autre en une dialectique incessante (BACHELARD, 2005b, p.104).

perspectiva colocada e defendida dentro da dinâmica de complementaridade entre os seus dois campos de produção, isto é, suas duas áreas de contribuição filosófica.

Nesse sentido, ao eleger nesta parte final de nossa dissertação o conceito do homem das 24 horas, acreditamos estar privilegiando tanto as próprias considerações de Bachelard sobre a sua dinâmica de publicações, quanto também trabalharemos dentro do nosso objetivo central da dissertação que é o de reunir e coletar aspectos que permitam uma aproximação entre as duas esferas de sua filosofia.

Sendo assim, investigaremos os aspectos que vem ao encontro com a própria temática proposta em nossa pesquisa, pois nos propomos a atingir e construir uma zona de intersecção e aproximação entre as vertentes da epistemologia e da poesia dentro da filosofia do autor, mostrando como estas vertentes se complementam e se completam dentro de uma dinâmica que pode ser apresentada metaforicamente pela passagem do dia para a noite. Com isso, apresentando traços interligados de uma vertente para com a outra, e buscamos uma compreensão sobre o movimento de suscitação que existe de uma vertente para outra, um estado de retroalimentação entre as duas, bem como os pontos em comum que elas apresentam.

Por estes motivos, analisaremos tal conceito antropológico tendo em vista que ele também de certo modo aparece com frequência nas pesquisas bachelardianas³⁴ e que diz respeito justamente a uma interpretação não antagônica desta disposição dos dois eixos.

Adentrando mais diretamente os elementos filosóficos que compõem a noção do homem das 24 horas, acreditamos que este conceito torna-se antropológico quando Bachelard considera como sendo constituinte da natureza do pensamento humano esta distribuição em dois núcleos, um que imagina e outro que raciocina, um que devaneia e outro que dorme, um que se encanta pela imagem e outro que trabalha constantemente sobre uma ideia.

Isto quer dizer que, o autor propõe essa divisão de desdobramento em duas linhas do pensamento não somente para serem aplicadas dentro de sua filosofia, mas tendo como base toda a estrutura do próprio pensamento humano. Com isso podemos afirmar que, para ele, esses dois eixos do *conhecimento objetivo* e o da *subjetividade íntima*, são também as duas disposições psicológicas que constituem os seres humanos, os dois caminhos possíveis para os seres humanos realizarem alguma produção de conhecimento. Mais do que isso, estas duas aberturas seriam as próprias condições intelectuais do pensamento humano.

Adiante trabalharemos numa atividade de rastreamento das passagens de Bachelard em que ele menciona este conceito que escolhemos para esta parte do nosso trabalho, a fim de

³⁴ Como podemos observar em artigos de Wunenburger, Dagognet, Libis, Ana Laudelina, Alexandre de Freitas, etc.

identificar nelas a manifestação da dinâmica de alternância entre seus eixos de produção. Utilizaremos das passagens que mencionam este conceito também para nos ajudar a compor a nossa interpretação sobre a filosofia de Bachelard através do movimento de aproximação entre suas vertentes, e como essa dualidade entre as vertentes é afirmada de maneira antropológica no homem das 24 horas.

Traremos de início a primeira utilização pelo autor deste conceito das 24 horas, podemos encontrá-lo curiosamente em uma obra que participa do conjunto de sua vertente diurna-epistemológica, a qual é intitulada: *Le Matérialisme Rationnel*, e foi publicada no ano de 1953, logo na introdução Bachelard escreve:

Assim, os problemas do materialismo surgirão ainda mais claramente à medida que percebermos mais francamente uma separação total entre a vida racional e a vida onírica, aceitando uma vida dupla, a do homem noturno e do homem diurno, base dupla de uma antropologia completa. (BACHELARD, 1953, p.27, trad. nossa).³⁵

Devemos considerar primeiramente que é uma citação retirada de uma obra epistemológica, com foco em tratar sobre os problemas do estabelecimento de um materialismo racional como método para o desenvolvimento do conhecimento objetivo e científico.

No entanto, o que nos chama atenção não é sua vinculação temática, mas sim o fato de encontramos especialmente nela, uma definição tão clara dada pelo autor a respeito desta “vida dupla”, uma que segue os parâmetros da racionalidade e que busca constantemente a objetividade no conhecimento, e outra que segue os parâmetros oníricos, das imagens dos sonhos e das imagens subjetivas que se manifestam individualmente para cada um.

Ainda que se refira há um recorte entre a vida diurna e a vida noturna, tão radical a ponto de estabelecer uma “total separação” entre a “vida racional” e a “vida onírica”, ainda no final da passagem é possível perceber e reconhecer que a afirmação consiste em apontar para uma antropologia completa, uma antropologia que só pode ser completa se for por meio das duas vias, uma pautada na epistemologia e no conceito, e a outra, pautada na poética e na imaginação.

Como mencionamos anteriormente, existe um apoio sobre uma estrutura antropológica que Bachelard emprega para sustentar a noção do homem das 24 horas, isso aparece muito diretamente dentro desta primeira citação selecionada pois, apesar de distinguir em duas operações psíquicas diferentes da vida humana, como a racionalidade e o onirismo, ainda

³⁵ Ainsi les problèmes du matérialisme se poseront d'autant plus nettement que nous réaliserons plus franchement une totale séparation entre la vie rationnelle et la vie onirique, en acceptant une double vie, celle de l'homme nocturne et de l'homme diurne, double base d'une anthropologie complète (BACHELARD, 1953, p.27).

encontra-se uma “antropologia completa” com estas duas bases. Então cito a Dra. Ana Laudelina Gomes, justamente para enfatizar como a noção do homem das 24 horas está baseada numa dupla abertura de possibilidade encarada como uma das principais características da vida humana:

Assim, o homem das 24 horas se coloca como uma categoria de pensamento importante para se articular estas duas vias do humano, afinal essas duas dimensões da condição humana são vividas pelo mesmo ser concreto, e, por isso, é importante refletir sobre uma possível base comum que as aproximem (Gomes, 2016, p. 264)

Na citação da comentadora podemos refletir não somente sobre esse horizonte de dupla disposição do pensamento humano que se configura como uma noção antropológica, mas também nos revela a importância de se investigar as bases comuns que possam aproximar estas duas vias, tal como pretendemos destacar em nosso trabalho a partir do ano de 1938 e da presença da psicanálise enquanto influenciadora tanto na vertente epistemológica, quanto no nascimento da vertente poética.

Levando em conta a citação anterior, nos sentimos legitimados dentro de nossa pesquisa em tomar a noção antropológica do dia e da noite neste conceito do homem das 24 horas como um desses pontos comuns e de aproximação entre as duas vertentes bachelardianas.

Direcionando-nos para a compreensão de que é dentro dessa antropologia completa que se podemos apreender algo sobre a dinâmica que cadênciava o ser humano de uma atividade psicológica a outra, hora sonhando, hora refletindo, hora imaginando, hora pensando. Tudo isso, se desenvolve em um único indivíduo, um único sujeito que apesar de ser constituído por esta subdivisão entre as atividades diurnas e as atividades noturnas do seu pensamento, ainda se constitui como algo a mais do que esta bifurcação psicológica ramificada entre razão e imaginação.

É assim que deve ser encarada a condição de complementaridade entre as atividades diurnas e noturnas que compõem a natureza psíquica da humanidade, isto quer dizer que, de modo antropológico somos constituídos por este horizonte de uma dupla base vital, que nos oferece duas aberturas interativas de relação com o mundo.

A opção de Bachelard pela escolha de um nó antropológico para realizar a sutura dos dois perfis do seu pensamento, da sua “dupla natureza” — ou as duas faces do seu “homem das 24 horas” [...] É essa “dupla vida”, é essa “antropologia completa”, é esse “homem diurno e noturno” ou, o que vem dar no mesmo, o “homem das 24 horas” que se deve fixar como ponto de referência para análise e compreensão da dupla natureza tanto de Bachelard como de sua filosofia (FREITAS, 2006, p.106).

Então, o homem das 24 horas enquanto conceito antropológico, pode ser aplicado tanto para dentro da filosofia bachelardiana, no que tange nossa intenção de corroborar uma leitura e uma interpretação de sua obra a partir da dinâmica da complementaridade entre seus pólos. Como também, de algum modo pode ser aplicado para observarmos a constituição psicológica do pensamento humano através de uma antropologia pautada na dinâmica de atividades colocadas sobre uma dupla abertura para o exercício de criação.

Em uma outra obra intitulada *L'Engagement Rationaliste*, a qual foi publicada postumamente, se tratando de alguns artigos e conferências realizadas a partir dos anos de 1936, enquanto Bachelard era professor da Sorbonne, seguiu-se uma divisão em três partes conforme G. Canguilhem menciona no prefácio da mesma, onde podemos encontrar na primeira parte do livro considerações destinadas à razão, na segunda parte considerações sobre a ciência e sua história e na terceira e última parte considerações destinadas à filosofia da ciência.

Dentro deste livro, ainda na primeira parte e mais especificamente no quarto subcapítulo intitulado: “De la nature du rationalisme”, é notável uma outra referência de Bachelard ao fundamento antropológico do seu conceito do homem das 24 horas, o qual estamos nos debruçando até então para buscarmos uma melhor identificação entre a dinâmica de complementaridade e a aproximação entre seus dois eixos. Então, nesta obra Bachelard diz o seguinte:

Se eu fosse fazer um plano geral das reflexões de um filósofo ao outono de sua vida, eu diria que agora sinto a nostalgia de uma certa antropologia. E se tivesse que ser completo, me parece que eu gostaria de discutir um tema que não é o de hoje, tema que eu chamaria de: ‘o homem das vinte-quatro horas’. E me parece, por conseguinte, que se nós quiséssemos dar a antropologia suas bases filosóficas ou metafísicas, seria necessário e suficiente descrever um homem nas vinte-quatro horas de sua vida. O que é que nós teríamos a discutir então, diante desta totalidade humana? Nós teríamos que abordar primeiro a discussão do homem da noite. (Bachelard, 1972, p. 47, trad. nossa)³⁶.

Na citação acima, fica muito patente a forma como o autor ao final de sua vida, gostaria de trabalhar sobre a antropologia para atingir filosoficamente considerações a respeito dessa

³⁶Si j'avais à faire le plan général des réflexions d'un philosophe à l'automne de sa vie, je dirais que j'ai maintenant la nostalgie d'une certaine anthropologie. Et s'il fallait être complet, il me semble que j'aimerais à discuter d'un thème qui n'est pas celui d'aujourd'hui, thème que j'appellerai « l'homme des vingt-quatre heures ». Il me semble, par conséquent, que si l'on voulait donner à l'ensemble de l'anthropologie ses bases philosophiques ou métaphysiques, il faudrait et il suffirait de décrire un homme dans vingt-quatre heures de sa vie. Qu'est-ce que nous aurions à discuter alors, devant cette totalité humaine ? Nous aurions d'abord à discuter l'homme de la nuit (BACHELARD, 1972, p. 47).

completude e plenitude do ser humano, uma humanidade completa a partir de suas duas aberturas diferentes para relação com o mundo.

Mesmo que, dentro da citação ele tenha dito que não será naquela oportunidade que irá tratar deste conceito antropológico, ainda assim fica muito nítido o quão inspirador é para ele uma reflexão a respeito deste tema, visto que é através da “nostalgia de uma certa antropologia” que ele concebe a totalidade de suas obras e de seu caminho filosófico até então construído.

Além disso, neste conceito está calcada a possibilidade de uma discussão sobre a totalidade humana, uma configuração da natureza do pensamento humano que muito interessa ao nosso autor, a ponto de ele dizer que gostaria de trabalhar sobre este tema em um outro momento, depois de ter discutido um pouco mais sobre o homem noturno. É válido ressaltar que esta é a segunda vez que encontramos uma passagem sobre o conceito antropológico do homem das 24 horas dentro de escritos que Bachelard destinou a sua vertente epistemológica.

O sentimento de nostalgia no olhar do autor sobre a construção de seu trajeto filosófico diz muito sobre como ele próprio compreende sua filosofia, e é sobre esse trajeto filosófico de sua carreira e de suas produções que ele enxerga de modo tão nítido e vivo a presença de uma antropologia que reúne em um mesmo homem as características das atividades diurnas e noturnas, que reúne os diferentes trabalhos tanto sobre os conceitos no caso da epistemologia, quanto sobre as imagens no caso da poética.

O que se trata, como expomos anteriormente, de uma reflexão sobre aquilo que o autor construiu a partir de sua própria filosofia, e de um olhar que ele estendeu sobre seu próprio *corpus* filosófico, mas que também lhe serviu como uma espécie de lente para observar essa dualidade entre opostos complementares dentro da formação psicológica da humanidade e por isso tornando-se uma questão antropológica a respeito da constituição e formação das bases do pensamento dos seres humanos. É nesse sentido que a perspectiva da aproximação e complementaridade entre as vertentes da epistemologia e da poética passa a ser parte de uma reflexão antropológica.

Esta noção antropológica apresenta uma dupla abertura para criação, uma voltada ao conhecimento objetivo e sustentada pela atividade científica, e uma outra abertura para as fontes e potências psicológicas advindas das imagens, imagens que se interiorizam no psiquismo do sujeito e então proporcionam a ele o despertar de efeitos de ampliação da própria vida, tornando-a ainda mais potencializada através das imagens poéticas.

Pode-se concluir que, para Bachelard, razão e imaginação, embora opostas, possuem características comuns, pois se impõem como atividades dinâmicas. A razão, assim como a imaginação, é, fundamentalmente, criadora, ativa, aberta e realizante (BARBOSA & BULCÃO, 2011, p.49).

Sendo as atividades da razão e da imaginação as duas condições antropológicas do homem das 24 horas que compõem a estrutura do pensamento humano, gostaríamos de afirmar em conjunto com a citação anterior que, é através da construção de uma dinâmica de alteração entre estas atividades que se pode obter como resultado uma completude da vida humana, em um ser que se realiza completamente em sua existência se puder dar conta de intercalar suas atividades psicológicas e intelectuais pela alternância destas duas aberturas. Por isso, é importante que ambas sejam abertas, não fixadas nem rígidas, mas que possibilitem uma reorganização de suas estruturas se for necessário, e que se articulem de maneira complementar de modo que fomentem-se uma à outra.

Sobre o problema desta divisão entre as duas vidas, podemos utilizar como recurso uma outra citação que também é a epígrafe de nosso capítulo 2.2, a qual sugere a definição do devaneio como zona psicológica intermediária entre os sonhos e o pensamento: “[...] surpreende uma continuidade do pensamento e do devaneio e percebe que, nessa união do pensamento e dos sonhos, é sempre o pensamento que é deformado e vencido.” BACHELARD, 2012, p.90, grifos do autor).

É então pelo devaneio que se estabelece essa união entre o pensamento e o onírico porque o devaneio é o exato estágio psicológico de repouso que possibilita tanto uma presença de consciência em sentido fenomenológico, entendida enquanto uma projeção imaginativa, um direcionamento imaginário intencional que é fornecido pela consciência, e também uma certa suscetibilidade maior em relação ao acolhimento das imagens, um estado de flexibilidade da consciência para a ação imaginária.

O devaneio, encarado como um sonho dirigido a partir dessa análise fenomenológica que não só investiga essa abertura psicológica pelas forças das imagens, como também abarca a presença de uma intenção imaginária da consciência como direcionadora dessa experiência com as imagens oníricas, é o que possibilita encontrarmos uma interação direta entre as duas vias da razão e da imaginação, pois elas de certa forma se fazem presentes dentro do devaneio.

Com isso, não há divisão hierárquica entre estas duas vias, entre as imagens e os conceitos, ou entre a razão e a imaginação, nem sobreposição de uma pela outra. Pelo contrário, ambas têm sua importância e contribuem para uma mesma condição antropológica de um mesmo ser humano, um único indivíduo que apesar de estar aberto para duas regências diferentes do pensamento, dois regimes distintos da constituição da sua atividade de pensar, ainda é um único sujeito, um único indivíduo, um único ser humano e não dois seres separados, pois é o mesmo ser que se manifesta ativamente enquanto a razão trabalha constantemente

sobre os conceitos, e o mesmo ser que segue a imaginação que se estabelece enquanto uma conjuntura de infinitas possibilidades de combinações de imagens.

Sobre este assunto, teríamos mais vestígios filosóficos ao nos direcionarmos a uma conferência que Bachelard deu para uma rádio no dia 19 de janeiro de 1954, intitulada *Dormeurs éveilles. La rêverie lucide*³⁷, sendo ela a última palestra contida na transcrição que tivemos acesso dentro das *Causeries* (2005b).

Nesta conferência, ou como sugere o título, nessas “conversações” de Bachelard, pode-se ser revelada uma ligação paralela entre o devaneio como ponte mediadora entre as fronteiras destes dois períodos, isto é, pode-se compreender o devaneio como um estado psicológico que é mediador entre as atividades do dia e da noite. Trazemos então uma citação para melhor evidenciar isso:

Por uma determinação completa do ser humano, é necessário que ele faça uma soma entre o ser noturno e o ser diurno. Ele precisa encontrar o dinamismo que vai de um polo a outro entre o sonho e o pensamento... basta um pouco de solitude para nós cairmos num devaneio que reúne os sonhos da noite. Sim, nós conhecemos toda essa zona medial, onde os sonhos se alimentam nos pensamentos, onde nossos pensamentos esclarecem os sonhos. Em nós, as características noturnas e as características diurnas se unem, se misturam, se animam reciprocamente. Nas horas de grande solitude, quando o devaneio nos apresenta nosso ser total, nós estamos sonhando acordado, tendo sonhos lúcidos³⁸ (Bachelard, 2005b, p. 90-91, trad. nossa).

Com esta citação, podemos afirmar que a noção antropológica do homem das vinte-quatro horas é exatamente o que reúne as atividades do dia e da noite, do pensar e do sonhar, da racionalidade e da imaginação, da retificação do conceito e do hipnotismo das imagens poéticas, sendo então aquilo que pode abarcar, reunir e aproximar estas duas esferas da epistemologia e da poética sem deixar de dar o devido valor às suas peculiaridades e diferenças constituintes.

Mais do que isso, a passagem apresenta uma espécie de interferência cruzada, de mútua influência de uma vertente para com a outra, onde elas se “animam reciprocamente”, algo que

³⁷ Atualmente estamos trabalhando na tradução para o português da transcrição dessa palestra contida em uma edição bilíngue (francês e italiano), na qual sugerimos como título: Sonhar acordado. O devaneio lúcido.

³⁸ Pour une détermination complète de l'être humain, il faut donc faire le total d'un être nocturne et d'un être diurne. Il faut essayer de trouver les dynamismes qui vont d'un pôle à l'autre entre songe et pensée... il suffit d'un peu de solitude pour que nous tombions dans une rêverie qui rejoint les songes de la nuit. Oui, nous connaissons tous cette zone moyenne, où les songes. En nous, les caractères nocturnes et les caractères diurnes s'unissent, se mêlent, s'animent réciproquement. Aux heures de grandes solitudes, quand la rêverie nous rend notre être total, nous sommes des dormeurs éveillés, des rêveurs lucides (BACHELARD, 2005b, p. 90-91).

também pode ser pensado como uma retroalimentação tendo em vista que uma impulsiona a outra ainda que sejam aspectos constituintes de um mesmo ser vivente.

Ainda mantendo o foco na citação acima, podemos observar também que não se trata apenas desta concepção de plenitude e complementaridade aplicada entre os dois eixos através de uma antropologia, mas que também esse conceito antropológico está fincado e centralizado na filosofia do autor a partir da sua compreensão filosófica e fenomenológica sobre o devaneio. Como também em *A Psicanálise do Fogo* (2012), Bachelard também caracteriza o devaneio psicologicamente como uma zona intermediária (p. 18), uma zona medial entre a claridade da razão e o escurecimento onírico.

Como já tratamos anteriormente em nossa dissertação quando tratamos mais especificamente sobre o devaneio, tivemos a oportunidade de apontar em qual sentido se destina a oposição de Bachelard em relação aos estudos da psicanálise a respeito dos sonhos e do inconsciente. Assim, tomaremos a lembrança desse tema para reafirmar que o devaneio Bachelard é investigado no sentido de uma zona menos profunda do que a do inconsciente, mais intelectualizada porque está entre a claridade da consciência crítica e as raízes imagéticas do inconsciente, fazendo este papel medial. O devaneio como um “convite ao repouso”, mas que se trata da atividade de “repousar sem dormir” (BACHELARD, 2012, p.22-23).

Retomando a palestra dada na rádio por Bachelard, fica muito explícito como o devaneio enquanto um estágio psicológico desenvolve o papel de conexão entre as vias do pensamento e dos sonhos, entre a atividade diurna e noturna: “Este aspecto sintético do devaneio acordado, onde se unem os valores noturnos e diurnos da alma humana, apela a um exame filosófico.”³⁹ (Bachelard, 2005b, p. 91, trad. nossa). O devaneio, por ser uma zona mediadora é responsável por realizar uma síntese entre os valores diurnos e noturnos, e isso para o autor é a chave de um exame filosófico, o qual não pode deixar de ser realizado, valendo sobretudo destacar a fenomenologia da imaginação a qual trabalhamos nos capítulos anteriores dentro das obras poéticas, sobretudo na *Poética do Devaneio*.

Nesta última obra citada, existe algum tipo de repercussão do tema entre o devaneio e o homem das 24 horas, pois dentro da palestra *Dormeurs éveilles: La rêverie lucide*, Bachelard está deixando claro como existe uma cumplicidade entre as duas vias psicológicas da humanidade, realizando uma união antropológica por uma síntese do diurno e do noturno, como o ponto central, mas ainda sim faz referências diretas ao devaneio como estágio de ligação entre a via da psique diurna e a via da psique noturna.

³⁹Cet aspect synthétique de la rêverie lucide, où viennent s'unir les valeurs nocturnes et diurnes de l'âme humaine, appelle un examen philosophique” (BACHELARD, 2005b, p.91).

E por outro lado, na obra dedicada propriamente ao devaneio como ponto central de sua reflexão, Bachelard, volta a falar sobre como a tarefa de identificação e separação entre as vias diurnas e noturnas é algo profundamente complicado: “É certamente difícil traçar a fronteira que separa os domínios da Psique noturna e da Psique diurna, todavia essa fronteira existe. Há dois centros de ser em nós...” (BACHELARD, 2018, p.142).

Dentro dessa recorrência temática, acaba que podemos observar dentro da filosofia do autor uma certa proximidade do devaneio para com o homem das 24 horas, e vice-versa. Com isso, concluímos que ambos são fundamentais para realização de uma interpretação que queira atingir uma base comum e apontar para uma relação entre os dois caminhos psicológicos do nosso pensamento.

Por conseguinte, a partir de tais referências conclui-se que o conceito antropológico das 24 horas está intrinsecamente relacionado ao devaneio, isto porque tanto o conceito trata de uma perspectiva de complementaridade não só do tecido da filosofia bachelardiana, como também da constituição do ser humano através da alternância e da mútua influência entre os dois eixos do pensamento. Enquanto o devaneio elegido como objeto de estudos da fenomenologia da imaginação no âmbito das considerações estéticas do autor, aparece não somente sobre a vertente noturna, mas como o próprio ponto de conexão e articulação entre as duas vertentes e, por isso, se manifesta como mediador dentro da noção antropológica que nos dispomos a tratar neste subcapítulo.

Em suma, nesta última parte da dissertação foi elaborada uma espécie de rastreamento dentro da filosofia do autor de determinadas passagens que mencionam o conceito antropológico. Nossa tarefa foi a de trazer uma análise e interpretação dessas citações, com foco nas menções feitas pelo autor da dinâmica que surge nas suas produções, e que pode ser utilizada como uma lente antropológica para enxergar uma abertura de relação entre os pólos da epistemologia e da poesia.

Por conclusão, gostaríamos de mencionar que nossa interpretação sobre a dinâmica de alternância entre as atividades dos dois polos fazem menção a uma complementaridade que existe entre eles, não em sentido de opostos antagônicos que se atraem, mas como horizontes diferentes que mutuamente se influenciam.

Conclusão

Para finalizarmos nosso trabalho e concluí-lo pretendemos, como é de praxe, percorrer os principais pontos que compõem a estrutura da pesquisa que, no caso da presente dissertação, foi escolhida uma divisão em três capítulos com três subcapítulos respectivamente.

Mas, além desse exercício de recapitulação dos aspectos que consideramos mais significativos dentro do nosso trabalho, também traremos considerações de três comentadores sobre a dicotomia complementar na filosofia de Bachelard entre a episteme e a poética, entre o lado diurno e noturno.

Os comentadores são respectivamente: Fernando da Silva Machado, com sua metáfora que simboliza os dois lados da filosofia bachelardiana como dois rios. Prof. Dr. Jean-Jacques Wunenburger, chamando atenção para como a interpretação antagônica e incompatível entre as atividades sobre a ciência e a arte podem levar a uma formação esquizomorfa e patológica devido ao desequilíbrio das atividades. Por fim, o filósofo Gilber Durand, na novidade que ele traz para dentro das leituras e interpretações do conjunto das obras bachelardianas, inserindo a compreensão de uma terceira via, de um terceiro eixo que se sustentaria pela composição das interconexões de um eixo ao outro, sugerindo a ideia de que poderíamos pensar num eixo próprio a partir da relação entre os dois eixos do dia e da noite.

Nesse sentido, dentro retomada dos assuntos que tratamos em nossa pesquisa, pretendemos utilizar essas três considerações dos comentadores para reforçar em nossa conclusão os argumentos teóricos que possibilitem a defesa da complementaridade entre os dois eixos por meio das aproximações que tentamos desenhar sobre a dualidade entre ciência e poética, episteme e estética, conceito e imagem, razão e imaginação.

Esferas distintas que elegemos sob o empenho de apresentar suas interconexões, dois núcleos particulares e próximos em pontos que observamos tanto num sentido geral dentro das produções de conhecimento humano, quanto mais precisamente de uma maneira específica dentro filosofia bachelardiana.

Deste modo, colocamos na nossa conclusão três comentários diferentes sobre a complementaridade desses dois eixos na filosofia de Bachelard, a fim de corroborar com a interpretação dessa complementaridade e dessa aproximação que foi proposta e trabalhada ao longo de toda nossa dissertação, além de também reafirmar essa perspectiva aproximativa e complementar dentro da nossa conclusão.

Entendemos a constituição da dinâmica de alternância entre as atividades dessas duas aberturas de criação humana em relação ao mundo, seja através da ciência, seja através da arte e da imaginação, como aquilo que fundamentou e que guiou nossa pesquisa. Ao passo que essa discussão se fez presente de maneira pontual em algumas partes do nosso trabalho, e também

ainda que de maneira indireta, apareceu em todas as partes da pesquisa. Portanto, é um aspecto que contém uma ambiguidade em se apresentar ao mesmo tempo como pano de fundo e como norteadora do nosso trabalho.

Respeitando a ordem cronológica que existe dentro da filosofia bachelardiana optamos por começar pela vertente diurna-epistemológica, apresentando e pontuando quatro conceitos chave que servem como uma ponte de sustentação para nos levar às outras questões que mais nos interessavam dentro de seu lado diurno.

Desta forma, utilizamos os conceitos de *ruptura* e *descontinuidade*, associados a concepção de epistemologia histórica desenvolvida por Bachelard, para pensar a partir da ideia de não acumulação de conhecimento o movimento de avanço que acontece dentro dos saberes pertinentes às atividades científicas.

Nesta parte recorreremos à sua tese de doutorado *Sobre o Conhecimento Aproximado* para trabalhar na noção de avanços em saltos, em superação e descolamento, seja dentro das teorias, dos métodos ou mesmo nos resultados produzidos pelos conhecimentos anteriores.

Estes, cortes, essas rupturas e descontinuidades devem ocorrer numa direção que busque uma maior aproximação e apuração dos níveis de objetividade dos conhecimentos. Bachelard encarando o desenvolvimento da ciência como uma cadência que leve o conhecimento em níveis de objetividade cada vez maiores defende, portanto, que existe um avanço desmedido entre uma teoria e outra, entre uma explicação e outra. Uma diferença desproporcional dos níveis de aproximação delas para com os seus objetos, o que resulta em avanços que podem ser compreendidos por saltos, por quebras, por superação de teorias que chegam a uma precisão objetiva maior do que a anterior a ela.

Chegamos finalmente ao conceito que mais dedicamos nossa atenção e nossos esforços, os *obstáculos epistemológicos*, tendo destaque dentro da obra *A Formação do Espírito Científico*, na qual o autor caracteriza diferentes entraves que se levantam contra a objetivação do conhecimento a ser produzido dentro da atividade científica. Vale aqui a reflexão semântica que coloca em paralelo as noções de obstáculo e de objeto, pelo motivo de terem o mesmo prefixo “ob” que significa aquilo que vem contra que está à frente. A etimologia da palavra obstáculo, vinda do latim, apresenta a composição da palavra em duas partes, a do “ob” como mencionamos, e a “stare” que se estende até a nossa compreensão do verbo: estar.

Seguindo essa compreensão, tanto os objetos quanto os obstáculos são aquilo que se encontram diante de nós, aquilo que está na nossa frente. Mas, especificamente, o obstáculo se coloca como aquilo que dificulta e impede a realização de um movimento de um avanço em sentido de deslocamento.

Apesar da palavra conter esse significado, dentro da filosofia de Bachelard, o obstáculo realmente corresponde a estes entraves, essas dificuldades, até mesmo esses atrasos que se manifestam na linha de desenvolvimento das ciências, porém, para o autor, os obstáculos representam também a afirmação da possibilidade de avanço a partir do momento que eles consigam ser superados, sobrepostos, resolvidos, combatidos e eliminados das relações de produção de conhecimento.

Outra característica importante desse conceito é a sua inseparabilidade do avanço do conhecimento científico, isso quer dizer que, os obstáculos epistemológicos são intrínsecos à atividade científica, intrínsecos ao ato de produção de conhecimento. Os obstáculos não fazem parte só de determinada época dos saberes, ou de determinada crise, mas são constituintes do desenvolvimento do conhecimento objetivo.

Acreditamos ter demonstrado a pertinência desse conceito para repensar o próprio movimento e desenvolvimento das estruturas de conhecimento científico. Conceito que também apareceu em outra parte do nosso trabalho vinculando-se a um diálogo estabelecido para com algumas ideias de Jacques Rancière.⁴⁰

O último conceito desta primeira parte do nosso trabalho foi o de retificação, a valorização do erro como um fomentador da aproximação em relação ao objeto científico mediante o seu reconhecimento e também o esforço em retificá-lo, para que o erro possa se configurar como algo que também avance os saberes, isto é, a partir de suas retificações, chegando a uma compreensão mais precisa e aproximada do real.

No segundo subcapítulo da primeira parte de nosso trabalho, focamos na presença que a psicanálise teve dentro da construção das ideias que o autor teve em sua faceta epistemológica. Sobretudo, evidenciamos conceitos que Bachelard emprestou da teoria psicanalítica para empregá-los em suas reflexões sobre o avanço do conhecimento científico, e assim destacamos que a psicanálise desenvolvida por Bachelard seria algo outro do que a psicanálise freudiana, pois ele reformulou noções da psicanálise e se apropriou delas a ponto de criar algo novo.

O trabalho de identificação que fizemos sobre a influência que a psicanálise exerceu no pensamento diurno de Bachelard se desdobrou também dentro do recorte da obra de 1938 cujo

⁴⁰ Foi desenvolvido um estudo sobre a relação do pensamento de Bachelard e de Rancière na última parte do nosso primeiro capítulo tratando acerca de duas noções do conceito de Inconsciente (científico e estético). E, depois na metade do segundo capítulo onde a interpretação da psicanálise freudiana trazida por Rancière nos ajudou a pensar o movimento de bifurcação dentro da filosofia de Bachelard, bem como na origem de seu pensamento noturno.

subtítulo é *contribuições para psicanálise do conhecimento objetivo*. Ano importante que posteriormente aparece em nossa dissertação de maneira mais destacada e detalhada.

Neste contexto epistemológico no qual os obstáculos não cessam de aparecer, Bachelard construiu uma psicanálise para o conhecimento objetivo, que possa defender os valores objetivos do conhecimento sob os valores subjetivos e particulares dos sujeitos. Esta psicanálise que Bachelard constrói serve não para superar traumas e complexos subjetivos como na psicanálise tradicional, mas sim como uma ferramenta para estabelecer movimento dentro do conhecimento científico, a fim de que ele não estagne em seus obstáculos, não se cristalice nem se petrifique, mas que permaneça aberto e dinâmico para as mudanças que sejam necessárias em seu desenvolvimento.

A psicanálise do conhecimento objeto, no que tange a apresentação que fizemos dela, serve como uma ferramenta epistemológica dentro da dinâmica de avanços das ciências que não é linear, mas sim dinâmica, aberta, hora retificadora e hora revolucionária para combater aos hábitos intelectuais, aos vícios e aos erros.

Onde através de referências como a pesquisadora Dr. Marly Bulcão, adentramos em pormenores de uma *catarse* do espírito científico que pode ser efetuada por esta psicanálise para ajudar tantas nas rupturas quanto nas retificações necessárias ao desenvolvimento científico.

Nestas duas primeiras partes, estávamos apresentando o conteúdo epistemológico desenvolvido por Bachelard, com intuito de investigar esse regime do seu pensamento. O que de certa forma corrobora para nosso objetivo central, mas ainda deixa em segundo plano nossa intenção de pontuar as aproximações e compreensões de complementaridade entre os dois eixos centrais da ciência e da poética.

Já na última parte do primeiro capítulo, trazemos como parte central o nosso esforço em aproximar estas duas vertentes, a relação que desejamos estabelecer entre elas e também a partir de duas noções de inconsciente (científico e estético), a qual nos ajudou a trabalhar sobre complementaridade existente entre os dois eixos que tanto nos interessou ser investigado de modo filosófico.

Realizamos uma reflexão sobre o encontro das vertentes da epistemologia com a poética, atentando às suas complementaridades e alternâncias. Isso foi construído através de um diálogo que estabelecemos entre o conceito de Inconsciente Científico cunhado por Bachelard, este que se encontra entre as noções de psicanálise do conhecimento objetivo e os obstáculos epistemológicos. Paralelamente ao encontro do conceito de *Inconsciente Estético*

criado por Jacques Rancière, apresentado na respectiva obra de 2001, a qual abordamos dentro desta parte da nossa dissertação.

Abreviadamente podemos dizer que Rancière apresenta uma interpretação sobre a psicanálise que sustenta a tese de que Freud só teve a oportunidade de propor sua psicanálise enquanto uma produção de conhecimento científico sobre o inconsciente psíquico, porque antes dele fazer uso dessa zona psicológica para sua teoria, ela já se encontrava dentro do regime estético do pensamento sobre a arte. Tendo em vista que Freud deixou nítidas e variadas suas considerações sobre diferentes manifestações artísticas que apreciava, vindo até mesmo a ganhar um prêmio Goethe em 1930.

Por esses dois encontros de reflexões sobre o inconsciente, chegamos a pensar em termos de conclusão do primeiro capítulo que, a partir desse diálogo entre Bachelard e Rancière, com esta sugestão de leitura que Rancière lança sobre as sustentações e embasamentos da psicanálise sob o campo do regime estético, nos colocamos num caminho de volta a filosofia bachelardiana encarando estrategicamente a entrada da psicanálise no pensamento de Bachelard como o ponto chave que o conduziu o autor de um estudo epistemológico para um estudo estético das imagens.

Promovendo algum tipo de bi-implicação entre estas duas filosofias, a de Bachelard que usa a psicanálise no campo da ciência, mas que também alavanca o campo da poética, e a de Rancière que observa na estrutura da psicanálise freudiana o seu embasamento de determinado regime estético das obras de arte. O que repercute em nossa opinião demonstra uma mútua influência entre as reflexões destes dois filósofos, e que também pode representar a própria dinâmica de bi-implicação entre as áreas filosóficas da epistemologia e da estética.

A ponto de nos colocarmos ainda em construção em projetos de trabalhos futuros, a despeito de uma argumentação sobre as duas vertentes da arte e da ciência corresponderem tanto a um funcionamento do consciente quanto também do inconsciente, pensando que de alguma forma, e qual poderia ser esta maneira, de observar a estrutura de funcionalidade comum do sistema psíquico, tendo em vista um funcionamento integral desse sistema que possa abarcar tanto seus movimentos conscientes quanto os movimentos inconscientes de produção colocados sobre uma mesma espécie de alternância de atividades entre a epistemologia e poética, entre os trabalhos sob conceitos e as atividades de imaginação das imagens.

No início da segunda parte desta dissertação, seguindo nosso objetivo geral do trabalho, continuamos nosso esforço teórico de apresentação das ligações entre os dois eixos que elegemos, adentrando ainda mais na filosofia bachelardiana, demarcamos o ponto de início entre as relações de uma vertente para com outra, um ponto específico no qual acreditamos ter

encontrado mais uma das manifestações desta dinâmica de alternância entre a manifestação destes dois pólos complementares.

Trata-se neste ponto de uma observação dirigida a um determinado recorte teórico e histórico dentro das publicações do autor, sendo este referente às suas duas obras publicadas no ano de 1938, primeiro *A Formação do Espírito Científico* e depois *A Psicanálise do Fogo*.

Elegemos três motivos principais pelos quais esse recorte nos possibilita elaborar uma compreensão sobre a complementaridade existente entre estas duas vertentes. Primeiro porque é em 1938 que pela primeira e única vez Bachelard fez duas publicações no ano, sendo uma para cada eixo do seu pensamento. Segundo, pelo fato de terem temas e problemas comuns dentro dessas duas obras. E, em terceiro e não menos crucial, porque é o ano de publicação da primeira obra voltada às imagens poéticas, ou seja, é o ano do nascimento de sua vertente noturna.

Com estes aspectos pontuados, buscamos desenvolver considerações sobre a alternância de publicações do autor e como ela é traço característico dentro de sua filosofia, acreditamos que seja mesmo o aspecto mais fundamental para uma compreensão de suas reflexões.

Neste ponto de nosso texto, aparece mais destacadamente como apontamos o ano de 1938 como uma noção de origem de toda dinâmica que viria a seguir dentro das publicações de Bachelard.

Em sequência, no segundo tópico do segundo capítulo, tomamos como centro de debate o aparecimento da psicanálise dentro da filosofia de Bachelard por nosso objeto de estudos e, nos dedicamos em compreender em que medida e até qual ponto ela pode ter influenciado o autor a inaugurar e a seguir seus estudos sobre as imagens poéticas.

Isto porque, graças a Rancièrè podemos sustentar filosoficamente o argumento de que a psicanálise pode ser interpretada como tendo suas raízes no âmbito do regime estético. A partir desta argumentação, retornamos a dinâmica de publicações na filosofia de Bachelard para elaborarmos uma análise de seus textos que pudesse sugerir que, a influência da psicanálise foi uma das responsáveis por desencadear essa alternância na vertente de publicações. Ainda mais se considerarmos que foi exatamente no ano de 1938 que ocorreu tanto o nascimento da vertente noturna, quanto também a própria dinâmica de alternância de Bachelard entre seus eixos de publicações.

Com base nesses fatos, procuramos defender a presença da psicanálise na filosofia do autor como uma abertura de horizonte para o estudo da imagem, ainda que ela apareça também de maneira destacada dentro da epistemologia, ela ainda pode ser observada como uma

impulsionadora de Bachelard em suas considerações sobre a imaginação poética se considerarmos a sua presença na primeira obra noturna. O que deixa ainda mais rico a relação que o autor estabeleceu para com a psicanálise, justamente por ela poder ser pensada como uma espécie de motivação para os seus estudos estéticos sobre as imagens e, também como uma chave dinâmica para pensarmos a complementaridade entre os dois polos dada sua participação em ambas as vertentes.

Tendo em vista que nossa pesquisa trata sobre a dinâmica completar entre os eixos da ciência e da poética, quando falamos sobre a psicanálise tentamos demonstrar como ela conseguiu se fazer como uma ponte de diálogo entre os dois pólos da episteme e da estética, posto que ela está presente como uma influenciadora nas duas obras que citamos de Bachelard publicadas na década de trinta e oito.

Na última parte do nosso capítulo relacionamos diferentes referências para com as publicações das obras noturnas de Bachelard, em que ele relaciona de alguma maneira seus estudos sobre as imagens poéticas para com os mitos e as metáforas. Nossas considerações partiram de diferentes autores da área da psicologia, destacamos três: S. Freud, C. Jung e G. Durand. Destes pensadores, respectivamente, os dois primeiros foram influências para Bachelard, enquanto o último na verdade foi influenciado por ele.

Demos ênfase a questão das metáforas na obra *A Psicanálise do Fogo*, sobretudo no final dela, quando Bachelard menciona uma região das imagens imaginadas, das metáforas de metáforas, uma noção estética autêntica e original que ele nos apresenta da seguinte forma: “A imaginação opera no seu extremo, como uma chama, e é na região da metáfora de metáfora... quando o devaneio transforma formas previamente transformadas” (Bachelard, 2012, p. 161). É no ápice da imaginação que se encontram suas funções poéticas, podemos então sintetizar a estética bachelardiana da leitura ativa de poemas como a forma mais refinada da atividade imaginativa.

Mais detalhadamente, Bachelard acredita que as imagens entregues pelo poeta na sua criação de um poema, já configuram uma primeira metáfora, já são o produto da transformação das formas resultante de um devaneio poético. O leitor, por sua vez, entre neste jogo de imagens já transformadas e pode atingir, por meio da imaginação ativa, uma nova transformação das formas apresentadas nas imagens do poema, e assim, suceder a uma região de metáforas de metáforas, visto que o poema é já uma metáfora e a leitura dele pode levar o leitor a uma nova metáfora sobre a que já estava posta.

Mencionamos também os conceitos de mitocrítica e mitoanálise o qual foi desenvolvido por Gilbert Durand, tendo em vista como este autor reconhece a pertinência das contribuições de Bachelard para com as a construção de suas ideias.

Fizemos menção a um texto de Bachelard que ainda foi pouco explorado e no qual acreditamos ter o privilégio de ter podido trabalhá-lo, porque ele trata exatamente das considerações que Bachelard direcionou especificamente ao seu tratamento sobre a mitologia, sendo este texto o prefácio que ele dedicou para obra *O Simbolismo na Mitologia Grega* (1952) de Paul Diel.

Neste prefácio, Bachelard não deixa de se concentrar sobre o valor poético contido nos mitos, por isso se interessa por uma espécie de cosmologia poética dos mitos, onde as imagens poéticas dos mitos aparecem ou transparecem através das forças poéticas e cosmológica das metáforas. Assim, consideramos que o autor deixou considerações importantes ainda que se trata de um breve prefácio, e deixamos aqui a proposição que acreditamos que conclua a suas centrais deste pequeno texto: “Assim, a totalidade do humano, e não um simples aspecto do homem, está presente no mito” (Bachelard, 1991, p. 13).

Dentro do capítulo três, começamos pela exposição da noção de imaginação a partir da filosofia noturna de Bachelard. Nela encontramos a valorização da imaginação colocada como uma faculdade tão importante e fundamental quanto a da razão. Com isso, procuramos evidenciar certa revolução que Bachelard aplica em seu pensamento em relação à tradição filosófica de modo geral, posto que na tradição filosófica se encontra historicamente uma relação hierárquica estabelecida sob o privilégio da razão em detrimento da imaginação.

Portanto, elaboramos uma reconstrução teórica da perspectiva filosófica que Bachelard atribui para os estudos sobre a imaginação, o imaginário e as imagens poéticas. É no campo dos estudos estéticos que Bachelard promove a sua filosofia noturna sobre as imagens poéticas, mas existe também uma contribuição que seu pensamento pode atingir para com os estudos sobre as imagens psicológicas, visto que coloca a imaginação como a função primordial do ser humano: “A imaginação é a força mesma da produção psíquica” (Bachelard, 2012, p. 161).

Então, no período noturno encontra-se a construção de um regime estético do pensamento do autor, bem como suas considerações a respeito da valorização da faculdade imaginação em sua respectiva importância para o sistema psíquico dos seres humanos. Seguindo essa interpretação, salientamos aquilo que Bachelard chamou de “revolução copernicana” no seu constructo estético sobre as imagens poéticas, retomando essa noção a partir também do comentador Dr. Marcelo de Carvalho em seu capítulo na obra *A Poética de Bachelard: um mergulho na imaginação* (2021).

Bachelard menciona esta revolução copernicana no âmbito da imaginação dentro da obra *A Terra e os Devaneios do Repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade* (1948). Sublinhamos os traços semelhantes proposto na teoria kantiana dentro da obra *Crítica da Razão Pura*, sobretudo dentro do capítulo sobre a estética transcendental, tratando sobre as noções *númeno e fenômeno*.

A menção a revolução copernicana torna-se um aspecto interessante para nossa pesquisa, pois a partir dela pudemos colocar em paralelo duas utilizações diferentes em que ambas descentralizam o objeto e centralizam a condição fenomenológica do sujeito frente a ele. Uma menção que se direciona ao conhecimento epistemológico sobre as coisas e a realidade, esta que aparece no interesse de Kant, e a outra se interessa sobre o estudo da imaginação e mais precisamente, a entrega e a aderência que o sujeito pode oferecer para com o processo da imaginação.

Na segunda parte de nosso último capítulo, elaboramos uma reconstrução da teoria bachelardiana a respeito do processo psicológico do devaneio, levando em conta que o devaneio foi o fenômeno psíquico mais privilegiado pelas considerações do autor, sobretudo em sua vertente noturna, mas também na vertente diurna como um dos obstáculos que se interpõem a formação do conhecimento objetivo.

Buscando eliminar a presença dos devaneios na atividade científica, Bachelard acabou cedendo aos devaneios através de seu interesse pelas imagens, tomando o devaneio como o principal fomentador da atividade imaginativa. Identificamos nessa ambiguidade dos estudos sobre o devaneio mais uma das possibilidades de aproximação entre as suas duas vertentes, dado que o devaneio, embora recebendo tratamentos diferentes em cada uma das vertentes, ainda fez-se presente como assunto de interesse em ambas.

Tratando mais especificamente do devaneio estipulado na filosofia bachelardiana, chegamos a conclusão de que ele se trata de um estágio de flexibilidade da consciência, no qual se encontra uma amplitude imaginativa capaz de possibilitar uma conexão maior do sujeito imaginante para com as imagens poéticas.

Trouxemos uma compreensão da vertente noturna de Bachelard, conforme colocada pelo comentador Luis Puelles Romero, como uma teoria da recepção da imagem poética, uma “estética da recepção”, e a partir daí vemos como o devaneio está centralizado em sua teoria como o estágio mais pleno para a construção da múltipla relação imaginária entre poeta (artista), leitor (receptor) e a imagem. Acrescentamos que ainda que se trate de uma reflexão sobre a recepção da imagem poética, não se trata de colocar o leitor numa posição inerte,

estagnada e inativa em relação ao seu contato para com a imagem, mas na verdade se trata de uma relação de produção imaginativa que procura ser desperta dentro do leitor.

Desdobramos a distinção definida pelo autor entre os estudos sobre os sonhos da noite e os estudos sobre o devaneio, como duas camadas de funcionalidade distinta no sistema psíquico, propondo que o tratamento do devaneio se dirige a uma camada mais superficial do psiquismo do que a dos sonhos e, portanto, mais acessível.

Bachelard, sublinha a estrutura dos sonhos noturnos pela cadência que eles têm a um obscurecimento da consciência, a um declínio em direção ao completo inconsciente, enquanto que o fenômeno psíquico do devaneio oferece a possibilidade da presença da consciência em sua realização. Esta diferença já pode ser observada desde a sua primeira obra da vertente noturna, e para o autor, esta é uma diferença que se apresenta de maneira nítida para a fenomenologia, embora acredite em certa similaridade de um estudo psicológico e um estudo fenomenológico sobre o devaneio, ainda sim pretende acentuar sua intenção de realizar um estudo fenomenológico. Chegando a colocar uma exigência de fenomenológica em seus estudos sobre as imagens, como apontado na *Poética do Devaneio*, a exigência de estudá-las como uma “origem psíquica”, compreendê-las pela sua originalidade e a partir delas privilegiar a atividade da imaginação.

Em nosso último subcapítulo da terceira parte da dissertação, decidimos estudar o conceito do homem das 24 horas, pelo motivo de encontrar nele uma certa correspondência da nossa proposta geral de pesquisa que foi a de desenvolver e analisar as interações possíveis entre as duas vertentes.

Ao identificar que nas considerações de Bachelard sobre este conceito, estão contidas muitas de suas reflexões sobre a dinâmica de alternância entre a atividade epistemológica (diurna) e a atividade imaginativa (noturna), escolhemos deixar esta investigação para concluirmos o nosso trabalho porque acreditamos encontrar nela um suporte teórico dentro dos próprios escritos bachelardianos que menciona e sustenta a tese da complementaridade entre as duas vertentes.

Então, realizamos uma busca que se tornou uma espécie de rastreamento das passagens em que Bachelard se refere a este conceito antropológico do homem das 24 horas. De início encontramos uma primeira menção que, curiosamente está contida numa obra epistemológica, intitulada de *Materialismo Racional* e publicada pela primeira vez em 1952.

Nesta primeira aparição encontramos importantes considerações, primeiramente destacamos que Bachelard menciona a necessidade de aceitarmos uma vida dupla dividida entre uma vida racional e onírica, uma vida diurna e noturna. Depois, nela fica explicitada a

fundamentação deste conceito em uma base antropológica, e com isso chegamos a concluir que a configuração das produções e disposições das duas vertentes existem não só na filosofia bachelardiana, mas também como um traço antropológico de todas as produções humanas.

Desta forma, encontramos completa concordância com G. Durand, numa citação que fizemos em nossa introdução, onde ele está dizendo que o homem dispõe de dois meios para transformar o mundo, tanto o meio objetivo da ciência quanto o meio subjetivo da poesia, mitologia e religião (Durand, 1988, p. 66).

Destacamos a palavra transformar pois como vimos através do devaneio o leitor de poemas pode ser um transformador de formas já transformadas. Mais do que isso, recapitulamos a noção do demiurgo criador a qual José Américo Motta Pessanha insere na introdução da tradução da obra bachelardiana *O Direito de Sonhar*: “do homem-demiurgo, artesão, manipulador, criador, fenomenotécnico, obreiro — tanto na ciência quanto na arte” (1994, p. 18).

Ainda dentro do conceito antropológico do homem das 24 horas, também selecionamos um texto bachelardiano no qual estamos trabalhando atualmente na tradução e visando uma publicação futura. Trata-se de uma das conferências que o autor deu para uma rádio que pode ser encontrada em formato de texto na obra *Causeries*, obra que reúne essas palestras dadas entre os anos de 1952 e 1954, e que também já realizamos uma tradução de outras palestras sobre os quatro elementos da matéria, contidas nesta mesma obra⁴¹.

A conferência que nos interessou foi intitulada de *Dormeurs Éveillés - La Rêverie Lucide*, realizada em 19 de janeiro de 1954, um ano após a obra diurna que mencionou o conceito antropológico que escolhemos investigar dentro de sua teoria.

Nesta conferência, Bachelard se refere várias vezes a uma totalidade do ser humano atingida através do devaneio, sendo que o devaneio passar a ser encarado como possibilidade de formular uma síntese entre o diurno e o noturno, o alcance da completude do ser humano por meio dessa atividade que permite “trouver les dynamismes qui vont d'un pôle à l'autre”⁴² (Bachelard, 2005b, p. 90).

O devaneio torna-se a base para a união entre os polos diurnos e noturnos, ele possibilita uma espécie de interação entre esses dois eixos onde eles se apresentam mutuamente: “Cet

⁴¹ BACHELARD, G. *Causeries*. Trad. Gabriel Kafure da Rocha & Nilton Guimarães & Pedro Olivieri Fonseca & Marcelo Martins Kretsch & Cintia Natalia Chrisostimo Petronilo & Amanda Luciana Simão Lança & Luis Filipe Santana Soares. Rev. Kalagatos, v.18, n.1, p. 226-246, 2021.

⁴² Tradução nossa: encontrar os dinamismos que vão de um pólo a outro.

aspect synthétique de la rêverie lucide, où viennent s'unir les valeurs nocturnes et diurnes de l'âme humaine, appelle un examen philosophique”⁴³ (BACHELARD, 2005b, p.92).

Por esta conferência a respeito do devaneio podemos ver como é ele que pode realizar um papel mediador entre as vertentes, uma papel de fronteira que liga a consciência pensante as imagens profundas dos sonhos, ampliando o horizonte de compreensão tanto sobre a atividade de leitura quanto sobre atividade da imaginação, uma união entre o pensamento e os sonhos: “Mais la synthèse du nocturne et du diurne se présente dans bien d'autres domaines et devient plus forte quand elle se réalise en une synthèse de l'idée et de la figure, quand l'imagination et la réflexion s'animent l'une l'autre en une dialectique incessante” (BACHELARD, 2005b, p.104).

Bachelard enuncia a dialética incessante que existe entre as duas vertentes e mostrar o valor que tem uma reflexão que decida colocá-las em paralelo, sobrepondo e relacionando uma a outra, a fim de que isso ocasionasse um de impulsionamento mútuo de uma a outra. Colocando em questão a retroalimentação que se desenvolve dentro da relação entre os dois eixos, posto que eles fomentam as atividades um do outro.

Em vias de conclusão e fechamento do trabalho, após termos colocado várias das considerações de Bachelard a respeito da complementaridade e da dinâmica entre os dois eixos, tanto em sua filosofia como também nas questões que envolvem o conceito antropológico do homem das 24 horas, colocaremos algumas leituras de comentadores da sua obra para pontuarmos essa mútua influência de uma vertente para outra.

Primeiro tomamos a liberdade de emprestar uma ideia contida na dissertação de Fernando da Silva Machado, mais especificamente sobre a metáfora utilizada para explicar a dinâmica de alternância entre as vertentes bachelardianas, desenvolve-se a ideia de dois rios em que as águas correm em sentidos diferentes, mas que finalmente se encontram em algum momento:

[...] revelam sendas que correm separadas, mantendo suas características e condições peculiares, mas que, no entanto, seguem em um mesmo sentido até chegarem ao mesmo ponto, qual seja: à formação do espírito do homem, como dois rios que correm em direções opostas, mas que deságuam no mesmo estuário (Machado, 2017, p. 9).

Pela beleza da imagem sugerida para realizar uma interpretação das relações existente entre as duas vertentes, nos servimos aqui da mesma metáfora, mas propondo um novo sentido

⁴³ Tradução nossa: Este aspecto sintético do devaneio acordado, onde se unem os valores noturnos e diurnos da alma humana, apela a um exame filosófico.

de interpretação. Ao seguir como comparação metafórica a representação das duas vertentes preferimos imaginar, pensar e devanear que a proposta bachelardiana seja menos vinculada a uma teleologia, um objetivo final de encontro das duas vias, mas que na verdade estas duas vias encontram suas origens numa mesma nascente.

Preferimos encarar os eixos da episteme e da poética como dois rios que têm uma mesma nascente, um mesmo ponto de origem inicial, este ponto gestacional comum das duas vertentes é interpretado por nós como sendo a estrutura antropológica do psiquismo humano que conta com essas duas aberturas de produção criativa. Acreditando que a filosofia bachelardiana seja menos preocupada com o encontro final das suas vertentes, mas concentre-se mais em entender a dinâmica de alternância entre elas, bem como sua influência. O que torna ainda mais interessante se pensarmos que elas compartilham um mesmo ponto originário e que assim podem influenciar-se mais diretamente antes mesmo da própria execução prática de sua atividade criativa.

Selecionamos mais duas passagens conclusivas, a primeira é do Prof.Dr. Jean-Jacques Wunenburger em seu artigo de 2001 intitulado: *O Pensamento Renano de Gaston Bachelard: conflito ou aliança da razão e da imaginação?*. Quase ao final do artigo é mencionada uma leitura interpretativa sobre a problemática trazida por uma desproporção entre as atividades das duas vertentes, o autor fala de um “desequilíbrio quase patológico do homem” causada por uma “hipertrofia” cultural em alguma das duas vertentes.

Percebe-se que a fixação em uma das vertentes em detrimento da outra, pode acarretar problemas quase patológicos, um desequilíbrio em níveis psicológicos. Wunenburger desenvolve uma leitura das obras bachelardianas pautada na estrutura “esquizomorfa” de desdobramento sobre as duas vertentes. Propondo que Bachelard dividiu sua filosofia num contexto cultural entre os ramos do intelectualismo epistemológico presente na França e o movimento estético do romantismo alemão, chegando a conclusão de nas obras bachelardianas não se encontra um antagonismo incompatível entre as duas vertentes, mas que no fundo apresentam um sentido de complementaridade existente entre elas (WUNENBURGER, 2003, p.16-21).

Esse debate sobre o desequilíbrio que se desencadeia pela separação antagonista que define as duas vertentes como incompatíveis e inconciliáveis nos remete a nossa última passagem de conclusão, encontrada na obra *A Imaginação Simbólica* do filósofo Gilbert Durand. No capítulo “Hermenêuticas Instauradoras” chamamos a atenção para a existência de um subcapítulo em que Durand se dedicou a tratar da filosofia de Bachelard, tendo em vista que Bachelard faleceu dois anos antes dessa obra ser publicada em 1964.

Nesse momento de sua obra, Durand apresenta sua interpretação da filosofia bachelardiana através de uma análise sobre a hermenêutica simbólica que ele identificou dentro dela. Ele divide o simbolismo na obra de Bachelard em três níveis, numa utilização da interpretação comum dos dois eixos, mas apresentando a possibilidade de um nível próprio para a interação entre eles.

No primeiro nível se trata do trabalho de eliminar o símbolo por meio da objetificação do nível científico, construído respectivamente no regime diurno e epistemológico. O segundo nível, o qual Durand denomina de “setor do sonho”, refere-se ao primeiro tratamento de Bachelard sobre as imagens poética, ainda vinculado a uma *psicanálise do conhecimento objetivo*, com uma certa origem freudiana, na qual trata do símbolo através do esforço de descobrimento do seu significado profundo que está obscurecido de alguma forma pelos sonhos.

Mas, o terceiro nível que é chamado de “setor da palavra humana” é como uma espécie de mediador entre as duas vertentes porque pode reunir “simultaneamente língua e pensamento”. Aqui Durand trás especificamente a questão da linguagem poética e de sua relação para com o pensamento em termos de racionalidade objetiva e consciência, chegando a afirmar que é na linguagem poética que existe então está “encruzilhada humana” (Durand, 1998, p. 61-62). Conclui-se que, mapeando uma simbologia dentro da filosofia de Bachelard, Durand inaugura uma forma muito peculiar de pensar a complementaridade dos eixos da poesia e da ciência, adicionando um terceiro setor simbólico que fomenta a interação entre os dois primeiros, e que representa também um setor próprio, diferenciando-se tanto das compreensões antagônicas, quanto do que podemos chamar de uma complementaridade tradicional.

Para concluir, afirmamos que nosso trabalho apresenta uma leitura sobre a complementaridade complexa existentes entre as duas: vertentes diurna-epistemológica e noturna-poética, pensadas especificamente dentro do pensamento bachelardiano. Podemos colocar e inserir a possibilidade de uma dualidade complementar de modo mais teórico e preciso no campo da filosofia de Bachelard, e de modo mais amplo, dentro das atividades de criações humanas, sendo elas teórico-científicas, e/ou, imaginária-artística.

De certo modo, também extrapolamos os conteúdos estritos das obras bachelardianas, pensando a partir de outros autores como no caso da psicanálise onde trazemos Freud e Rancière. Entretanto, é preciso reconhecer a pertinência e a ligação que se desenha entre a filosofia de Bachelard e a discussão para com a psicanálise e a imaginação. Então, utilizamos destas contribuições de outros autores para elaborar o plano geral de nossa reflexão e interpretação sobre a complementaridade dos dois eixos.

Para ressaltar a dinâmica de complementaridade e alternância entre estas duas vertes, escolhemos estruturar uma espécie de interpretação que reconstruísse os pontos de ligações que existem entre as duas, portanto, definimos nosso trabalho como uma espécie de lusco-ofusco dentro da filosofia de Bachelard, como um momento ambíguo que pode ser visto tanto na passagem da escuridão da noite para o nascer do dia (amanhecer), quanto do final do dia para o começo da noite (entardecer). Nestes dois momentos o dia se conecta com a noite, e a noite se conecta com o dia, os dois simultaneamente dividem seu espaço, o diurno e o noturno se tornam plenamente complementares na sucessividade transitiva de um período para o outro.

Referências Bibliográficas

Obras do autor:

BACHELARD, G. *A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. Ed. Martins Fontes, SP, 1998.

BACHELARD, G. *A Chama de Uma Vela*. Trad. Glória de Carvalho Lins. Ed. Bertrand Brasil S.A. 1989.

BACHELARD, G. *A Filosofia do Não - O Novo Espírito Científico - A Poética do Espaço*. Trad. José Américo Motta Pessanha & Joaquim José Moura Ramos & Roberto Francisco Kuhnen & Antônio da Costa Leal & Lídia do Valle Santos Leal. Coleção Pensadores, SP, 1978.

BACHELARD, G. *A Formação do Espírito Científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Trad. Estela dos Santos Abreu, Ed. Contraponto, 2005.

BACHELARD, G. *A Poética do Devaneio*. Trad. Antônio de Pádua Danesi, Ed. Martins Fontes, 2018.

BACHELARD, G. *A Psicanálise do Fogo*. Trad. Paulo Neves, Ed. Martins Fontes, 2012.

BACHELARD, G. *A Terra e os Devaneios da Vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão, Ed. Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, G. *A Terra e os Devaneios do Repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. Trad. Paulo Neves, Ed. Martins Fontes, 2003.

BACHELARD, G. *A Vocação Científica e a Alma Humana*. p.15-34. In: BACHELARD & SCHRODINGER & AUGER & GUYENOT & SANTILLANA & DUBARLE. *O Homem Perante a Ciência*. Trad. Mário Braga, ed. Publicações Europa-América Lda, 1965.

BACHELARD, G. *Causeries*. Trad. Valerja Chjore. Ed. Il Melangolo, 2005b.

BACHELARD, G. *Estudos*. Intro. Georges Canguilhem. Trad. Estela dos Santos Abreu. Ed. Contraponto, 2004.

BACHELARD, G. *Ensaio Sobre o Conhecimento Aproximado*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Ed. Contraponto, 2004.

BACHELARD, G. Instante Poético e Instante Metafísico, p.93-101. In: *A intuição do Instante*, Trad. Antônio de Pádua Danesi, Ed. Verus, 2010.

BACHELARD, G. *Lautreamont*. Trad. Maria Isabela Braga. Ed. Litoral, Lisboa 1989.

BACHELARD, G. *Materialisme Rationnel*. Paris : Les Presses universitaires de France, 3e édition, 1972. Collection : Nouvelle encyclopédie philosophique.

BACHELARD, G. *O Ar e os Sonhos*: ensaio sobre a imaginação do movimento. Trad. Antônio de Pádua Danesi, 2.^a Ed. Martins Fontes, SP, 2001.

BACHELARD, G. *Prefácio*. In: Diel, P. *O Simbolismo na Mitologia Grega*. Trad. Roberto Cacuro & Marcos Martinho dos Santos. Ed. Attar, SP, 1991.

Obras Póstumas:

BACHELARD, G. *Causeries*. Trad. Gabriel Kafure da Rocha & Nilton Guimarães & Pedro Olivieri Fonseca & Marcelo Martins Kretsch & Cintia Natalia Chrisosttino Petronilo & Amanda Luciana Simão Lança & Luis Filipe Santana Soares. Rev. Kalagatos, v.18, n.1, p. 226-246, 2021.

BACHELARD, G. *Fragmentos de uma Poética do Fogo*. Org. Suzanne Bachelard. Trad. Norma Telles. Ed. Brasiliense. 1990.

BACHELARD, G. *O Direito de Sonhar*. Trad. José Américo M. Pessanha & Jacqueline Raas & Maria Lúcia de Carvalho Monteiro & Maria Isabel Raposo. 4.^a ed. São Paulo: Bertrand, 1994.

BACHELARD, G. *L'Engagement Rationaliste*. Préface: Georges Canguilhem. Collection: Bibliothèque de philosophie contemporaine. Les Presses universitaires de France, 1re édition, Paris, 1972.

Bibliografia secundária de comentadores:

ALMEIDA, F. F. Bachelard e a Filosofia. Rev. *Transformação* v. 26, n. 2, p. 85-92, 2003.

ALMEIDA, F. F.. Ruptura e Conversão: Bachelard e o problema da vida. Rev. *Fragmentos de Cultura* - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, v. 31, n. 1, p. 154-164, jul. 2021.

ALMEIDA, F. F. & MACHADO, F. Para uma Psicanálise, Fenomenologia e História das Ciências em Gaston Bachelard. Rev. *Fragmentos de Cultura* - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, v. 27, n. 2, p. 178-192, 2017.

ARAÚJO, A. F. & ALMEIDA, R. Fundamentos Metodológicos do Imaginário: Mitocrítica e Mitanalise. Rev. *Téssera*, MG, v.1, n.1, p. 18-42, 2018.

ARAÚJO, J. C. Esboço De Uma Interpretação Fenomenológica Da Imaginação Material De Bachelard. Rev. *Phainomenon*, p. 47-61 vol.1, no.1, 2000-2002.

BARBOSA, C. E. S. As Imagens e Leitor em Gaston Bachelard: uma análise baseada na introdução d'A Poética do Espaço. UFG. 2006.

- BARBOSA, E. & BULCÃO, M. *Bachelard: pedagogia da razão e pedagogia da imaginação*. Petrópolis - RJ. Ed. Vozes, 2011.
- BARBOSA, E. Gaston Bachelard e a Fenomenologia da Alma (Seele): a obra de arte como exercício de criatividade para o espectador. In: ROCHA, G. K. *Bachelard, Um Livro Vivo* (Homenagem aos 135 anos de nascimento do filósofo). Editora Phillos, 2019. p. 210-227.
- BENMASOUR, M. O inconsciente se lê e se escreve como um poema: condições poéticas do inconsciente psíquico. *Rev. Psicologia em Estudo*.v. 10, n. 3, p. 463-469, 2005,
- BOLSHAW, M, G. Gaston Bachelard: e a metapoética dos quatro elementos. *Rev. Estética*, USP, 2015.
- BULCÃO, M. Bachelard: A Noção de Imaginação. *Rev. Reflexão Campinas*, n.º 83/84, p. 11-14, 2003.
- BULCÃO, M. Bachelard, imagem e criação: uma análise da poesia primitiva e visceral de Lautréamon. *Rev. Reflexão, Campinas*, 31(89), p. 83-87, 2006.
- BULCÃO, M. Gaston Bachelard e José Américo: um jogo lúdico do filosofar. Natal RN, *Rev. Inter-Legere* (Revista de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN), nº 22, p.43-64, 2018.
- BULCÃO, M. Uma filosofia do não: Bachelard crítico da fenomenologia. In: *Paisagens da Fenomenologia Francesa*. Org. MARQUES, R. V. & MANZI, F. R. Ed. UFPR, p.247-265.
- BULCÃO, M. & CARVALHO, M. & MARCONDES, C & CAMPELLO, M. *A poética de Gaston Bachelard: mergulho na imaginação*. Rio de Janeiro, ed. Multifoco, 2021.
- CÂMARA, A. C. V. Z. A Subjetividade e a Estética Pictórica de Bachelard. *Rev. Escritos* n.º 6, p. 218-234, 2012.
- CAMPELO, A. J. *Gaston Bachelard e Robert Desoille: terapia e teoria da imaginação*. (Tese de Doutorado) UERJ, 2018.
- CAMPELO, A. J. Bachelard e Desoille: teoria da imaginação e terapia. In: *A Poética de Gaston Bachelard: mergulho na imaginação*. Rio de Janeiro, ed. Multifoco, p.481-521, 2021.
- CARVALHO, F. J. *Da Imaginação Criadora da Ciência à Imaginação Criadora da Poesia em Gaston Bachelard*. (Tese de Doutorado) UFPE, 2011.
- CARVALHO, M. J. *Por uma Filosofia do Inexato: dinamismo de polaridades e método em Gaston Bachelard*. (Tese de Doutorado) UERJ, 2013.
- CARVALHO, M. J. Uma Vida em Obra. In: *A Poética de Gaston Bachelard: mergulho na imaginação*. Rio de Janeiro, ed. Multifoco, p.34-86, 2021.
- CESAR, C. M. O Cosmos de Fogo em Gaston Bachelard. In: *A Hermenêutica Francesa. Campinas*. Ed. Alínea, p.127-132, 1996.
- CESAR, C. M.. Bachelard e Desoille: imaginário e promoção de ser. *Rev. Ideação* (UEFS), v. 25(1), p. 101-119, 2011.
- DAGOGNET, F. *Sobre uma Última Imagem da Ciência*. Trad. Marly Bulcão & Marcelo de Carvalho & Marco Antônio Gambô. *Ensaio Filosóficos*, Volume II, 2010.

- DAGOGNET, F. *Le Problème de L'Unité*. Revue Internationale de Philosophie, 38(150 (3)), 245–256, 1984.
- DURAND, G. *A Imaginação Simbólica*. Trad. Liliane Fitipaldi. Ed. Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- FREITAS, A. Apolo-Prometeu e Dioniso: dois perfis mitológicos do homem das 24 horas de Gaston Bachelard. *Rev. Educação e Pesquisa* (USP. Impresso), v. 32, p. 103-116, 2006.
- FREUD, Sigmund. *Interpretação dos Sonhos*. Trad. Paulo César de Souza. Ed. Companhia das Letras, SP. 2009.
- FREUD, Sigmund. *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Imago), vol. 1, 1996.
- GASPAR, A. *Entre o Conceito e a Imagem: o lugar da psicanálise da obra de Bachelard*. Coleção Thesis: Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa (CFCUL), 2010.
- GASPAR, A. O Lugar da Rêverie na Obra de Bachelard. *Rev. Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica*. p.131-141, 2016.
- GOMES, A. L. F. A Educação do Homem das 24 horas. In: GOMES, Ana Laudelina Ferreira. BRITO, Sílvia Barbalho (Orgs.). *Festins de seda. Festival MythosLogos e outras inventices bachelardianas*. Natal: EDUFRN, p.263-271, 2016.
- GOMES, A. L. F. Gaston Bachelard: Ciência e Poesia no Embate Homem-Mundo. In: Sant'Ana, Catarina. *Para ler Gaston Bachelard: ciência e arte*. Ed. Scielo Books & EDUFBA, Salvador, 2010.
- GRANGER, G.-G. Janus Bifrons. *Revue Internationale de Philosophie*, 38(150 (3)), 257–271, 1984.
- JUNG, C. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Trad. Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Ed. Vozes 2ª ed. RJ, 2000.
- JUNG, C. *Os Tipos Psicológicos*. Trad. Álvaro Cabral. Ed. Zahar, RJ, 1976.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Manuela Pinto dos Santos & Alexandre Fradique Morujão. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian 5ª ed. Lisboa, 2001.
- LIBIS, J. Bachelard et le psychisme ascensionnel de Nietzsche. *Rev. Ideação* (UEFS), v. 25(1), p. 91-99, 2011.
- MACHADO, S. F. Diurno e Noturno no pensamento de Gaston Bachelard. *Cadernos do PET Filosofia*, Vol.7, n.13, Jan-Jun, p.11-23, 2016.
- MACHADO, S. F. *O Tempo e a Vida em Gaston Bachelard*. Dissertação em Filosofia pela UFG, 2017.
- MONZANI, Luiz Roberto. O que é filosofia da psicanálise?. *Rev. Philósophos*, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 11-19, 2008.

- MANZI, R. Duas Refutações do Cogito “noturno” de Descartes: as leituras de Sartre e Bachelard. *Rev. Contemplação* n.º 13, p. 53-69, 2016.
- NAMBA, J. A estética Freudiana. *Rev. Sofia* (UFES), Espírito Santo, Brasil, v. 5, n. 1, 2016.
- NASCIMENTO, G. do. Védrine, Hélène. Les grandes conceptions de l’imaginaire. De Platon à Sartre et Lacan. Paris: LGF, 1990. *Educação*, [S. l.], v. 34, n. 3, p. 633–635, 2009.
- NEVES, T. *O Conceito Bachelardiano de Deformação e a Compatibilidade Lógica entre Psicanálise e Ciência*. Dissertação em Psicologia pela UFMG, 2009.
- OLIVEIRA, M E. A figura do poeta em Friedrich von Hardenberg (Novalis) e Gaston Bachelard: algumas considerações. *Trans/Form/Ação*, Universidade Estadual Paulista, Departamento de Filosofia , v. 19, p. 47-59, 1996.
- PERRONE, P. B. M. *A Imaginação Criadora: Jung e Bachelard*. USP-SP, 2013.
- PESSANHA, J. A. M. Introdução. In: BACHELARD, G. *O direito de sonhar*. RJ, Bertrand do Brasil, 1994, p. 5-31.
- PESSANHA, J. A. M. Vida e Obra Bachelard, p.6-13. in: BACHELARD, G. *A Filosofia do Não - O Novo Espírito Científico - A Poética do Espaço*. Coleção: Os pensadores, Trad. Joaquim José Moura Ramos, Remberto Francisco Kuhnen Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo, 1978.
- PESSÔA, V. A. *Gaston Bachelard e a imaginação material e dinâmica*. USP-SP, 2008.
- RANCIÈRE, Jacques. *A Revolução Estética*. In: *New LeftReview*, NLR 14, Março-Abril, 2002.
- RANCIÈRE, Jacques. *O Destino das Imagens*. Trad. Mônica Costa Netto. Ed. Contraponto, RJ, 2012.
- RANCIÈRE, Jacques. *O Inconsciente Estético*. Trad. Mônica Costa Netto. Ed.34, SP. 2009.
- ROCHA, G. K. D.; DE SOUSA, M. F.; DE SOUSA, R. E. X.; KAFURE DA ROCHA, G.; FERREIRA DE SOUSA, M.; XAVIER DE SOUSA, R. E. Bachelard: o contexto do racionalismo epistemológico na filosofia das ciências. *Perspectivas*, v. 1, n. 2, p. 34–51, 2018.
- RODRIGUES, V. H. G. Gaston Bachelard e a sedução poética: a criação de um filosofar onírico. *Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient*, Volume 15, p. 49-71, 2005.
- ROMERO, L. P. La Fenomenología de la Imagem Poética de Gaston Bachelard. *Rev. de filosofia interdisciplinar*, p.335-343, Universidade de Málaga - Espanha, 1988.
- SÁ, J. de. A noção de racionalismo aplicado na obra de Gaston Bachelard. *Array. Griot : Rev. de Filosofia*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 134-153, 2018.
- SAITO, F. “Continuidade” e “Descontinuidade”: o processo da construção do conhecimento científico na história da ciência. *Rev. da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 39, p. 183-194, 2013
- SANT’ANA, Catarina. *Para ler Gaston Bachelard: ciência e arte*. Ed. Scielo Books & EDUFBA, Salvador, 2010.

SILVA, L. B. O. A Fenomenologia da Imaginação na “Poética do Espaço” de Gaston Bachelard. *Rev. Educação*, Dossiê Imaginário e Educação, Vol. 8, N.16, p.329-341, 2013.

SILVA, L. B. O. & TAVERNARD, I. O. & TAVERNAND, J. Imaginação Criadora, Arte Trágico-Poética e Educação das Sensibilidades. *Rev. Inter-legere*, p.18-42, UFRN - Natal RN, 2018.

SISSON, N. & WINOGRAD, M. Bachelard e Freud: fenomenotécnica e psicanálise. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, vol. 64, núm. 3, p. 146-162, 2012.

VOIGT, A. F. Gaston Bachelard e Jacques Rancière: uma revisão comparativa dos problemas entre história, arte e imagem. *Rev. Tempos Históricos (UNIOESTE)*, v. 17, n. 1, p. 93–106, 2000.

VOIGT, A. F. Ritmanálise e poético-análise em Gaston Bachelard: a palavra literária e a história. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, 2011.

VELANES, D. *A Noção de Ruptura Epistemológica no Pensamento de Gaston Bachelard*. Dissertação em Filosofia pela UFBA, 2017.

WUNENBURGER, J.-J. O Pensamento Renano de Gaston Bachelard: conflito ou aliança da razão e da imaginação? Trad. Sueli Ratto. *Rev. Cronos*, Natal-RN, v. 4, n. 1/2, p. 15-22, 2003.

WUNENBURGER, J.-J. Bachelard uma Antropologia do Homem Integral. In: ROCHA, G. K. *Bachelard, Um Livro Vivo* (Homenagem aos 135 anos de nascimento do filósofo). Editora Phillos, 2019. p. 26-33.